

# REZISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA DE FERREIRA BORJES

Officina tipográfica

12 — Rua da Moeda — 14

N.º 937

COIMBRA — Domingo, 18 de setembro de 1904

10.º ANO

## As aplicações da química

Ne humana sciência poderá, com melhor direito, reclamar a honra de ter modificadas as condições da vida moderna, do que a química. A comodidade e o conforto, que a civilização tem espalhado por toda a superfície do globo, encontra a sua raiz principal nos progressos da química. As indústrias e as artes são-lhe devidoras duma contribuição enorme. A luta do industrialismo, a luta dos povos na conquista dos mercados mundiais, reduziu-se, em última análise, a uma luta da química aplicada. A prodigiosa expansão alemã deriva do avanço em que, em todas as fabricas, se encontra a química. A transformação da ulha, da sua ulha inferior, que a química valorizou, inundou o mundo de matérias corantes artificiais; industria nova e potente que arruinou para sempre a industria agricola da França no tocante a matérias corantes naturais. — É uma ilusão crer o prestígio da Alemanha na força dos seus exércitos, como se a prosperidade dos povos pudesse acazo sair da alma dos seus canhões. A guerra não é um cadinho depurador da raça; é um forno que consome improdutivamente a elite fisiológica da população, contribuindo assim poderosamente para o seu abastardamento. Se a Alemanha não tivesse inventado a arte de produzir muito e barato, não teria hoje o respeito das nações, nem poderia fornecer aos seus filhos o bem estar de que gozam, embora vencedora nas lutas de 70. Os tecidos, as materias corantes, a metalurgia, as quinquelharías, os productos químicos e medicamentos, as peles curtidas, etc., etc., que da Germania tem invadido os mercados, representam uma conquista mil vezes superior á das boionetas.

Na preparação de todos esses productos encontramos sempre, como influencia proxima ou remota, essa bela sciência, que a França jerou, mas que a Alemanha sollicitamente cultivou e trouxe ao estado de maturação em que hoje se acha — a química aplicada. Esta sciência que fórma a base da industria moderna, e que nem a medicina nem a hygiene podem dispensar, é quasi ignorada em Portugal. E comtudo a estatística do acido sulfurico e da soda dá melhor ideia da civilização dum povo do que a coleção de leis publicadas no *Diario do Governo*.

Emquanto os nossos directores se não compenetrarem desta verdade escuzado será empurrar a maquina com bálas de papel. Enferrujada como está, emperrou e assim não andámos.

A nossa feição ináta de contemplativos, e a consequente abulia muscular, tornou o ensino em Portugal uma especie de escolastica a que não rezistem nem as sciencias positivas e de experiencia, como a química por exemplo. No

seu ensino, lê-se um livro, ás vezes bem feito, e ouvem-se o professor falar dalguns outros livros que leu. O professor ensina o mais que pôde e o melhor que pôde, alinhando os simbolos no quadro preto, e que entala dentro dos sinais +, como pelotéis irtos e aguerridos de atomos e moléculas. Da sua colizão surjem novos pelotéis, novos grupos que se alinhão friamente, não menos irtos e aguerridos, da outra banda do sinal —. A doutrina é exposta, comentada e criticada até... chegar o fim do ano. O aluno, esse, supórta a primeira parte do ano a esperar pelas férias do Natal, a segunda a meditar nas da Pascoa, e a terceira a procurar áttivamente uns empenhos e recommendações (é o unico exercicio muscular em voga neste país) para sair aprovado ou distinto, consoante a força politica do recommendado. O professor é de pedra, estamos certos que o é, mas nem por isso as coisas mudão no ano seguinte. A química teórica é realmente interessante; as combinações e introdução de radicais na fórmula molecular, donde nascem corpos novos, é um exercicio atraente, mas que se torna depressa enfadonho quando se não podem apreciar as propriedades desses corpos, palpando, vendo ou cheirando. A química torna-se uma especie de metafizica esteril quando não passa do livro para o laboratório e do laboratório para o campo das applicações uteis. Comtudo não esqueçamos que em nenhuma sciencia a parte teórica é mais importante do que na química; todos sabem como a teoria atomica abriu aos alemães o mundo das materias corantes, que ficou fechado para a França por ordem do sr. Berthelot com a doutrina dos equivalentes. Não á exemplo mais notavel do valor duma teoria, nem mais significativo da ação pernicioso do dogmatismo scientifico, encarnado na intolerancia dum grande ómem, que dispunha inteiramente do ensino official. A França, está, em química, 20 anos atrazada da Alemanha, graças á teoria dos equivalentes sustentada por Berthelot.

Em Portugal a química, e o mesmo quasi podemos dizer das outras sciencias naturais, não está adiantada nem atrazada porque não existe a bem dizer (\*).

O ensino official tem a feição do enciclopedismo, de aristocracia, desta aristocracia á velho rejimem, que odeia todos os trabalhos mecanicos, porque desclassificação. Aristocracia que deixaria crescer as unhas de palmo e meio, á maneira dos animais, para mostrar a sua nobre ociosidade, se as unhas cres-

(\*) Não é nosso intento atenuar o valor real dalguns ómens eminentes, que, graças a Deus, ainda possuímos; mas as descobertas portuguezas, no dominio da sciencia, são tão poucas e tão pequenas que bem se pôde dizer que figuramos de zero, na história da sciencia. Somos méros consumidores do saber estrangeiro, e isso mesmo em pequena escala.

cidas até á palma mão não fossem um estigma de má nota.

É, em grande parte, a indolencia, a preguiça, o tédio pelo trabalho mecânico que esterilisa o nosso ensino das sciencias. Com a nossa química official, com os melhores dos nossos diplomas scientificos, um individuo colocado numa «ilha misteriosa» e dezerta, como certo personagem de Julio Verne, achar-se-ia atado de pés e mãos, incapás de utilizar as forças brutas que a natureza puzesse ao alcance da sua enciclopedica incompetencia. Urje reformar este estado anormal para onra do ensino e para bem do país. Á professores de boa vontade, não o ignoramos, com orientação, mas sem recursos; o material de ensino pratico não existe, porque as retortas e os cadinhos não se adquirem sem dinheiro, e o Estado tem mais em que gastar o que lhe pertence. Mas não nos illuda nós; o governo, seja elle quem fór, não resiste a uma corrente forte, formada por todos os que entendem das coisas scientificas, por todos os que estão resolvidos a trabalhar em favor do país fóra das coligações eleitorais e dos interesses das clientelas.

É indispensavel acabar com o vergonhoso estado em que nos encontramos.

A França não é um país modelo em materia de instrução pública; mas apesar disso, desde á muito que o farmaceutico francês é capás de fazer uma analyse completa de urinas, de aguas, de leite, de manteiga, etc. O farmaceutico, em França, possui em regra um polarimetro, com que trabalha, instrumento cabalístico que entre nós serve apenas a alguns iniciados. Por isso não temos um serviço regular nos diversos ramos de administração pública (salvo raras exceções) quando esse serviço implica investigações numerosas e aturadas no campo da analyse química. Depois dum curso (pódem incluir-se quasi todos os nossos cursos) em que o palavriado, a discussão e a oratoria são as alavancas principais do successo, o diploma encontra-se abilitado, quando muito, para burocrata, ser inferior e passivo, que acata submisso as ordens dos superiores e que nos casos mais felices chegará até ao parlamento para bordar frases de alambicada retórica, sobre assuntos de cujo fundo nada entende.

O nosso ensino não prepara os individuos para a produção. Ora, a riqueza pública aumenta pela utilização das energias encerradas na matéria, e pela applicação dessas energias á produção dos artigos necessários a vida, quer no terreno agricola quer no campo da industria. A tecnologia é a sciencia que concús a esse desideratum, e essa precisamente que nós deixámos de parte, que nós trocámos por um pedaço de oratoria ou por uma divagação sentimental e metafizica que não leva a nada a não ser ao efeito da occasião. Ás vezes, porém, quando um bello talento se dedica cordialmente ao fabrico e cul-

tura de frases, a sua immortalidade está assegurada, e até talvez uma estatua! Confundimos o verdadeiro valor do sábio com o mérito do artista; e, nesta confusão, vamos recitando, piedosamente, aos nossos filhos, essas frases bem achadas, essas trouvailes, únicas descobertas que constituem, em geral, o precioso legado dos nossos grandes mortos. Porisso ai abundão os idiologos, discursadores e argumentadores subtis, capazes de embarçar um Pasteur ou um Lavoziér, portas a dentro duma Academia, mas absolutamente incapazes de os seguirem, um só quarto de hora, num laboratório.

Quem tem viajado pela Europa tem mais duma vés sentido a inferioridade do nosso ensino técnico. Um lente, dum dos nossos melhores institutos de ensino superior, aliás muito talentoso e trabalhador, conta que nunca, nas suas viagens, teve corajem para se apresentar na qualidade de professor, pelo receio de que ao vizitar um muzeu ou laboratório da sua especialidade, a onra do país se sentisse umilhada, na sua pessoa, diante de qualquer infimo preparador ou demonstrador de física e química. É que este professor, como o umilde que subscreve estas linhas, avia chegado á sua cadeira unicamente, ou quasi, pelos degraus do livro e do argumento.

Somos um país onde o papel é tudo; o papel impresso faz o sábio, o papel manuscrito faz o burocrata, mas nem o sábio (á moda luzitana) nem o burocrata, são elementos do progresso, de riqueza e de civilização. Michelet tinha notado que avia povos do livro e povos da natureza; escapou-lhe o povo do papel.

Quem estudar a psicologia desta nossa orientação, encontra no fundo, entre couzas diversas, a importante cauza do nosso atrazo — a preguiça muscular, o orror da ação. O trabalho, o dispndio da enerjia muscular e nervosa, disciplinadamente, em harmonia com a aquisição dum fim, é o grande espantallo, o grande castigo bíblico que do primeiro ómem se distinguiu sobre o jénero umão. Todas as complacencias, todos os sacrificios da dignidade, tudo, até a fome no emprego mal remunerado, tudo é admissivel comquanto que se não trabalhe por conta propria, e se não viva independente á custa do esforço pessoal. Daqui nasce a cotação em que é tido o funcionário, o administrador, que dispõe da influencia junto do ministro distribuidor das sinecuras; daqui nasce o desprezo pelas applicações da sciencia que obrigão a manipulações mecánicas, e a um labor obscuro, muitas vezes enfadonho, mas quasi sempre benéfico para a humanidade e útil aos progressos da sciencia. Se o trabalho fosse sufficientemente onrado, e remunerado, se o prazer que ilumina a consciencia, depois da realização dum trabalho útil, fosse acessivel á maioria dos nossos conterrâneos, não teriamos a lamentar as insuficiencias da fiscalização sanitaria, que se

traduzem principalmente na falta de policia das aguas e de exame dos alimentos, que a falsificação desnatura sem receio, porque conta com a auzencia de quimicos e de laboratorios, capazes de descobrir a fraude. É lamentavel que a inspecção sanitaria disponha apenas de um laboratório para efetuar a fiscalização dos jeneros de consumo, o laboratório de Lisboa, auxiliado pelo laboratório da Faculdade de Medicina, que, por falta de pessoal e de meios, não pôde até hoje incumbir-se de mais que o distrito de Coimbra. O norte do país, até ao fim de 1903, foi servido por um laboratório do Porto, o laboratório quimico-agricola, que tão bons serviços prestou, mas que oje está proibido de colaborar na obra rejenadora da fiscalização alimentar, iniciada em 1902 pelo decreto de 23 de agosto. O que temos de química aplicada, nos dominios do serviço publico, é muito escasso e muito pouco para as necessidades do país; e esse pouco não tem infelizmente o destino que melhor se armoniza com as vantagens e as conveniencias da nação. É ainda a peste da burocracia, no seu glorioso mister de empalar. Por isso, á pouco, encontrámos uma especialidade de café, vendida por uma casa do Portanto, bom preço, lindamente falsificado. Em Espinho temos reconhecido que descaradamente se pratica fraude analoga. O que irá no resto não sabemos porque não dispomos aqui de meios convenientes de analyse. O falsificador conhece as forças da fiscalização pública, e não ignora a impotencia dos particulares, graças ao conhecimento que tem da fecundidade da nossa sciencia official.

Serras e Silva.

## “O MUNDO,”

Entrou ontem no quinto ano da sua publicação o nosso coléga da capital *O Mundo*.

Cordialmente felicitámos França Borjes pelo aniversário do jornal a que tem sacrificado toda a sua atividade e a que tem dado todo o talento brilhante que anima a sua alma de lutador.

*O Mundo* é um dos jornais a que mais deve o partido republicano pela intensidade da sua propaganda, sempre áttiva, por vezes violenta.

Pouco a pouco este jornal tem-se imposto á opinião; os seus artigos, que a imprensa monárquica finja não ler, são oje procurados com interesse e dão lugar ás mais animadas discussões.

Délas se tem saído sempre com onra para França Borjes e vantajem para o partido republicano.

*O Mundo* é oje um jornal lido com interesse por todas as classes da sociedade portugueza, e, se é citado por todas pelo excludivismo das suas opiniões politicas, pelo fogo e paixão com que defende o ideal republicano, é também assinalado por todas pela sua sinceridade, pela verdade com que que é escrito.

É que o *Mundo* é um jornal raro em Portugal: o *Mundo* é dos poucos jornais que em Portugal são feitos por um jornalista apaixonado pela sua profissão, sacrificando a saúde e a vida para dar ao seu jornal toda a intensa vitalidade de lutador que o caracteriza.



Quem vê França Borjes na rua, quem ouve a sua voz lenta e cançada, a pouca animação com que segue a conversa sobre o motivo favorito do dia, não é capaz de imaginar a energia de que dispõe este lutador excepcional, e que dia a dia dispõe na elaboração d’O Mundo.

Só se compreende o singular esforço de França Borjes, quando, alta noute se procura na redação d’O Mundo.

O seu olhar febril, o movimento rápido e sacudido com que escreve os seus artigos numa letra larga e aparentemente fácil de ler, a attenção distraída e inquieta com que ouve o que se lhe diz, a irritação nervosa da sua voz que procura afastar tudo o que possa interromper os artigos, que possa fazer fugir a ideia que, de momento, o domina, tudo indica que toda a força da sua intelligência, toda a actividade do seu ser está absolutamente preza pela elaboração do Mundo.

França Borjes não parece ter na terra outros cuidados do que o de fazer o seu jornal; não tem outra ideia a domina-lo que a da república.

E’ por isso que a Resistência felicita França Borjes pela excelsa alegria que deve adoçar-lhe agora a sua vida amarga de lutador.

A mesma alegria tem todos os que advogão a cauza da república e para quem a vida de França Bórges é um exemplo de trabalho prezistente, de actividade jenerosa.

Saudando o Mundo, a redação da Resistência envia a França Borjes um grande abraço.

### Pela boca morre o peixe...

D’O Primeiro de Janeiro:

A semana politica ameaça de fechar-se com a definitiva nomeação do sr. Antonio d’Azevedo Castello Branco para a vaga do conselho d’Estado. A cisão entre o sr. Intze e o sr. João Franco continúa a fazer que alcancem as mesmas altas posições muitos dos que, por outra forma a não obterão.

As condições praticas que concorrem no sr. Antonio d’Azevedo, que só tem de idealista e poeta o acolcheter rimas e que na vida é duma proza muito utilitária e comoda, a sua filozofia pachorrenta de tudo aproveitar e por nada se incomodar, a situação do sr. Intze que quer colar amigos por beneficios ou onrarias, a fim de que lhe não fujão, tudo isto — sem contestar quaisquer mercimentos e qualidades que o sr. Antonio d’Azevedo possua — deu-lhe agora o logar no conselho d’Estado. A politica portugueza está sendo como a antiga cõrte portugueza de que dizia um dos nossos maiores poetas:

Medraria este rapás  
Na cõrte mais que ninguem,  
Porque lá não fazem bem  
Senão a quem menos fás!

Se a memória me não atraiçõa, são estes os versos; os quais, applicados aos partidos e agrupamentos da politica portugueza, tem uma grande verdade.

O sr. Antonio d’Azevedo, além desta onraria, ficará na vice-presidencia da camara dos pares, sendo o logar de presidente occupado pelo sr. conselheiro Morais Carvalho, que, tendo aliás incontestaveis e altas qualidades de intelligencia e de carater, sendo um parlamentar de muito valôr, alcançou os mais altos cargos e até um logar rendozissimo, dizendo sempre... que nada quer. Os que nada querem são, em jeral, os que mais apanhão...

Accite-se a confissão do réo, apesar de não fazer fé, á face da lei.

O sr. Alpoim tem andado toda a vida a dizer que não pede nada nem para ele nem para a familia.

Devem por isso ter muito ele... e a familia.

Ou não á lojica neste abençoado torrão, que, ao que se lê, nada em felicidades evangelicas.

Os últimos serão os primeiros...

Nada pede o sr. Alpoim; por isso Deus o fadou gordo como Silêno, louro como Apolo, salvo o devido respeito ao sr. bispo-conde, que arrematou o último lote de comparações olimpicas.

Nada pede, tudo arranja.  
Agora arranhou até o sr. Arroio.  
Apanhou a sorte grande!

### Comissão Municipal Republicana de Lisboa

Com grande concorrência de correligionários — o que prova o interesse que o ato despertou — realizou-se na quarta feira, no centro da rua da Madalena, a eleição da Comissão Municipal Republicana de Lisboa, que deu o seguinte resultado:

**Efetivos** — Dr. Afonso Lemos, médico; Alfredo de Souza Leal, comerciante; dr. Alfredo Schultz, médico; António Ferreira, farmacêutico; Bernardino dos Santos Carneiro, comerciante; dr. Francisco Ramos da Cruz, advogado; dr. João Duarte de Meneses, advogado; João José Dinis, industrial; dr. João Rodrigues Chaves, médico; dr. José Francisco d’Azevedo e Silva, advogado; dr. José Guerreiro Nuno, médico; dr. Manuel d’Arriaga, professor e advogado; Manuel Caitano Alves, comerciante; Manuel Fernandes Pereira, negociante; Tomás José de Aquino, contabilista.

**Suplentes** — Adelino Bairrão Ruivo, farmacêutico; dr. Alexandre Braga, advogado; António Batista Gomes, comerciante; António da Silva, proprietário e comerciante; Anselmo Duarte Campos, comerciante; Guilherme Correia Saraiva Lima, comerciante; Fernão Bêto Machado, solicitador; dr. João Luis da Fonseca, médico; dr. João Pedro d’Almeida, médico; dr. Julio Mendes, médico; Luis Carlos Deroué, aluno de medicina; dr. Manuel José Ferreira Troncho, médico; dr. Pedro Rocha, contabilista; Tomé José de Barros Queiros, comerciante; Manuel Vicente Nunes, comerciante.

A eleição, que começou pelas 9 horas, concluiu depois da uma e meia da madrugada, sendo os trabalhos eleitorais prezididos pelo sr. Jozué Narcizo dos Santos, secretariado pelos srs. Ardrade Nêves e Carlos Cruz.

Antes de se encerrar a sessão deliberou-se dar um voto de confiança á méza para convocar dentro de breves dias uma reunião das comissões parquiais.

Os eleitos devem tomar posse proximamente.

Saiu ontem no rápido para Lisboa o sr. Pedro Celestino da Costa, que do comando de infantaria 23 foi transferido para director da escola pratica de infantaria em Mafra.

O sr. Pedro Celestino da Costa é um official intelligente, de uma rara actividade, e conhecedor dos assuntos proficcionais.

No pouco tempo que esteve commandando o regimento de infantaria 23, fêz-se respeitar e estimar pela direcção que soube imprimir a todos os serviços, salientando-se a forma como se ouve durante todo o periodo preparatório das manobras.

Durante as manobras não foi menos para notar a sua attitudе vijilante, atendendo a todos os serviços, correndo o acampamento, inspecionando tudo e tudo dirigindo. Era sempre o primeiro a apparecer e o último a retirar-se, quando era necessário, fazendo verdadeiros prodigios a sua actividade e o seu zelo.

O sr. Pedro Celestino da Costa deve dar um excelente director da escola pratica de infantaria.

Não lhe falta intelligência, sabêr, capacidade e boa vontade.

A estação do caminho de ferro foi despedir-se do briço commandante toda a officialidade de infantaria 23.

Estêve ente ontem nesta cidade o sr. conselheiro Madeira Pinto, que, como de costume visitou a escola industrial Brotéro.

Foi enviado pelo governo civil, para Lisboa, para receber aprovação superior, o regulamento do posto de desinfectão da Figueira da Fós.

### Do Diario de Notícias:

«Segundo nos consta o sr. conselheiro João Arroio escreveu uma carta ao sr. conselheiro Intze Ribeiro, comunicando-lhe que se desligava do partido rejenerador.»

Sai a sr. Arroio com armas e bagagens do partido rejenerador.

O diabo é se se lembra de exibir o ino do Fontes que lhe pertence por erança paterna.

Partido sem isso, é partido morto no nosso país.

Portugal é terra de excelentes músicos...

### Muzeu de antiguidades

Têm continuado as obras para ampliação deste muzeu, estando já demolida a parede que separava o pátio, ultimamente apropriado para sala de exposição, da caza que o Instituto modernamente adquiriu e que cedeu á secção de arqueologia.

Fica assim o muzeu com uma vasta sala, iluminada superiormente, e que por isso dará largas superficies para a exposição dos objetos artisticos.

Além da secção de escultura em madeira, que brevemente será ampliada com novas aquisições, A. Augusto Gonçalves trata de expôr a pequena coleção de moedas, que existia no Instituto e que por ora não tem sido exposta.

Bom seria vêr se a Universidade se rezolvia a depositar no muzeu a coleção de moedas da Bibliotheca da Universidade, que na parte relativa a Portugal é insignificante, e não tem na Bibliotheca outra vantagem que a de fazer dizer tollices facteis a brasileiros em maré de ostentar erudição.

Além disso, o movel em que estas coleções estão é dum gosto detestavel e nada D. João V.

E’ verdade que tal movel assigna gratidão da Universidade por uma oferta jenerosa; mas é bom deixar o mau gosto para a gratidão dos cemitérios.

Estamos certos de que da parte do sr. director da Bibliotheca não averá duvida para a remoção daquêle monstro que é da melhor madeira e do peor gosto.

Está em Lisboa o sr. dr. Dias da Silva, presidente da camara municipal de Coimbra.

Foi tratar da municipalização da iluminação a gás, cujo contrato provizório foi já enviado pelo sr. governador civil para Lisboa á aprovação do ministério do reino.

Para se reduzir a escritura restará apenas a aprovação pela assembleia jeral dos acionistas.

Tudo isto deve estar feito até ao fim do mês corrente; por isso o sr. dr. Dias da Silva foi patrocinar e seguir de perto os desejos da vereação a que prezide.

Tem continuado a affluencia de visitantes a Coimbra, notando-se ultimamente muitos estrangeiros.

Vêm-se também já de volta de férias muitas familias; outras estão de passagem a preparar as installações para o próximo anno letivo.

### Manobras

D’O Mundo:

Segundo ontem corria, está aberto um incidente grave entre uma dama e o sr. presidente do Conselho, em consequencia da proibição das festas da Imaculada na capela da Memória.

Ao que ainda se acrescentava, o incidente é de molde a provocar uma crise — crise que aiás o sr. Intze tem imenso empenho em vêr dar-se, conhecida como é a insistencia dos srs. Pimental Pinto e Rafael Gorjão em saírem do Ministerio.

Veremos em que fica o incidente.

Não podêr sair a tua infantaria!  
Tem paciencia, filha!

Já regressou do Jerês, com sua familia o nosso amigo e correligionário sr. Albino Caetano da Silva, proprietário da Tipografia Auxiliãr d’Escritório, um dos estabelecimentos mais antigos e acreditados de Coimbra.

Tem estado em Coimbra o sr. dr. Antonio Orta presidente da relação de Loanda.

Estão fixados na administração do concelho os editais para o casamento civil de Manuel de Matos, apontador de obras publicas no ultramar, e ao serviço do ministério da marinha com Maria da Conceição Matos, desta cidade.

Faleceu em Vizeu, após três dias do falecimento de sua espôza, o sr. Frederico Pires, pai dos srs. drs. Antonio Pires, que concluiu este anno a sua formatura na Faculdade de Direito, e Alfredo Pires, médico pela Escola Médico-Cirurgica do Pôrto.

Sentidos pêsames á familia enlutada.

### Quatro annos

Neste artigo de fundo publicado pelo nosso colega O Mundo, está assignalada com toda a justiça a sua acção no nosso meio, a sua obra de quatro annos.

Transcrevemo-lo com a satisfação que nos dá vêr onrado o partido, em que militamos, com a obra deste lutador excelsional.

Passão ôje quatro annos sobre o nas cimento do Mundo. Acidentada vida, de vastas tormentas, de extenuante luta, tem sido a que temos vindo a sustentar. Nada nos tem faltado a tornar-nos espinhoza a missão que nos impuzemos e que não começou com a aparição do Mundo, sucessor da Patria, arbitraria e ilegalmente suprimida. A’ frente, tem apparecido a perseguição do governo, levada a limites que nunca se podem esquecer facilmente. Em volta, outros elementos, muitas vezes arvorados em surpresas, têm secundado a acção do poder. Todavia, é sem desconsolo nem dezaletos que registamos a data de ôje. Recebemo-la autes com prazer que chéga mesmo a têr alguma coisa de desvanecimento.

O Mundo não levou a moralidade ás rejões do poder, o Mundo não fêz a Republica, o Mundo não conseguiu a reorganização da sociedade sob bases de justiça, mas o Mundo está bem longe de ter representado um papel dissolvênte, ou sequer inutil, no meio em que se jero o vive. Não foi porta-estandarte de nenhum grande movimento que levantasse a nação, mas está longe e bem longe de responsabilidades na sua decadência.

Orgão da opinião republicana, tem procurado onestamente servir os seus principios, tirando nos factos de dia a dia os grandes argumentos para demonstrar que não é sob uma fórmula inconstitucional, demais a mais deturpada e avariada, que o seu país e os cidadãos que o compõem podem encontrar a felicidade a que tem direito. E bem ampla, bem larga tem sido essa politica republicana do Mundo, estimando e considerando todos que são sinceramente republicanos, distinguindo só os que mais trabalhão, fujindo até das sombras de dissidencias, não procurando cõterios e dilijenciando, pelo contrario, concorrêr para a concentração de todos os esforços e de todas as boas vontades. A nossa politica republicana — é para todos os republicanos. Se muito não fizemos pela cauza, foi porque não soubemos. Mas temos dilijenciado sempre fazer o mais que possível.

Jornal de combate como tem de sêr essencialmente entre nós um jornal republicano porque a vulgarização dos principios está feita e é necessária principalmente a exemplificação pelos factos O Mundo não tem combatido ás cegas, mas tem combatido com consciencia, coerência e energia. Tem sabido distinguir, e é assim que êle, sendo alvo dos ódios de todos os dezonéstos, tem a estima dos onéstos de todos os partidos. A provas d’essas sympathias, prestadas dia a dia sem manifestações publicas, fôrão-lhe dadas, durante a ultima sessão legislativa, no próprio Parlamento exclusivamente monárquico. Na camara alta, foi um óm em quem todo o país tem ôje os olhos — o sr. jeneral Dantas Baracho — que se referiu a êste jornal com palavras de deferencia. Na camara elêiva, foi um dos poucos ómens socialmente cotados que se encontrão no rotativismo, o sr. Francisco José Machado — que teve referencias amaveis para o Mundo. A par e passo, O Mundo conta com a má vontade dos intzes, dos alpins, dos paços, dos centenos — de toda a caterva de parazitas da sociedade portugueza. E’, ainda, um motivo de orgulho. E’, ainda, a justificação e o aplauzo da nossa existencia.

O Mundo tem sido mais que um jornal republicano e um jornal de combate, dentro de formulas restritas, acanhadamente partidarias. Não á sofrimento derivado de flagrante iniquidade que aqui não tenha encontrado um entuziastico patronato, não á cauza de justiça que não tenha merecido o nosso apoio; não á miséria social que não enha provocado o nosso protesto. O Mundo tem procurado ser mais que um defensor de ideias jenerozas. Tem querido ser um orgão de sentimentos justos. E os coraçõis jenerozos que nos tem acompanhado tem-nos ajudado a conseguir alguma coisa da missão que o Mundo se impôs.

Porque o Mundo tem sido um apostolo sincero de principios levan-

tados, porque tem sido um combatente consciencioso e porque tem sido um defensor da Justiça, cremos que está longe de ter representado um papel pernicioso ou sequer inutil.

Com essa consoladora convicção, entramos no 5.º anno da nossa existencia, agradecendo do coração as tantas tão prestantes e tão amigaveis cooperações que constituem a razão de sêr d’essa existencia, e rogando que no las mantênhão para que o Mundo possa continuar a acção de que se vangloria.

Aos jornais republicanos das provincias, grupos democraticos e associações operarias liberais de todo o país, etc.

O Comité Nacional de Livres Pensamento pede a todos os jornais republicanos das provincias, grupos democraticos, associações operarias liberais de todo o país, etc, que dezerjem aderir ao Congresso Internacional de Livre Pensamento, que se realiza em Roma, no corrente mês, comuniquem quanto antes as suas rezoluções a tal respeito ao mesmo Comité, rua dos Douradores 222, 2.º etc. Lisboa, afim de que o delegado portuguez sr. Magalhães Lima, director da Vanguarda tome conhecimento de mais essas representações — O secretario da Comité Nacional.

### Bisca

O nosso coléga a Correspondencia de Coimbra transcreveu no seu ultimo numero a nossa local sobre o caminho de ferro de Arganil.

São pecados veniaes e lá diz o ditado que não é bom atirar pedras ao telhado do vizinho...

Nada mais regular.

A Correspondencia, porém, esqueceu-se de transcrever o periodo final:

A municipalização da iluminação a gás é um dos maiores serviços da administração do sr. dr. Dias da Silva, que por uma excelsão felis, é sem exemplo na istória contemporanea do municipio de Coimbra.

Lá está. E não foi o que mais custou a escrever.

Transcreva tudo, não seja feia!...

No domingo 25 do corrente terá logar a festividade de Nossa Senhora da Piedade do Tovim.

Pelas 9 horas da manhã sairá o cirio da egrêja do Real Coléjio das Ursulinas, acompanhada da Sociedade Juvenil, que leva a bandeira da sociedade.

O trajeto será o seguinte: Arcos do Jardim, Ladeira do Castelo, Rua dos Estudos, Largo da Feira, Arco do Bispo, Couraça dos Apostolos, Rua Dr. João Jacinto, Rua dos Coutinhos, Largo da Se Vêlha, Rua António Joaquim d’Aguiar, Estrêla, Rua da Alegria, Estrada da Beira, Portagem, Rua Ferreira Bórges, Visconde da Lús, Praça 8 de Maio, Rua Sá da Bandeira Largo D. Luiz, e Rua Lourênço Azevedo.

Em Cêlas, enquanto os cavaleiros que acompanhão o cirio, vão dar a volta ao pátio da egrêja, espêrão os cárros á entrada da rua do Pátio.

Tanto os rapazes como as parárgas levarão um laço de fitas como distintivo da Sociedade.

Depois da chegada do cirio á ermida, averá missa e sermão. Pelas cinco horas da tarde sai novamente o cirio da ermida indo recolher á egrêja das Ursulinas. São bandareiros os srs. António Francisco e Antonio Agostinho.

### Exames em outubro

O Diario do Governo, publicou uma portaria tornando extensivas aos alunos do Coléjio Militar as disposições do decreto de 17 de agosto ultimo que permite na segunda época de exames em outubro, para os alunos da 5.ª e 7.ª classes do curso jeral e complementár dos licêus que fôrão reprovados na primeira época ou não fizerão exame por qualquer motivo de força maior.

A Correspondencia de Coimbra informa sollicita:

«Chegarão a Viena d’Austria os srs. Condes do Ameal e seus filhos. Seguem d’ali para Constantinopla.»

Lá se vá complicar a questão do Oriente...  
Desculpem vv. ex.ª.



O sr. Augusto Péça, tecelão na fabrica de lanifícios, muito conhecido em Coimbra pelas suas excelentes qualidades, encontrou no dia 14 uma pequena mála no bairro de Santa Clara.

Abrindo-a, achou dentro 35000 réis; chamou um guarda de policia, a quem informou dizendo que a entrega a quem provasse pertencer-lhe.

Foi entregue a uns viajantes estrangeiros que dêrão mais tarde os sinais certos dela.

A probidade, bem conhecida, do sr. Augusto Péça dispensa os comentários que este caso de onradês pede.

Faleceu ante-ontem o sr. Francisco Barata Bástos, de um padecimento de que á muito soffria.

Do Jornal do Noite:

Segundo nos informão, o sr. Alpoim vem brevemente a Lisboa afim de aprezenzar este seu novo partidário sr. Jozé Luciano, chefe das duas facções progressistas.

São celebridades de mais para um part do.

Navarro, o Mariano e o Arroio... Alpoim veja se arranja o Abel d'Agdade.

Esse é que é bom...

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Passatempo

O n.º 90 desta elegante publicação, editada pelos Armazens Grandéla, da capital, vem como de costume, um verdadeiro mimo literario e artistico.

A crónica devida a Campos Junior, o consagrado romancista istorico é uma preciosidade. Tambem ôna este numero o nome de Gabriel Pereira que é uma das nossas maiores notabilidades em sciencias archeologicas.

Cheio de illustrações, com uma capa magnifica, este numero é dos melhores da serie.

O Passatempo continua annuncian do para o proximo mês, a publicação do romance istorico Aguia Morta, de Antonio de Campos Junior escrito expressamente para esta Revista.

Pedidos a Grandéla & C.ª.

MANOEL DE SOUSA PINTO

A UNICA VERDADE

Drama em 2 atos

Preço 300 réis

Editor—Moura Marques

Nova loja de sola e cabedais

Os proprietários desta loja pedem a todos os artistas de Coimbra, neste género, que vizitem o seu estabelecimento, sito na rua dos Sapateiros, 7 a 11, onde encontrarão completo sortido, em sola, tanto como em cabedais.

(42) Folhetim da “RESISTENCIA,”

O EXCOMUNGADO

XIV

O campo dos boémios

Duas mulhéres mascaradas, que, pelo talhe e modo ligeiro como fazião voltar os cavalos, parecião novas, vinhão escoltadas por quatro cavaleiros, dos quais dois as precedião e outros dois não atrás e muito péto.

—Em verdade, dizia uma delas, não avia necessidade, senhores archeiros, de nos forçardes a acompanharvos aonde nos leveis; ter-vos-ia bastado explicar o fim dessa viajem, e dizer-nos o nome do principe a que nos destinão. Bem sabemos que monsenhôr não viaja sem preparar mudas de mulhéres, como mudas de cavalos; e achâmos muito bom gosto a este modo de organizar malas postas de amor.

Por minha parte, estou verdadeiramente lizonjeada por ter um dia dos prazeres de monsenhôr; ouvimos falar do luxo das suas cavalariças e do preço que dá por uns bons cavalos, e não podemos pensar que seja menos liberal e magnifico em amor. Os nossos

CARRIS DE FERRO DE COIMBRA

ORARIO

Nos mezes de AGOSTO E SETEMBRO

Carreiras entre o largo das Ameias e a rua Infante D. Augusto

Partidas

Table with 2 columns: Do largo das Ameias, Da rua Infante D. Augusto. Rows show departure times from 8h 30m to 10h.

Carreiras entre o largo das Ameias e a estação B dos caminhos de ferro

Partidas

Table with 2 columns: Do largo das Ameias, Da estação B. Rows show departure times from 3h 10m to 11h 22m.

Sahidas do Theatro

Do Theatro para cima até á Rua do Infante D. Augusto — 80 réis. Do Theatro para baixo até ás Ameias ou Casa do Sal — 60 réis. Recebem-se annuncios para serem fixados no interior de todos os carros em circulaçào pelo preço annual de réis 120000, sendo os annuncios e sellos por conta do annunciante.

A assignatura para os bilhetes pessoais está aberta pelos preços annuaes de 120000 réis; e 90000 réis para os menores de 14 annos e creados, sendo estes ultimos de logares na plantaforma dos carros.

receitos e a nossa rezistenciã fundávao-se apenas na aparência que avia de sermos destinadas ás brutalidades de jênte grosseira como vós. Parece que isto vos ofênde, senhores, contentai vos que deixardes perceber vosso despeito, e tomad cautela em não o exprimir por inconveniência alguma, sob pena de vos fazermos enforçar esta noite acuzando-vos a monsenhôr de avêrdes querido experimentar as suas mudas.

— Estamos lonje? perguntou a segunda viajante, que parecia soffrer com o tom livre da sua companheira.

— A uma ora de marcha pouco mais ou menos, respondeu um dos quatro archeiros.

— A! Tanto melhôr! exclamou bruscamente a primeira amazõna, esta noite hei de ter prazêr em encontrar a câma, porque comêço a sentir-me fatigada.

Ombert, que com tal discurso e com os costumes extravagantes que revelava ficára assombrado, julgou distinguir no tom amargo dumas das viajantes, e no abatimento da segunda, uma secréta invocaçào contra uma violéncia vinda de tão alto que poderia ser temerário rezistir-lhe abertamente.

Rezolveu immediatamênte responder aquêlle apêlo, embôra tivésse de sustar-lhe a vida, e meditára já o ataque, quando um novo incidênte suspendeu a execuçào daquêlle atrevido projêto.

AGRADECIMENTO

Tendo sido acometido dum violento ataque de erizipéla fui tratado pelo ex.º sr. dr. Armando Gonçalves, que usando dos superiores recursos do seu muito sabêr, debilitou em pouco espaço de tempo a grave doença, tratando-me com uma solicitude e carinho, e com tanto desinteresse, a mais não poderêr, que já mais esquecerei açào tão cavalheirôza e altruista.

Digno-se v. ex.ª relevar-me este deba-báfo que vái certamente ferilo na sua modéstia; porém eu não podia conservá-me silencioso, visto que não posso manifestar o meu reconhecimento por outra fórma. Peço, portanto, a s. ex.ª se digne aceitar o meu agradecimento, pedindo-lhe desculpa da minha ouzadia.

Aproveito êste momento para tambem tornar público o meu reconhecimento de gratidão para com o meu bom compadro e amigo sr. António das Neves Machado, pelo interêsse que tomou pelo meu restabelecimento, devendo tambem aos seus bons officios o tratamento pelo ex.º sr. dr. Armando Gonçalves.

Igualmente agradeço a todos os amigos que me visitárão durante a doença e aos que procurárão sabêr da minha saude.

António Jozé Pinheiro.

ORARIO DOS COMBOIOS

Desde 1 de Junho de 1904

SERVIÇO NO RAMAL DE COIMBRA

PARTIDAS

MANHÃ

- 6,0 — Tramvai: Figueira. 3,15 — Porto, Minho e Douro, Beira Alta até Mangualde; ás segundas, quartas, sextas e sábados até Guarda. 6,11 — Porto, Minho e Douro (até Tua) Beira Alta, Beira Baixa (por Pampilhosa) Ramal de Vizeu. 8,25 — Lisboa, Beira Baixa (por Abrantes) Leste e Caceres o Sul e Sueste. Os passageiros de 1.ª e 2.ª: para Santarem, Setel e Lisboa R. passam no entroncamento ao rapido. 9,30 — Tramvai; Figueira.

TARDE

- 12,41 — Sud Express: Lisboa e Paris, ás segundas, quartas e sábados. 1,25 — Tramvai: Figueira. 2,35 — Porto e Ramal da Figueira (por Pampilhosa). 3,35 — Lisboa (pela linha do Oeste) e Figueira. 6,20 — Porto e Beira Alta (até Mangualde) ás terças quintas e sábados, tem ligaçào por Vizeu. Este comboio leva os passageiros para o rapido para Lisboa. 6,50 — Lisboa, Figueira, Oeste e Leste, Ramal de Caceres o Beira Baixa. 7,25 — Sud Express: Paris e Lisboa, aos domingos, terças e quintas feiras.

Um cavaleiro que fazia parte do bando que Ombert queria atacar, mas que estava atrás, por fórma que o barão a principio não o notára, acabava de reconhecêr em Bertram um antigo camarada com quem andara algumas vêzes em pilhagem.

Depois dos primeiros comprimêntos, travára-se o cavaço em tom de confiança e de amizade, e Ombert surpreendeu-a no instante em que o cavaleiro desconhecido dizia o que vai lêr-se:

— Sim, dizia interrompêndo-se como para se queixar duma personagem invizivel, sim, meu velho camarada, estava escrito que aviamos ambos de acabar mal. Tem-no em repouzo eterno, Satan! Estás, dissêste tu, ao serviço dum excomungado; eu fis melhor, estou ao serviço do proprio diabo. Vá!...

E Ombert ouviu soar a manópla de ferro do ômem d'armas sobre um côrpo que deu um som abafado.— Cada dia uma fantasia nova nos fâz andar a todos no campo. Agóra precisa para a ceia muitos convivas de saias, e mandamos adeante para lhe prepararmos as mudas; mas o peor é que é difficil de contentar; pôs fóra num destes dias dois: um por lhe trazêr uma prostituta; outro por lhe fazêr appareçêr de nôvo uma loirita que um lhe servira já um mês antes. Essa loira éra uma dama de Nemours que se apaixonára

- 9,7 — Rapido: Porto. 11,30 — Correio: Lisboa, Sul e Sueste.

CHEGADAS

Correspondencia em Coimbra B

MANHÃ

- 12,5 — Porto, Minho e Douro, Beira Alta desde Mangualde; ás segundas, quartas, sextas e sábados desde a Guarda, segundas, terças e sábados Vizeu. 3,50 — Lisboa, Beira Baixa Leste, Caceres, Sul, Sueste, Oeste e Figueira (1.ª e 2.ª classe.) 5,40 — Lisboa, Beira Baixa, Leste, Caceres, Sul, Sueste, Oeste e Figueira (todas as classes.) 7,36 — Tramvai directo da Figueira (só no dia 23 de cada mês.) 8,49 — Porto, Beira Alta e Figueira (por Pampilhosa), ás quartas Vizeu. 9,20 — Tramvai: Figueira. TARDE 12,6 — Tramvai directo da Figueira. 1,5 — Sud-Express: ás segundas, quartas e sábados. 3,10 — Tramvai de Alfairos e mixto de Lisboa por Oeste e Figueira. 4,15 — Tramvai do Porto. Lisboa, Beira Baixa, Leste, Caceres e Figueira. 6,40 — Porto, Minho e Douro, 1.ª e 2.ª classes (rapido). 7,15 — Pampilhosa, Beira Alta, Figueira e Vizeu (todas as classes). 7,50 — Sud-Express: Paris, aos domingos, terças e sextas. 9,30 — Lisboa e Figueira (rapido). 11,40 — Tramvai, directo da Figueira.

ANUNCIOS

Escola Nacional de Agricultura

Pela Direcção desta Escola se fâz público que na quinta feira, 5 de outubro proximo, pelas 11 horas da manhã, na secretaria da mesma Escola e perante a referida Direcção á de ter logar a arremataçào dos seguintes fornecimentos:

- 1.º Alimentaçào de alunos e prefeitos; 2.º Concêrto da roupa de alunos; 3.º Lavajem da roupa dos alunos.

As propostas serào feitas em carta fechada e recebidas até aquela precisa ora, pelo relójo do estabelecimento, devendo contêr exteriormente o nome do proponente e o fornecimento a que se destinão, sendo acompanhadas do depozito provizório de 100000 réis para a alimentaçào dos alunos e prefeitos; de 10000 réis para o concêrto das roupas dos alunos e de 20000 réis para a lavajem da roupa dos mesmos.

As condiçõeis estào dêsde já patentes na secretaria da referida Escola todos os dias uteis, das 10 horas da manhã até ás 4 da tarde.

Escola Nacional de Agricultura, 15 de setembro de 1904.

O diretor interino, Jozé António Ochôa.

pelo principe, de sorte que Gauthier não perdeu nada; éla pagára-lhe bem, e elle ficou ao serviço do marido da dama; quanto ao outro...

Um som agudo, estridente e que parecia mais um sibilo do que um grito, fêz estremecêr o barão, que não voltou a cabeça; porque a sua curiosidade estava violentamente excitada por uma narrativa, que tinha mêdo de interrompêr, e ardia de impaciência por ouvir por fim pronunciar o nome do principe de que ouvia contar tão tristes coizas.

— Não te calarás, serpente! exclamou o quadrilheiro.

— Que á? vejamos. Estás aborrecida, paciência...

Um grunhido surdo foi a única resposta que teve o archeiro que continuou o discurso interrompido.

— Esta manhã iam os tôdos perdendo a cabeça: em vês de dormir em Etampes, decide-se a passar por Fontainebleau. Não tinhamos nada pronto; porque contavamos com os camaradas que estavão de serviço. Voltar a Etampes levaria muito tempo. Fômos á descobêrta, e, pela minha parte, nada encontrára, quando dei na beira do bósque com uma pequêna amaréla como um marmêlo, com os olhos muito pretos e que eu suspeito ter nascido no Ejito á mais de cento e cincoenta annos, mas que não parece têr a idade que tem, como costuma dizer-se. Tra-

Arrendamento

Arrenda-se um cazal na Cumeada junto á Ladeira dos Loios, tem caza de abitaçào com um bom nascente d'água e nôra. Quem pretender arrendar pôde informár-se na rua da moeda, n.º 78.

PROBIDADE

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua de Ferreira Borges, 165, 1.º

Tomam-se seguros de predios mobilias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

FARMACIA ASSIS

SERVIÇO PERMANENTE

Praça do Commercio—Coimbra

Esta caza depois das modificaçõeis que acaba de soffrer, é um dos melhores estabelecimentos desta cidade, no seu genero.

O seu proprietário fornecendo-se directamente das principais fábricas de productos quimicos e farmaceuticos, tanto nacionaes como estrangeiros; está a pár do desenvolvimento que a quimica e a terapeutica dia a dia vão experimentando e por isso possui uma colléçào variada das mais modernas substancias e productos quimicos.

O aviamento de todo o receituario é feito por pessoal competentemente abilitado, sob a direcção do seu administrador.

Esta caza encarraga-se de mandar os medicamentos a caza de seus freguezes, assim como de chamar qualquer dos clinicos desta cidade a toda a ora do dia ou da noite.

Análise d'Urinãs—qualitativa e quantitativa.

JARDINEIRO

MANUEL CALDEIRA, de 37 annos de idade, de Sernache dos Alhos, oferece-se a quem necessitar dos seus serviços, como jardineiro, nesta cidade ou imediaçõeis.

QUEM ACHOU?

Uma cadéla Setér, raça pequêna, castanha, pêlo encarapinhado, que se perdeu á 5 dias.

Dão alvôgaras a quem a entregar a seu dôno Paulino Evaristo Ferreira Camôis nesta cidade.

CAZAS PARA ALUGAR

Arrendão-se do S. Miguel em deante os altos de duas moradas de cazas: uma na rua de S. Pedro n.º 10, com frênte para a rua da Trindade, e a outra na rua da Trindade n.º 69.

Quem as pretendêr dirija-se a seu dono Antonio dos Santos Fonseca, rua dos Gatos n.º 7 a 17.

ziam um sacco maior do que éla, e que arrastava a muito custo. O sacco estava cheio de galinhas, pombos, patos, coelhos e outros voláteis que tinha sem dúvida roubado nas aldeias vizinhas, á móda Boémia, e que levára para a tôca ou para o sabá, porque ôje é sábado, se me não engano. Agarrêi na feiteceira, que fechei no seu galinheiro ambulante, e atei o sacco, como um molho de fêno á sêla. Mas a fázazita dá-me que fazer... Olá! pequêna... pouco barulho!...

Naquêlle momento, Ombert voltou a cabeça, e só então deu com o sacco de que faláva o ômem d'armas.

— Desta vês, continuou, monsenhôr não se á-de queixar de que todas as mulhéres se parecem. Aqui está uma....

Continuáva nêste tom, quando Ombert, vêndo que a rapariga passáva a cabeça pelo buraco que tinha abêrto com os dentes, e que forcejava por alargar, rezolveu começar por éla a obra da libertaçào que meditáva.

Tirou a adága que estava muito bem afiada, e, adiantando-se para o ômem d'armas espantado, cortou dum só golpe a cõrda do sacco que caiu aos pés do cavallo.

O archeiro tina tido apênas tempo para se pôr na defensiva, e já pretendia feiteceira avia desaparecido na florêsta, sem se esqueçêr de levar o sacco que continha sem dúvida algumas victimas do seu roubo. (Continúa)



**União Vinicola do Dão**

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portugueses, á venda na

**Mercearia LUZITANA**  
(Depósito unico em Coimbra)

**Companhia de Seguros Reformadora**

A única que em Portugal efetua seguros postaes, para todas as cabeças de distritos e de comarcas.

Correspondentes: Gaito & Canas.

**Queijos da serra da Estrela**  
QUALIDADE GARANTIDA

NA  
**Mercearia LUZITANA**

**Fumeiro do Alemtejo**

Recebeu mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é uma revendedora em Coimbra, a *Mercearia Luzitana*.

Repara... Lê...

Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipações, bronquites, rouquidões, asma, tosse, coqueluche, influenza e outros encomodos dos órgãos respiratorios.

Se atenção sempre, e cuido as mais das vezes com o uso dos *Sacharolides d'alcatrão, compostos (Rebuçados dos Milagrosos)* onde os efeitos maravilhosos do alcatrão, jenuinamente medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidencião em toda a sua salutar eficacia.

E tanto assim, que os bons resultados obtidos com uso dos *Sacharolides d'alcatrão, compostos (Rebuçados dos Milagrosos)* são confirmados, não só por milhares de pessoas que os tem usado, mas tambem por abalizados facultativos.

Farmácia Oriental - S. Lazaro - Porto.

Caixa, avulso, no Porto, 260 réis pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis

**Oficial de relojoeiro**

Preciza-se dum, na relojoaria Araujo. Rua do Visconde da Lus - Coimbra.

**Antonio Ribeiro das Neves Machado**

ALFAIATE

Fornecedor da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Rua da Sofia, 58 a 62 (caza d'azulejo)

**COIMBRA**

Variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Confeções para ómem e crianças, pelos ultimos figurinos.

Vestes para ecclesiasticos. Camizas, gravatas, suspensorios e diversos artigos para ómem.

**PREÇOS REZUMIDOS**

**"RESISTENCIA,"**

CONDIÇÕES D'ASSINATURA  
(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno..... 25700  
Semestre..... 15350  
Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 25400  
Semestre..... 15200  
Trimestre..... 600

Brazil e Africa, anno..... 35600  
Ilhas adjacentes, "..... 35000

**ANUNCIOS**

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto de 50%.

Communicados, cada linha..... 40  
Reclames, cada linha..... 60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jorna for onrado.

Avulso 40 réis

**PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES**

150 - Rua Ferreira Borges - 156

COIMBRA

Nesta caza, regularmente montada no jénero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza.

**Dóces de ovos** com os mais finos recheios.

**Dóces de fructa** de diversas qualidades, secos e cristalizados.

**Fabricam-se grandes peças de fantasia**, proprias para brindes.

**Variada pastelaria em todos os generos**, especializando os de folhado.

**Galantines diversas. Tête d'Achar. Patê de Lievre e Foie.**

**Saneisses. Pudings de diversas qualidades**, visto samente enfeitados. **Pão de ló**, pelo sistema de Margaride.

Especialidade em **vinhos generozos e licores finos** das principaes marcas.

**Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás**, etc., etc.

**CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA**

Deposito dos produtos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 52

**FABRICA DE TELHÕES, MANILHAS E TIJOLOS**

*Pedro da Silva Pinho Coimbra*

Premiado na Exposição de Ceramica Portuguesa, no Porto, em 1882, com diploma de merito; medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

29, Rua João Cabreira, 31 - COIMBRA

A mais antiga e acreditada fabrica de Coimbra, unica que tem pessoa mais habilitada para construcção e solidez de telhões, manilhas, siphões para retreco vasos para jardins e platibandas, balaustres, tijolos para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e chaminés, tachos para cozinha á imitação dos de Lisboa, etc., etc.

Todos estes artigos são de boa construcção e por

**Preços economicos**

**Alfaiateria Guimarães & Lobo FONOGRAFOS**

54 - RUA FERREIRA BORGES - 56  
(Em frente ao Arco d'Almedina)

Abriu este novo estabelecimento onde se executa com a máxima perfeição e modicidade de preços toda a qualidade de fatos para ómem e criança, para os quais tem um variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Ha tambem uma grande variedade em flanelas e panos pretos para capas e batinas, para todos os preços.

Artigos para ómem como camisaria, gravatas, luvas, etc.  
Pede-se ao publico a fineza de visitar este estabelecimento.

**Consultorio dentario.**

COIMBRA  
Rua Ferreira Borges

*Herculano de Carvalho*

Medico pela Universidade de Coimbra

**CÁZA MEMÓRIA**

DE  
*Santos Beirão & Enriques*

Sucursal em Coimbra

99 - Rua Visconde da Lus - 103

Esta caza continúa a fornecer ao público as suas acreditadas máquinhas de costura *Memória*. Tem todos os modêlos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bobine central, o que á mais perfeito.

Ninguém compre sem vizitar esta antiga e acreditada caza, para se certificar da qualidade e preços destas máquinhas que nenhuma outra se pôde igualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a *Memória* com tantas outras que por si se vendem. Vendem-se a prestação e a pronto pagamento. Aceitam-se máquinhas uzadas em troca pelo seu justo valôr.

**Pianos**

Esta caza acaba de receber importantes remessas de pianos alemães e francêzes que vende a pronto pagamento por serem importados directamente dos fabricantes; vendem-se ao público em melhores condições do Porto ou Lisboa. Aceitam-se pianos em troca e comprão-se pianos uzados.

A' sempre quantidades de pianos para alugar.

Mancel José Têles, Rua Ferreira Borges, n.º 150 a 156, tem em deposito os magníficos **Fonografos Edison** de diferentes preços e tamanhos.

Variada e grande coleção de cilindros, com lindas óperas, cançonetas, cançonetas, monologos, etc., nacionaes e estrangeiros que vende pelos preços das principaes cazas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com muzicas novas e muito escolhidas.

**Potes para azeite**

Vendem-se 10 potes, em bom uzo e muito bem conservados que, armazenão 900 decalitros de azeite, vendem-se juntos ou separados. Preços excessivamente baratos.

Praça do Commercio, n.º 34 e 35. - Coimbra.

**SEGUROS DE VIDA**

**La Mutual Reserve Life**

INSURANCE COMPANY

**RESERVA MUTUA**

De NEW-YORK

Correspondente em Coimbra

*João Borges*

Rua Ferreira Borges, 27 a 29

**Consultório medico-cirurgico**

Análizes clinicas

(Expetorações, urinas, etc., etc.)

**Vicente Rocha e Nogueira Lobo**

Rua Ferreira Borges, n.º 97

**CONSULTAS:**

Das 10 1/2 ás 12 da manhã e das 3 ás 4 da tarde.

**MARIO MACHADO**

Cirurgião dentista pela Universidade

Tratamento de todas as doenças de bôca e dentes.

Dentaduras desde as mais simples ás mais luxozas.

Consultório - Largo da Sé Velha.

**Preços modicos**

**Agua da Curia (Mogofores - Anadia)**

Sulfatada-Calcica

A unica analysada no paiz, semelhante á afamada agua de CONREXEVILLE, noº Bosges (França)

Estabelecimento balnear a 2 kilometros da estação de Mogofores Carros á chegada de todos os comboios

**INDICÇÕES**

Para uso interno: - *Arthritismo, Gotta, Lithiasa urica, Lithiasa biliar, Engorgitamentos hepaticos, Catarrhos vesicais, Catarrho uterino.*

Para uso externo: - *Em diferentes especies de dermatoses.*

Como purificadora do sangue não ha nenhuma no paiz que se lhe avantage

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.ºº sr. Charles Lepierre.

A agua da Curia não se altera, nem pelo tempo, nem pelo transporte

A' venda em garrafas de litro - Preço 200 réis

Deposito em Coimbra - PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 6

**GUÍA PRÁTICO**

DE

**ESCRITURAÇÃO E CONTABILIDADE**

COMERCIAL, BANCARIA, AGRÍCOLA E FABRIL

Pelo professor e perito comercial **Joaquim Enriques da Silveira Pásson**

Diplomado pela Escola do Comércio de Lisboa

No dia 1 do corrente mês de Setembro começou a publicação semanal, em fasciculos, desta importante e útil obra, destinada a abilitar, sem auxilio doutros estudos e **sem méstre**, a organizar, seguir ou balangar a escrituração de qualquer caza comercial, bancaria, agricola ou industrial, a exercer ábilmente qualquer logar de carteira e a concorrer com a precisa abilitação aos concursos de bancos e repartições publicas.

O *Guia práctico* ensina a resolver cerca de mil problemas vários sobre escrituração e contabilidade e é dividido em dois volumes.

**1.º volume - Cálculo**

Compreende o ensino práctico das operações sobre: Números inteiros, decimais, quebrados, complexos, elevação a potencias; extracção de raizes, divisibilidade, sistema métrico, régras de três simples e compôstas, régra de conjunta, régras de companhia, de liga, de avarias, percentajens, juros, descontos, prazo médio, juros reciprocos ou juros de contas correntes pelos métodos directo, indirecto e amburguês, câmbios, juros compôstos, annuidades, fundos publicos, papeis de crédito e arbitrjens.

**2.º volume - Escrituração**

Compreende cinco modêlos completos com titulos os livros principais e auxiliares, sendo todos os problemas acompanhados das mais claras e precisas explicações: 1.º modêlo, uma escrita pelo sistema de partidas sinjélas; 2.º, uma escrita duma caza comercial, contendo oito mêzes de operações diversas pelo sistema de partidas dobradas, com três balanços; 3.º, uma escrita duma caza de comissões e consignações; 4.º, uma escrita duma industria explorada por uma sociedade anónima; 5.º, uma escrita agricola.

Preço de cada fasciculo em Lisboa e na provincia 100 réis.

As assinaturas podem ser feitas por bilhete postal dirigido á empresa da publicação desta obra a Afonso d'Oliveira, rua do Arsenal, 108, ou ao ajéuto em Coimbra - **Moura Márques - LIVRARIA.**



**VINHOS DE PASTO**

GENUINOS

BRANCOS E TINTOS

Para consumo e exportação

Vendas por junto e a miudo

Installação provisoria: rua da Sota, n.º 8

**Tabella de preços de venda a miudo (20 de abril de 1904)**

MARCA	Garrafa de 1 litro	Garrafa de 1/2 litro	Garrafa bordaleza
Tinto GRANADA	600	420	80
" CORAL	600	420	80
" AMETHYSTA	500	-	-
Branco AMBAR	660	-	100
" TOPAZIO	-	-	120

Nos preços indicados não vae incluída a importancia do garrafão (360 réis) nem a das garrafas (60 réis para a garrafa de litro, 50 réis para a bordaleza), que se recebem pelo custo.

**Prevenção.** - Os garrafões levam o carimbo da Adega em lacre, e nas rolhas das garrafas e garrafões vae o emblema da Adega impresso a fogo, ao lado e na parte superior.

Distribuição gratuita aos domicilios, dentro dos limites da cidade, em compradas de 2 garrafões ou dúzia de garrafas.



# REZISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA DE FERREIRA BORJES

Officina tipográfica

12 — Rua da Moeda — 14

N.º 938

COIMBRA — Quinta-feira, 22 de setembro de 1904

10.º ANO

## Na volta...

### CARTA I.

Meu caro:

Cheguei ontem d'uma excursão esplendida pelo Minho formozíssimo. Venho refeito e corado, cheio da frescura sadia d'essa provincia ajardinada, com a esplendida impressão de quem sai dum completo e revigorante banho de perfumada e admiravel paizagem. Lonje de mim a intenção de ir agora pintár-teo Minho, sequér as terras que vi. Já tantos o fizérão e sobretudo fê-lo, carinhóza e acabadamente o bello espirito de Jozé Augusto Vieira, uma das memorias que eu mais respeito pela dedicacão de que êle era capás e que um dia recaiu sobre mim. Calcula, salvou-me dum garrotinho que me ia abafando em petis. Falár do Minho e não recordar a sua obra formóza — *O Minho Pitoresco* — era uma falta. Eu, por isso, deixando de parte o descriptivo minuciózo, vou dizêr-te das principais sensaçõis que experiméte e como uma das mais fórtes fósse a do desmedido clericalismo que lá impéra, falár-te-ei ôje, d'essa dominadóra figura minhóta — o padre — que é lá mais que Cristo.

Esse torrão ferás, exuberante e rico como um tezóro vêlho, gloriózo e ardênte nas suas leguas floridas como jardins d'encanto, fecundo como êle só, ubérrimo e salubre no triunfo plêno das suas maturaçõis opulentas, é afinál corroido por um grande cancro maligno — o clericalismo.

Por toda a parte, no amago das cidades, no recorte recatado das vilas que acolhem amigamente, no campo verdejante e aproveitadíssimo, a corda do padre brilha e dizima como uma lua d'inferno, como um pataco de prata que Satanás criásse para os grandes contrátos que se assinão com sangue. Ele é o senhór.

Na simpatia de todas as raparigas, á um padre doirado nas suas véstes pezadas, tentadór pela bochécha rapada em que os beijos espigão melhor que o alecrim, predestinado para tocar com suas mãos o corpo branco de Deus feito pão, encobridór de pecados, remendão das faltas, padroero das moças, esteril por devêr, garanhão por instinto, irresponsavel pelos frutos da sua carne, livre pela proibiçãõ de procurar espóza, ipócrita, dissimulado, dispõdo para chalaça do postigo da confissãõ, o padre insinua-se e arranja bem a vida. Ele é o fauno.

Respeitado pela poziçãõ, amigo dos ricos, sugador do póbre, infalivel como intermediario divino, superior pelo vernis avariado do seminario, banheiro dos filhos, cazador dos páis, coveiro dos vêlhos, perdoadór das ofensas, escriturario das esmólas, é êle que indica o deputado, que livra os rapazes da inspécãõ, que aconselha todos e derime as questõis irrevogavelmente. Ele é o árbitro.

Por toda a parte êle reina e prospéra, engorda e refastéla-se, intriga e conségue, préga e bestifica, está em toda a fésta, vai a toda a feira, sabe de todas as vidas, desvenda todos os

segredos, come em todas as mēzas, é fatal como em todo o cerro uma ermida, como em todo o cazêbre um santo pataqueiro. Ele é tudo.

Ha-ós em todo o lado, como em todo alto, d'esseas alcandoradas, bemmirantes colinas feitas para as féstas pagãs e orjiacas do sol, á uma capéla efemada, uma santinha benéfica, um idolo milagreiro que cura a sarna do gado, arreméte para lonje o diabo dos corpos e entéza a espinhéla das crianças, pá-lidas da puberdade que chega.

Não se dá um passo sem que se aviste um padre e, se a jênte se volta, lá vem já outro atrás.

Na imperial de tôdas as carreiras, d'esseas malapostas primitivas de seis cavalos batidos, lá vai sêmpre e pelo mênos um, mais á larga que os outros passageiros que emagrecem para con fórtio dêle e por respeito.

Nas vëndas, estaçõis obrigatórias das diligências jingónas, lá está êle tambem a bebêr o seu quartilho santamente.

Nas pulguêntas igrejas são quázi tantos como as lêmbraças que, ao saíres, te mórden na péle. Nos cafés das cidades, nas cavaqueiras das vilas, nas pouzadas das aldeias, se, ao passares, não ouver lá um, espéra meio minuto e assim te saísse a sorte grande.

Braga então é fecundíssima. Contar os abades, vigários, capelães, cónegos, monsenhores, reitores, párcos, etc., que se encontrão numa volta curta pela pequena cidade, chéga a sêr um quebra-cabêças divertido.

Á-os para tôdos os góstos e para tôdos os préstimos: magros como vélas d'altar, altos como véras de pálio, górdos como tabernáculos, baixos como galhêtas, fortes como uma igreja, fracos como uma renda, peludos como tigres, carécas como badalós, ventruços como sinos, sujos como suínos, limpos como alfenins; á o padre candido, d'olhos baixos, magnífico para missas, o padre fadadór e bom tipo, gracejadór e comilão próprio para pantagruélicas bôdas, o padre apressado e andarilho a calhar para entêrros com chuva, o padre anafado e vagarózo, solêne e possante, inequalavel num viático de pompa, o padre adamado o melifluo, talhadíssimo para chás espirituais em que as almas se delectão nas trouxas d'ovos com palavrinhas lêntas, o padre irritavel e boçal, fadado para as sarrafuscas eleitorais ou para as entrevistas com o prelado, etc.

Á saída de caza tópas logo um, duas portas abaixo vêem dois e assim tôdo o dia. Na loja em que compras os cigarros á um que péde charutos; no engraxadór tens que assistir á limpéza das botas dum que chegou primeiro e te deixa na cadeira a temperatura da fresqueza, e o carro que tomas, se é fretado, veiu de levar ou tem de ir buscar o sr. padre Fulano, se é no americano que te mêtés, se não lévas um á direita, está-te da esquêrda, talvês a pingar-te no punho a calda dum rapé bem cozinhado.

Pois se até, menino, para satisfazêres uma dessas imperiózas e liquidas urjências, que as municipalidades favorecem, tens de, á entrada, encontrar o sr. abáde Beltrano que sai á apertar as calças e á tua saída já espéra vês o prior Cicrano, rubicundo e péjado, batendo um pé,

E' aterraddór. Numa viagem que fis de Sernande a Fefe, a cavalo quatro óras a passo, com sol de rachar, a uma óra em que a calma afujenta os viandantes, encontrei, garanto-t'ó, oito ton-surados, montados em suas inocêntes alimarias de jornada, ignorentes do pézo santíssimo que transportão.

Esta vái longa. Adeus, com o abraço certo do teu

Manoel de Souza Pinto.

Lisbõa, 1904. Set. 16.

### DR. GARCIA

Está entre nós o sr. dr. Manuel Emidio Garcia, o illustre catedrático de direito tão conhecido pela independencia das suas opiniõis e pela forma superior porque rejia a sua cadeira, duma maneira francamente democrática, inspirada no mais alto espirito scintífico.

O sr. dr. Manuel Emidio Garcia é um dos ómens a quem mais dêve o partido republicano pela sua propaganda inteligente e átiva, a que as suas excélcionais qualidades de professor, e a sua atitúde de republicano militante dêrão brilho singular.

Se ninguem póde recuzar ao dr. Garcia a onra de ter ensinado as doutrinas de Comte num tempo em que o ensino universitário era dum conservantismo intolerante, não é menos verdade que a êle, ao seu ensinamento, á sua propaganda se dêve a difuzãõ das ideias republicanas no meio academico.

Oje, retirado do ensino, conserva a mesma crença, e anima-se, recordando a sua vida passada de luta intranzijente, contando com brilho extraordinário os epizódios antigos da istória das ideias republicanas em Portugal.

O illustre catedrático está na sua pitoresca quinta dos Malheiros, com sua extremozíssima expóza e seu filho Manuel.

Antonio Garcia não vejo ainda este áno da Italia para não interrompêr os estudos de canto que está fazendo em Roma.

A sua vós de tenêr é, na opiniãõ de entendêdores excecional e Cotoní escreve que é uma verdadeira vós de teatro.

Em Roma, tem António Garcia cativado todos pela sua modestia, pelo seu caráter ponderado e reflétido, e pelo amor da sua arte.

Na alêgre quinta dos Malheiros, falta agora a sua vós; vai faltar a vivacidade da sua alegria á fésta do Tovim de que êle tanto gostava.

O sr. dr. Garcia e familia demó-ão-se em Coimbra até meado do próximo mês de Outubro.

### Mulher ómem

O *Novidades* contando o assassinato das duas mulheres do Porto numa reportagem, muito recortada, escreve sentenciosamente:

A outra vítima — D. Izabel da Gloria Bastos — apareceu numa vélha cáza telhada, dividida do prédio por um pequeno pátio. Ali se guardávão madeiras e aprestos de construcão. Estava estendida ao cumprimento da passagem que dava para um pequeno retiro, onde vimos uma escada de mão lançada ao telhado, por onde supõem alguns possa têr-se efetuado a entrada dos criminosos, pois que as têlhas estão partidas de fresco.

Pelos modos está desventurada oferecêra mais rezistencia, visto que era mais viril e irascivel até, a avaliar pelo depoimento de testemunhas que á acúzãõ de agredir constantemente a irmã.

Viril... Navarro?...  
Ó menina...

## A imprensa

Mais uma vês se acába de nobilitar a imprensa por uma campanha moralizadóra, e ainda desta vês é com a imprensa republicana que o facto se dá.

As campanhas do *Mundo*, as da *Vós Publica*, e as do *Norte* têm mostrado a fôrça da imprensa e a açãõ moralizadóra do partido republicano na sociedade portugueza, corrompida pelo trabalho lento das instituiçõis monárquicas.

Na última campanha, denunciando as ladroeiras da policia do Porto, o *Norte* soube fazêr ouvir a sua vós, e fazêr-se acompanhar por todos os jornais, mesmo pelos monárquicos, na sua campanha contra uma instituiçãõ privelijada e protejida odiózamente pelos partidos monárquicos de qualquer cor que êles se jáem.

Mas é necessario acentuar que se agora é unisono o coro, os jornais monárquicos não acompanhãõ a açãõ dos republicanos senão forçadamente, contra vontade, sem energia, lentamente.

Estamos tambem convencidos que noutra cidade, que não fosse o Porto, a açãõ do *Norte* não se a coroada de tão felis exito, e que de pronto se coligariãõ todos para abafar o escandalo e salvar a dignidade das instituiçõis monárquicas.

No Porto, porém, a policia tinha indisposto a opiniãõ dos próprios monárquicos por ocasiãõ da recedãõ triunfal a Guerra Junqueiro.

A policia não soubéra distinguir...

A policia espadeirára a torto e a direito, com indignaçãõ jeral.

A imprensa monárquica não deixára de afirmar os seus sentimentos monárquicos e de estranhar as pranchadas.

Ainda se fossem republicanos, mas monárquicos do mais puro sangue...

O *Norte*, que levantou a campanha, levou-a com energia, amontoando factos, oferecendo próvas, denunciando alto e claramente os criminosos, classificando o crime, mostrando-se conhecedor da engenhajem e maquinismo policial.

O govêrno viu-se obrigado a intervir, o que indica ao *Norte* claramente o caminho a seguir.

O *Norte* precisa, agora mais do que nunca, de atividade e de energia. O govêrno tudo quererá esconder, e nisso será auxiliado pela imprensa monárquica, que se áde calar, como das outras vezes se receber ordem para isso.

Os vícios da policia não são particulares ao Porto. Na imprensa tem aparecido por muitas vezes referencias á conivencia dos gatunos com os guardas, que os deixão trabalhar em pás, e que por vezes até chégãõ a protegê-los.

Os abusos de autoridade, os escandalos de toda a ordem são conhecidos por toda a jênte e são sem castigo.

Nas esquadras o que se quer é em quem póssa acutilar sem escrúpulos. Cultiva-se a crueldade; essa é a grande força de instituiçãõ, a crueldade ás órdenes.

Por isso o recenseamento da policia se fás com pouco escrúpulo, e nêle abúndãõ os soldádos cheios de castigos disciplinares.

As revelaçõis do Porto não vêem denunciar um facto orijinal e desconhecido.

A campanha do Porto mostra apênas mais uma vês a força moralizadora da imprensa republicana, é apênas mais um título de orgulho para o *Norte* que se tem assinalado pela independencia e energia triunfantemente dominadora, com que soube atacar a policia traçoieira, cobarde e gáfa como o rejimen que defende.

### Movimento Médico

Por descuido, foi retirada do último numero da *Rezistencia*, na ocasiãõ da pajinaçãõ, a local em que noticiávamos que era do último numero do *Movimento Médico* o bello artigo do sr. dr. Serras e Silva, a que dêmos, como era de justiça, o logar d'onra do nôsso numero passádo.

Desculpem-nos a falta involuctária os redátôres da excelente revista, cujo último numero afirma mais uma vês o valor dos seus diretôres e colaboradores.

O *Movimento Médico* é uma revista médica cuidadôzamente redijida, e elaborada com uma orientaçãõ prática, e um espirito de utilidade que onra por igual os seus redátôres e o ensino universitário.

### DR. SOUZA PINTO

Do nôsso amigo dr. Souza Pinto, que durante a sua formatura tanto onrou a *Rezistencia* com a sua brilhante colaboraçãõ, publicamos ôje a primeira duma colêçãõ de cartas sôbre o Minho.

A *Rezistencia* agradece a Souza Pinto o não se têr esquecido dos seus antigos companheiros de trabalho que tanto o estimãõ e tanta consideraçãõ têm pelo seu talento e pelo seu caráter.

Os artigos de Souza Pinto, sempre reveladôres dum ráro espirito reflétido e estudiôzo, têm por vêzes surpreendido, pela orijinalidade das suas opiniõis, pela corajem com que combate o preconceito ou a opiniãõ corrente na literatura e na arte.

As cartas d'agora são cheias de cor e vida, duma ironia alegre e cortante.

### Batalha do Bussaco

No domingo 25, é a romaria á capéla do encarnadouro no Bussaco.

É a fésta a N. Sr.ª da Vitória para solénizar a batalha do Bussaco, que teve logar a 27.

Assiste, como de costume, o sr. bispo-condê.

Uma fôrça de artilharia dará as salvas do estilo.

Nêste dia costuma ser grande a afluencia deromeiros da Bairrada, Anadia e Coimbra.

Este áno o tempo está-se preparando para têrmos um dos deliciózos dias do Bussaco, sem pó, um céu puríssimo e um deliciózo sol d'outôno,



### Monumentos a reis portugueses

E' a ordem do dia.  
 O *Diario de Noticias* deu a vós de alarme e a imprensa monarchica correu agodada; não fosse algum acoma-la de falta de zelo.  
 Sucedem-se as listas.  
 Primeiro a do *Diario de Noticias*, logo depois o suplemento do *Conimbricense*.  
 E, coiza curiosa, esquecem os monumentos a cada passo, o que é explicavel pelo entusiasmo que arrebatá os illustres jornalistas.  
 Esquece a rainha santa, mais conhecida por D. Isabel d' Aragão, depois da obra do meu amigo Ribello de Vasconcelos.  
 Esquece D. João V, espelho de monarcha, a quem o papa deu o titulo de fidelissimo, sem duvida para testemunhar a fidelidade do soberano a madre Paula, illustre relijiosa de Odivélas, tão celebre pelos seus amores como Mariana Alcoforado de mais literaria reputação.

Pois á em Coimbra um, que põe em tortura os forasteiros pouco dados a estudos clássicos.  
 Lá está na biblioteca da Universidade, muito novo, cabello empoado, cazaca de seda cobrindo o peito d' aço deste cavaleiro enamorado.  
 Por entre as pregas de cortinas de seda, floridas como doces de leite, vãos anjinhos, corados, de bochechas gordas a barriguinha redonda, e timpânica, a zbarrotar de doces, verdadeiros cúpidos de convento.  
 Aos pés, armas de guerra, capacetes, peças de artilharia, lanças, pistólas, todo um arsenal ladeado pelas bandeiras tomadas ao inimigo, de seda, se melhando os guarda-sós que uzavão as damas galantes do século XVIII.  
 Uma inscrição em latim impõe á admiração a imagem do eroico fundador da biblioteca.  
 Este retrato e a decoração são uma figura de rétorica.

A biblioteca é, nos versos latinos que ornão a frontaria, comparada a uma fortaleza, de que os livros são os jenerais, e o trabalho os soldados e as armas.  
 D. João V era o jeneralissimo.  
 Deixou fama de grande letrado.

Mas avia em Coimbra um monumento curioso a um rei, que dezappareceu, ou melhor se reduziu.  
 Era o monumento a D. Fernando na sala da associação dos artistas.  
 Lembra-nos bem: o rei estava burguesmente, de sobrecaxa estreita apertada num botão apenas, os braços cidos ao péz das mãos g'rossas do estilo (a mão calosa do operario...), o cabello farto, a barba bem tratada, Não era bonito, não!  
 Não era uma obra d' arte, mas era muito curiosa.

Por o meio ia um varão de ferro, que aguentava o jesso.  
 Com o tempo, alterára-se e fizera no jesso uma nodosa que se acentuava mais ou menos com o estado de umidade da atmosfera.  
 Tinha fama.  
 Vinha muita jente vê-la.  
 Se na Associação tivesse avido mais zelo, talvez a esta ora D. Fernando estivesse em bem encaminhada canonização.

El-rei D. Fernando adivinhava o bom e o mau tempo.  
 E' um discipulo que faz onra ao mestre, e cujo nome aqui arquivamos com tanto mais prazer que este artista não trabalha atualmente, por conta propria, na obra do sr. Monteiro, para o que foi convidado mais de uma vez, por não dezerer dezagradar a quem a obra fóra confiada de principia, imaginando ser ofensivo ir substituir-se ao mestre.

Este respeito pelos mestres, ôje tão raro, esta admiração pela sua obra mostra que o sr. João das Neves Machado é um artista de futuro certo, que á de saber onrar a profissão que escolheu, e será digno do mestre que tanto a nobilita pela sua onradês, pela sua modestia, pelo amor da sua arte e pela dedicação carinhôza pelos seus discipulos.

Andava tudo alegre com o sol, chegava um director, olhava para a estatua e torsia o nariz.  
 Ia chover.  
 Nos pés apparecera uma nodozinha que subia com o mau tempo e descia quando estava para vir o sol.  
 Avia quem teimasse que El-rei D. Fernando tinha mercúrio.  
 Não avia barômetro mais certo.

Era uma estatua rara e útil.  
 Falava como as estatuas da antiga Grécia.  
 Adivinhava a chuva e o vento.  
 Suava como souo um dia o senhor dos passos da minha terra, o que fês tocar os sinos, e me deu três feriados no colégio.  
 El-rei D. Fernando fazia a mesma coiza, e ao passo que o bolór se estendia sobre o jesso, ia aumentando em cheiro de santidade.  
 Na última reforma da sala, apeou-se a estatua, cortou-se e converteu-se em busto.  
 Os artistas de Coimbra cortarão os pés a El-rei sem protestos.  
 Muitos acharão o facto extraordinario.  
 A pobre estatua não tinha pés nem cabeça...

**OBRAS EM CINTRA**  
 Na réтификаção que fizemos á noticia publicada n' *O Seculo*, sobre o palacio do sr. Monteiro, em construção em Cintra, esqueceu-nos o nome de um artista, injustica que ôje reparamos.  
 Chama-se elle João das Neves Machado; foi aluno da Escola Brotéro, e é ôje socio da Escola Livre das Artes do Dezenho.  
 E, como J. Fonsêca, um discipulo tambem de João Machado, na sua officina completou a educação insufficiente da Escola Brotéro.  
 Apesar de todas as reformas pregoadas, da nomeação de professores e alargamento de programas, a escola Brotéro presta na verdade, ôje, menos serviços aos canteiros de Coimbra, e em jeral a todos os industriais do que, no começo, e mesmo do que a Escola Livre das Artes do Dezenho.  
 Em parte se deve isto á redução que se fês no tempo de estudo de modelação, que antigamente constituia uma disciplina e que ôje se ensina conjuntamente com o dezenho decorativo.  
 Antigamente, o aluno da Escola Livre sabia interpretar um dezenho, sabia modelar um ornato.  
 Ôje sai da Escola Brotéro com um ensino superficial de modelação, o que constitue uma verdadeira inferioridade.  
 Os canteiros de Lisboa pagão por bom preço os modelos que lhes fazem os escultores, os canteiros de Coimbra sabião antigamente modelar e prescindião do auxilio de modeladores.  
 Assim é que João Machado fês para Cintra, por simples *croquis* de Manini, muitos capiteis e decorações que devem considerar-se como criaçôes proprias deste artista. Manini deu apenas a linha jeral, João Machado inventou a formula decorativa.  
 O ensino de modelação é essencial e necessario. Reduzir-lhe o tempo na escola equivale a aumentar o tempo da aprendizagem.  
 A officina de João Machado e a unica officina de canteiro em Coimbra que póe considerar-se como uma escola, e bem andarião os poderes publicos se aproveitassem as excepcionais facultades deste modesto artista.  
 Foi com João Machado que aprendeu verdadeiramente João das Neves Machado, que é seu primo e começa revelando as aptidões para escultura que assinalão esta familia e que erão tambem notaveis no pai de João Machado.  
 Foi João das Neves Machado que decorou o fusto em estilo manuelino da fonte da quinta do sr. Monteiro de Carvalho em Cintra, e que Manini achou primorozo.

Quando eu digo que só conseguimos, eu, o meu tenente, o meu 1.º sargento, e quatro 2.º sargentos que me auxiliavão nos dias de folga, ensinar 14 analfabétos, e abilitar 20 não analfabétos ao exame de 1.º cabo, não se entende que fóra ôses os unicos recrutas que frequentarão o 1.º curso na minha companhia. Não. Matricularão-se 70. Seguirão o curso, de principio ao fim, 60. Os restantes fórao transferidos uns, izentos outros, e demonstrarão completa incapacidade alguns. Os 60 aproveitarão todos. Mas dos analfabétos, só 14 conseguirão lêr correntemente, escrever de forma lejvel e fazer as quatro operaçôes. Os outros ficarão sabendo lêr, escrever e contar com menos perfeição. Dos não analfabétos, só mandei 20 a exame de 1.º cabo. Os restantes, que mal soletravão e que fazião garatujas quando pegavão na pena, aproveitarão muito com o ensino progredindo notavelmente. Mas não os julguei em condições de fazer um exame limpo de 1.º cabo.

Note v. que alguns destes vierão transferidos de outros corpos, onde estavam sendo ensinados pelo padre capellão. Recebi 11 n' essas condições. Pois nem um eu consegui habilitar ao exame de 1.º cabo. Não os julguei capazes disso, apesar da *esfrega* que levavão.  
 Portanto, tivemos nisto. Dos analfabétos, 14 tiveram aproveitamento completo. Dos analfabétos, 20 fizêrao um bom exame de 1.º cabo, ficando 9 aprovados com distincção. Mas, alem desses, mais 26 seguirão o curso do principio ao fim com aproveitamento. Ao todo 60.  
 O mesmo, analogamente, succedeu nas outras companhias.

E, já agora, permita-me v. sr. redator, uma outra observação. Dis-se que o regimento de infantaria 23 se distinguia nas ultimas manobras. Todos os jornais o affirmavão, sem discrepância, tecendo os mais rasgados elojios a esse regimento. Pois bem. Sendo assim, ficou plenamente demonstrado que a instrução literaria por companhias não prejudica, em coiza alguma, a instrução profissional.  
 Sabe v. que a rotina insinua a cada instante, que o ensino, como eu o defendo, é prejudicial á instrução militar. Já por mais do que uma vez eu me vi obrigado a responder nas *Novidades* e noutros periodicos a essa insinuação, feita com uma insistencia verdadeiramente impertinente. Afirmei eu, então, que se provava o contrario com documentos officiaes, existentes no proprio ministério da guerra. No entanto a rotina, que é de má fé, insistia nas insinuaçôes. Felismente, um successo reumbante acaba de as destruir, dando-me plenissima razão.

Se o regimento de infantaria 23 se distinguia, notavelmente, nas ultimas manobras, pelo seu aprumo pela sua disciplina, pela sua resistencia, pela precisão e consciencia das suas evoluçôes, o regimento dos *literatos* dos cabos pelo *método de João de Deus*, como os rouineiros desdenhosamente lhe chamavão, é porque a instrução de primeiras letras, a que officiaes e sargentos patrioticamente se dedicavão, não levou o minimo prejuizo, nem offensa, á instrução militar.  
 Nem os soldados diminuirão por se terem feito *meninos de colégio*, nem os officiaes e sargentos por terem exercido as humildes funcôes de mestre-escola.  
 Como isto seria um grande pais se não possuísse tanto brutinho com are e gravidade de doutor!

Mas calada. O silencio é de ouro. Creia-me sempre, sr. redator,  
 De v. etc.  
 Francisco Manuel Homem Christo.  
 Coimbra, 8-9-1903.

**O nosso concurso**  
 Não se realiza este ano o nosso concurso de automobilismo!  
 Razão tinhamos nós para affirmar, após a realização do grande concurso em 1903, que tinha sido uma *tour de force* a sua organização e o seu felicissimo successo e que no nosso pais o levar á effeito um conjunto de provas sportivas, que preencherão o ano passado a primeira semana de outubro, é verdadeiramente difficil.  
 Pensavamos nós, porém, após umas

**O DIARIO**  
 Entrou no 2.º ano da sua publicação este nosso coléga da capital, Cordiais felicitaçôes.

### A INSTRUÇÃO DO SOLDADO

Sr. redator. — Permita-me um esclarecimento a ultima carta.

Quando eu digo que só conseguimos, eu, o meu tenente, o meu 1.º sargento, e quatro 2.º sargentos que me auxiliavão nos dias de folga, ensinar 14 analfabétos, e abilitar 20 não analfabétos ao exame de 1.º cabo, não se entende que fóra ôses os unicos recrutas que frequentarão o 1.º curso na minha companhia. Não. Matricularão-se 70. Seguirão o curso, de principio ao fim, 60. Os restantes fórao transferidos uns, izentos outros, e demonstrarão completa incapacidade alguns. Os 60 aproveitarão todos. Mas dos analfabétos, só 14 conseguirão lêr correntemente, escrever de forma lejvel e fazer as quatro operaçôes. Os outros ficarão sabendo lêr, escrever e contar com menos perfeição. Dos não analfabétos, só mandei 20 a exame de 1.º cabo. Os restantes, que mal soletravão e que fazião garatujas quando pegavão na pena, aproveitarão muito com o ensino progredindo notavelmente. Mas não os julguei em condições de fazer um exame limpo de 1.º cabo.

Note v. que alguns destes vierão transferidos de outros corpos, onde estavam sendo ensinados pelo padre capellão. Recebi 11 n' essas condições. Pois nem um eu consegui habilitar ao exame de 1.º cabo. Não os julguei capazes disso, apesar da *esfrega* que levavão.  
 Portanto, tivemos nisto. Dos analfabétos, 14 tiveram aproveitamento completo. Dos analfabétos, 20 fizêrao um bom exame de 1.º cabo, ficando 9 aprovados com distincção. Mas, alem desses, mais 26 seguirão o curso do principio ao fim com aproveitamento. Ao todo 60.  
 O mesmo, analogamente, succedeu nas outras companhias.

E, já agora, permita-me v. sr. redator, uma outra observação. Dis-se que o regimento de infantaria 23 se distinguia nas ultimas manobras. Todos os jornais o affirmavão, sem discrepância, tecendo os mais rasgados elojios a esse regimento. Pois bem. Sendo assim, ficou plenamente demonstrado que a instrução literaria por companhias não prejudica, em coiza alguma, a instrução profissional.  
 Sabe v. que a rotina insinua a cada instante, que o ensino, como eu o defendo, é prejudicial á instrução militar. Já por mais do que uma vez eu me vi obrigado a responder nas *Novidades* e noutros periodicos a essa insinuação, feita com uma insistencia verdadeiramente impertinente. Afirmei eu, então, que se provava o contrario com documentos officiaes, existentes no proprio ministério da guerra. No entanto a rotina, que é de má fé, insistia nas insinuaçôes. Felismente, um successo reumbante acaba de as destruir, dando-me plenissima razão.

Se o regimento de infantaria 23 se distinguia, notavelmente, nas ultimas manobras, pelo seu aprumo pela sua disciplina, pela sua resistencia, pela precisão e consciencia das suas evoluçôes, o regimento dos *literatos* dos cabos pelo *método de João de Deus*, como os rouineiros desdenhosamente lhe chamavão, é porque a instrução de primeiras letras, a que officiaes e sargentos patrioticamente se dedicavão, não levou o minimo prejuizo, nem offensa, á instrução militar.  
 Nem os soldados diminuirão por se terem feito *meninos de colégio*, nem os officiaes e sargentos por terem exercido as humildes funcôes de mestre-escola.  
 Como isto seria um grande pais se não possuísse tanto brutinho com are e gravidade de doutor!

Mas calada. O silencio é de ouro. Creia-me sempre, sr. redator,  
 De v. etc.  
 Francisco Manuel Homem Christo.  
 Coimbra, 8-9-1903.

**O nosso concurso**  
 Não se realiza este ano o nosso concurso de automobilismo!  
 Razão tinhamos nós para affirmar, após a realização do grande concurso em 1903, que tinha sido uma *tour de force* a sua organização e o seu felicissimo successo e que no nosso pais o levar á effeito um conjunto de provas sportivas, que preencherão o ano passado a primeira semana de outubro, é verdadeiramente difficil.  
 Pensavamos nós, porém, após umas

pequenas disputas, que se seguirão entre a concorrência comerciál, ao Circuito das Beiras 1903, que o número de concorrentes em 1904, para o nosso grande concurso, seria maior e seria de, pelo menos, equal quillate.  
 Os nossos leitores recordão se mesmo do facto de alguns concorrentes de 1903, se queixarem do pequeno prazo de tempo que tinha avido para se prepararem e se increvem, attribuindo a isso a sua não colocação no Circuito das Beiras.  
 Parece, pois, ôje provado, que se tratava única e simplesmente de argumentos commerciaes, e não de vontade de apresentar provas sportivas.  
 O nosso grande concurso em 1904 está anunciado desde a realização do de 1903, e é garantido desde esse tempo por ter sido posta á disposição pelo vencedor, a *Coupe* de sua majestade el-rei para ser disputado annualmente, em Portugal, numa grande prova em estrada.  
 O concurso este ano, segundo o nosso regulamento, era internacional. Eis um outro pouco que os adversos discutirão o ano passado a propósito do Circuito das Beiras, que era única e simplesmente reservado a condutores de Portugal, se bem que nesta categoria entrassem tôdos os estrangeiros residentes no nosso pais.  
 Não á concurso de automobilismo Porto-Lisboã este ano realizado por nós! E não á pura e simplesmente por ausência de concorrentes em número sufficiente. Não nos faltavão mesmo prémios, pois alguns nos virião mesmo do estrangeiro.  
 A inscrição foi encerrada com a lista de três da *E. A. P.* que já publicamos. Ela inscrevia um veiculo na categoria de 4 cilindros, outro na categoria de 2 cilindros e outro na categoria de motociclétes.  
 Quem serão os condutores dos veiculos?  
 A inscrição era feita por números, no entanto diz-se que eles serão os seguintes: — José Dionizio, motocicléte; dr. Eduardo de Oliveira ou Afonso de Barros, na categoria de 2 cilindros; dr. Tavares, na categoria de 4 cilindros.  
 Este último, se fosse de indole orgulhosa em questôes de *sport*, teria razão de orgulhoso estar ôje, com a não inscrição em número sufficiente. O facto de saber que concorrentes (*soldados*) haviam tido que ele tivesse ganho a *Coupe*, com um despendimento digno de nota, entrega á redação do *Portugal Chauffeur*, para ser disputada em 1904, e inscreve-se para tomar parte nesta luta.  
 A não inscrição desses concorrentes dá-lhe o direito a fazer-lhe a justa classificação.  
 A nós resta-nos atualmente apenas fazer-mos-lhe a reentrega da *Coupe*, pensando o director do *Portugal Chauffeur* dr. Amadeu Pais Borges de Brito, em promover, no anniversario do Circuito das Beiras, um *lunche* em que será feita officalmente a entrega definitiva da *Coupe* ao vencedor de 1903.

No domingo chegarão de Luzo, de regresso das manobras do outono parte da companhia de equipajens e adidos de artilharia 1 sob o comando do tenente Silva.  
 Aquartelarão em Sant'Anna, seguindo de madrugada para Pombal.  
 So agora retirarão por terem de ultimar o serviço de deposito e arrecadação de viveres de que estavam encarregados, tendo enviado para a administração militar e comando jeral os jeneros que não fórao utilizados.

**Festividade**  
 No proximo domingo, 25 do corrente, realiza-se no Ranjél, proximo de Cozêlas a festividade a Nossa Senhora da Conceição, avendo na véspera fogo de vistas e bitão, tocando durante os intervalos a afamada muzica das três figuras.  
 No domingo de manhã, missa cantada a grande insinmental, pelo rev.º prior de Santo António dos Olivais, e de tarde subirá ao pulpito o distinto orador sagrado rev.º Joaquim Maria Ferreira, abade de S. Paulo de Frades. Averá arrematação de fogaçãs, bazar e danças populares.  
 O contrato para a municipalização da iluminação em Coimbra, a que nos referimos em um dos passados numeros, foi aprovado por despacho ministerial de 17 do corrente,

### CURANDEIROS

Está o assunto em môda.  
 Oferecemos aos leitores os dois atestados de cirurjôis ministrantes, uma espécie de curandeiros diplomados que acabou á muito.  
 A bou a necessidade de diploma... os curandeiros continuam.

E' notavel o cuidado cauteloso com que o atestado está escrito, e a modestia com que num dêles assina á falta de ômens.

Ignacio Xavier Pinto de Barboza, Examinado e Aprovado nas Faculdades de Anjeologia, Flebotomia e pequena Cirurgia pelo Concelho de Saude publica do Reino

Atesto que Examinando o Requerente, no tempo que me pediu Soccorros de Saude, nada achei nelle de que pudesse fazer menção; mas divizando nelle uma cor leveamente mudada do Natural, e queixando-se me que fóra frido por um tiro de pedrada, e que bastantem. lhe Estimulára uma ou duas custéllas, e dando eu credito a elle Requerente, passei a Atender-lhe á parte com alguns Remédios tópicos e Confortantes, nos quais estou bem certo; e Internamente tomou hum certo Remedio que se costuma Aplicar em taes cazos de contozoens, e Levou quatro Sangrias que me pareceo conveniente. Sendo certo o dito, e por essa coiza esteve tres a quatro dias de cama, e deveria estar mais sendo veridico, depois, que se levantou, alguns dias mais deixou de trabalhar na Sei-se Seria com Justa cauza; Respeito ao tempo da convalescência como eu não Seja Juiz de consciencias alheias e conheça bastante Intrece e negativa nas partes todas, Appelo este Negocio p.º a S.ª Junta de Saude p.ª que de pois de provado o frim.º aomenos com Testemunhas, Saibão avaliar a Sua gravidade e o tempo percizo para o Seu Restabelecimento; como Facultativo não Sei mais, e como Testemunha nada vi.

por Ser verdade o que digo e fis e muito me Instarem lha passei este que assigno.

Sam Pedro  
 18 de Maio de 1852  
 Alumno  
 Ignacio Xavier Pinto de Barboza.

Ignacio Xavier Pinto de Barboza Examinado e Aprovado nas Faculdades de Anjeologia, Flebotomia e pequena Cirurgia pelo concelho de saude publica do Reino licenciado por S. M. F.

Atesto que o Sr. Celestino da Cruz Baptista tendo á anos sido meu freguez nunca observei que soffresse molestia alguma conthagiosa ou Hyriditaria antes oujlo algum tanto robusto e bastante Saudavel; e hoje mesmo p.º mais Seguranca Examinado dos pes athe a cabeça não se acha nelle vestijio algum de Infirmidade nem se tem curado de alguma que eu Saiba e por Julgar esta a verdade e me Ser pedido passo este p.º para que conste aonde convier

Castro 30 de Agosto de 1864  
 na falta de Homens  
 Ignacio Xavier Pinto de Barboza  
 Reconheço verdadeira letra e assignatura supra Bragança 5 de Setembro de 1864

Infide LHDV veritatis.  
 O Tab.º  
 Leonardo M.º Garcia J.º

O certo remedio que se costuma aplicar é a droga secreta da invenção do dr. em Anjeologia...  
 Até parece d'ôje, e mais diplomado...

Os srs. condes do Ameal, cuja caridade é bem conhecida, fizêrao distribuir esmôlas de milho e dinheiro por ocazião das missas que mandarão dizer por alma de seu pai e sógro o sr. dr. João Maria Correia Aires de Campos.  
 E uma omenajem digna do illustre exuinto, cujo espirito caritativo deixou uma luminôza tradiçào,



**CARTA DO DOURO**

MEALHUNDOS, 20-9-104.

Escrevo-lhes daqui, d'este nosso Douro, situado mas interessante. A quinta onde estou, fica aqui ao pé de Penafiel, uma cidade que não tem que nada ver, e que parece umarua do Porto, a arez numa quinta do Douro.

As vinhas estão famozas. Aqui mesmo, tenho acima de mim, a servir-me de doce, uma parreira encantadora, bem mais linda do que este ceu. Ao longe ouve-se o chiar dos carros e o bater compassado do mangual na eira.

Aqui a meu lado dorme a sôno solto a Teca, a velha perdigueira, e a meu lado, espera que eu acabe de escrever, Virjilio, o doce e abençoado Virjilio das Georgicas.

Huc, pater o Lenae (tu is hic omnia plena)

Muneribus: tibi pampineo gravidus autumnus

Floret ager; spumat plenis vindemia labris

Huc, pater o Lenae, Veni, nudatoque musto

Tinge novo mecum direptis cruro cothurnis.

Como isto é bello! (Sobretudo com a tradução ao lado).

E como me parece impossível que até agora vivêsse na ideia de que Virjilio era só para ler e enalazar nas aulas!

Virjilio venceu. Vou lê-lo. Adeus.

C. F.

O Portugal-Chouffeur não realiza este ano os concursos, de automobilismo que fôro inaugurados tão auspiciosamente, o ano passado, com o circuito das Beiras.

Do ultimo numero transcrevemos o artigo, em que se dão as razões d'este facto.

Regressou da Roça Valparaizo (Africa), encontrando-se atualmente na capital expedido no Francfort Orel, a descansar das fadigas, o nosso prezado assinante, sr. João Francisco da Costa. D'aqui lhe damos as boas vindas.

Regressou de Luso e da Figueira da Fôz, onde esteve em vilajatura o nosso prezado assinante, sr. Augusto Gonçalves e Silva.

**Tourada**

No domingo averá no Colizeu figueirense a tourada promovida e offerecida por um grupo de amigos e admiradores de João Marcelino de Azevêdo.

Lidar-se-ão dês touros da companhia das Lezirias, com 4 anos cumpridos, escolhidos com o maior esmero.

Tourearão a cavallo os srs. drs. Augusto de Assis, Jozé de Lacerda

Pinto Barreiros, dr. Afonso Marques de Sousa e João Marcelino de Azevêdo. Serão bandarilheiros D. Rui de Siqueira Freire (S. Martinho) e Paulo David.

Forcados os srs. Miguel de Paixina, João Robaud, Jorje Nunes Correira, Felipe Lamas, Cezar de Mélo, Germano Martins, A. Brito Chaves, e Alexandre Sá da Bandeira.

Teodoro Gonçalves e Jozé Martins coadjuvarão a lide.

Averá comboios a preços reduzidos em todas as linhas férreas. Os preços dos bilhetes de ida e volta no caminho de ferro da Beira Alta são, incluindo o imposto do selo:

Vilar Formôzo e Freineda, 12650 em 2.ª classe e 12250 em 3.ª; Cerdeira e Vila Fernando, 12550 e 12150; Guarda, Pinhel e Vila Franca, 12450 e 12050; Celorico, Fornos e Gouveia, 12250 e 950; Mangualde e Nelas, 12150 e 820; Canas, Oliveirinha e Carregal, 12050 e 720; Santa Comba, 950 e 620; Mortagua e Luso, 820 e 520; Pampilhosa e Murteide, 620 e 420; Cantanhêde, 520 e 370; Lameda, Cadima e Arazede, 420 e 310; Montemor, 320 e 180; Alhadas, 220 e 150, Maiorca, 150 e 100 réis.

Os passageiros para além de Mangualde tem, como ultimo comboio de regresso, o comboio n.º 13 | 3 do dia 27.

A ida é nos dias 24 e 25, a vinda nos dias 26 e 27, pelos comboios ordinarios.

TEIXEIRA DE PASCOAES

**Para a lús**

FIGUEIRINHAS JUNIOR  
Livraria editora — Lisboa

EDUARDO DE NORONHA

**A ambição dum rei**

Obra ilustrada com numerôzas gravuras coloridas por Manoel de Macêdo e Roque Gameiro, impressa em magnifico papel.

Caderneta semanal de 16 páginas, 40 réis. Tômo mensal, 200 réis.

Um exemplar grátis a quem remeter adiantadamente a esta empreza a importancia de dês cadernetas ou tômos.

Brinde a tôdos os assinantes

Acceptão-se pedidos de qualquer numero de cadernetas e tômos.

A EDITORA, largo Conde Barão, 50

Lisbôa

Precizão-se sjentes em tôdas as terras do continente colônias e Brazil.

— Aqui á só um gentilômem, interrompeu bruscamente Ombert, e não lhe á de custar muito a fazer voltar a rêdea a cinco rufôis, como vocês, que abúzio do nome dum príncipe nôbre para oprimir os vassallos de sua majestade. A mim, Bertram! Aqui, Flint! E que Deus seja pela bôa cauza!

Avia apênas acabado estas palávras e já Flint, correndo ao chamado do dôno, fazia levantar o cavallo do pretendido gentilômem que caiu por debaixo da montada e debalde tentou dezenven-silhar-se para tomar parte no combate.

Os quatro archeitos reunirão-se então para atacar Ombert, que se defendia valentemente sustentado por Bertram; Flint, que persegua sem descanso os cavallos, dezerdenou o bando inimigo, e foi de grande ajuda ao dôno que não teve senão um adversário para combater de cada vês.

O barão pôs assim dois archeiros fóra do combate, e foi em ajuda do escudeiro, no momento em que Bertram fazia mordêr o pó ao inimigo que o perseguia de mais péрто e mais viva-mente.

Quando ao antigo amigo de Bertram, não pode rezolvêr-se a combater seriamente um velho camarada, e, depois de têr trocado com êle, por cerimonia, alguns bôtes, meteu a galôpe pela estrada de Fontainebleau, sem voltar cabeça.

**CARRIS DE FERRO DE COIMBRA**

**ORARIO**

Nos mezes de AGOSTO E SETEMBRO

Carreiras entre o largo das Ameias e a rua Infante D. Augusto

**Partidas**

Do largo das Ameias	Da rua Infante D. Augusto
8 <sup>h</sup> ,30 <sup>m</sup> manhã	9 <sup>h</sup> manhã
9,30	10
10,30	11
11	11,30
11,30	12
12	12,30 tarde
12,30	1
1 tarde	1,30
1,30	2
2	2,30
2,30	3
3,30	4
4,30	5
5,30	6
6,30	7
7,30	8
8,30 noite	9
9	9,30
9,30	10
10	10,30

Carreiras entre o largo das Ameias e a estação B dos caminhos de ferro

**Partidas**

Do largo das Ameias	Da estação B
3 <sup>h</sup> ,10 <sup>m</sup> manhã	As partidas desta estação, são logo depois das chegadas dos comboios.
5,55	
8,10	
2,30 tarde	
3,36	
5,55	
6	
6,45	
8,58	
11,22	
—	

**Bilhetes de ida e volta**

Largo de D. Carlos (Ferreira Borges) á Rua Infante D. Augusto (Universidade) — 70 réis.

**Sahidas do Theatro**

Do Theatro para cima até á Rua do Infante D. Augusto — 80 réis.

Do Theatro para baixo até ás Ameias ou Casa do Sal — 60 réis.

Recebem-se annuncios para serem fixados no interior de tôdos os carros em circulação pelo preço annual de réis 120000, sendo os annuncios e sellos por conta do annunciante.

Ombert apeou-se então, e adeantou-se cortêsmente para as duas senhôras, e a mais faladôra dirijiu-lhe estas palávras:

— Sire, sois uma fina espáda e um bravo gentilômem, deixaste-nos maravilhadás com êste passo dármas com que nos divertiste. Dignoi-vos fazer-nos conhecêr o nôsso liberdadôr.

O barão disse o nôme, e algumas amabilidades modéstamente.

A dama respondeu-lhe então:

— Acceptai os nôssos agradecimentos e contai, monsenhôr, que esta noite, á ceia, avêmos de divertir muito monsenhôr d'Orleans, a contar-lhe as proezas do barão de Roche Corbon.

Acabando de dizer estas palávras, fês voltear o cavallo, e meteu pela estrada de Fontainebleau, em seguimento do archeiro.

A segunda eziou um instante, tirou uma das luvas rozada e perfumada, ofereceu-a com a mão a tremêr a Ombert, depois esporeou o cavallo e foi têr com a companhia que ria ás gargalhadas.

Foi grande a confuzão do barão; lançou um rápido volvêr dôlhos sobre o campo de batalha que acabava de ensanguentar, ordenou a Bertram, que ajudasse a levantar o unico ômem dármas que não ficara ferido, depois partiu a trôte, escondendo por debaixo do justillo a luva que a mais umâna das duas damas lhe avia dado.

**ORARIO DOS COMBOIOS**

Desde 1 de Junho de 1904

SERVIÇO NO RAMAL DE COIMBRA

**PARTIDAS**

MANHÃ

- 6,0 — Tramwai: Figueira.
- 3,15 — Porto, Minho e Douro, Beira Alta até Mangualde; ás segundas, quartas, sextas e sábados até Guarda.
- 6,11 — Porto, Minho e Douro (até Tua) Beira Alta, Beira Baixa (por Pampilhosa) Ramal de Vizeu.
- 8,25 — Lisboa, Beira Baixa (por Abrantes) Leste e Caceres e Sul e Sueste. Os passageiros de 1.ª e 2.ª: para Santarem, Setel e Lisboa R. passam no entroncamento ao rapido.
- 9,30 — Tramwai; Figueira.

TARDE

- 12,41 — Sud Express: Lisboa e Paris, ás segundas, quartas e sábados.
- 1,25 — Tramwai: Figueira.
- 2,35 — Porto e Ramal da Figueira (por Pampilhosa).
- 3,35 — Lisboa (pela linha do Oeste) e Figueira.
- 6,20 — Porto e Beira Alta (até Mangualde) ás terças quintas e sábados, tem ligação por Vizeu. Esta comboio leva os passageiros para o rapido para Lisboa.
- 6,50 — Lisboa, Figueira, Oeste e Leste, Ramal de Caceres e Beira Baixa.
- 7,25 — Sud Express: Paris e Lisboa, aos domingos, terças e quintas feiras.
- 9,7 — Rapido: Porto.
- 11,30 — Correo: Lisboa, Sul e Sueste.

**CHEGADAS**

Correspondencia em Coimbra B

MANHÃ

- 12,5 — Porto, Minho e Douro, Beira Alta desde Mangualde; ás segundas, quartas, sextas e sábados desde a Guarda, segundas, terças e sabados Vizeu.
- 3,50 — Lisboa, Beira Baixa Leste, Caceres, Sul, Sueste, Oeste e Figueira (1.ª e 2.ª classe.)
- 5,40 — Lisboa, Beira Baixa, Leste, Caceres, Sul, Sueste, Oeste e Figueira (todas as classes.)
- 7,36 — Tramwai dirêto da Figueira (só no dia 23 de cada mês.)
- 8,49 — Porto, Beira Alta e Figueira (por Pampilhosa), ás quartas Vizeu.
- 9,20 — Tramwai: Figueira.

TARDE

- 12,6 — Tramwai directo da Figueira.
- 1,5 — Sud-Express: ás segundas, quartas e sábados.
- 3,10 — Tramwai de Alfaiates e mixto de Lisboa por Oeste e Figueira.
- 4,15 — Tramwai do Porto.

Tombára a noite, sombria e fria como uma noite de Outubro.

Bertram que comprehendia a desventura de Ombert, não se atrevia a dirijir-lhe palávras; não se ouvia outro ruido além dos passos dos cavallos e Ombert, naquêlo silencio solêne, meditava nas últimas palávras de Jean le Réchin:

— Nunca espêre que venha dama saia outra coiza que perfidia e traição.

E, bem a seu pezar, cada vês que o sinistro adáujo soáva a seus ouvidos, o vestido armoriado de Catarina passava e tornava a passar deante de seus ôlhos.

A perversidade nativa da mulhêr acabava de se lhe revelar inteiramente na mystificação de que era objêto, e pensava no prestijio da jerarquia dum príncipe como o duque de Orleans, na situação desgraçada dum pôbre barão, roubado, excomungado, banido, e quasi chegava a felicitar-se por Catarina o não ter seguido, éla cuja belêza poderia ter chamado a attenção do príncipe e dos seus rafeiros.

Caminhava assim á uma óra pouco mais ou menos, quando, chegado á uma cruzilhada, em que se cruzávão oito caminhos uniformes e sombrios, parou um instante para se orientar; mas não pôde chegar a fazê-lo, e tinha tomado a rezolução de esperar que passasse algum viajante para têr uma indicação precisa, quando viu erguêr-se na sua frente, levantando-se do caminho, em

- 6,40 — Lisboa, Beira Baixa, Leste, Caceres e Figueira.
- Porto, Minho e Douro, 1.ª e 2.ª classes (rapido).
- 7,15 — Pampilhosa, Beira Alta, Figueira e Vizeu (todas as classes).
- 7,50 — Sud-Express: Paris, aos domingos, terças e sextas.
- 9,30 — Lisboa e Figueira (rapido).
- 11,40 — Tramwai, directo da Figueira.

**ANUNCIOS**

**Escola Nacional de Agricultura**

Pela Direcção desta Escola se fás publico que na quinta feira, 5 de outubro proximo, pelas 11 óras da manhã, na secretaria da mesma Escola e perante a referida Direcção á de têr logar a arrematação dos seguintes fornecimentos.

- 1.ª Alimentação de alunos e prefeitos;
- 2.ª Concôrto da roupa de alunos;
- 3.ª Lavagem da roupa dos alunos.

As propostas serão feitas em carta fechada e recebidas até aquella preciza óra, pelo relôjo do estabelecimento, devendo contêr exteriormente o nôme do proponente e o fornecimento a que se destinão, sendo acompanhadas do depôzito provizório de 100000 réis para a alimentação dos alunos e prefeitos; de 10000 réis para o concôrto das roupas dos alunos e de 20500 réis para a lavagem da roupa dos mesmos.

As condições estão desde já patentes na secretaria da referida Escola tôdos os dias uteis, das 10 óras da manhã até ás 4 da tarde.

Escola Nacional de Agricultura, 15 de setembro de 1904.

O director interino,

Jozé António Ochôa.

**JARDINEIRO**

MANUEL CALDEIRA, de 37 annos de idade, de Sernache dos Alhos, offerece-se a quem necessitar dos seus serviços, como jardineiro, nesta cidade ou imediações.

Tem longa pratica daquêlo serviço, pois estêue durante 16 annos, effetivos, nos jardins dos srs. condes do Ameal, onde ainda ôje se conserva a trabalhar a dias.

Quem pretendêr pôde procura-lo em Sernache dos Alhos.

**Sem competencia em qualidade**

Especial vinho de mêza a 100 réis o litro e de 5 litros para cima a 90 réis.

Vende, Augusto da Silva Teixeira, no seu estabelecimento — Rua Sá da Bandeira, n.ºs 22, 23 e 24, próximo ao Teatro Circo.

Gazôzas, cervejas, vinhos finos, champagne, tabacos, stearinas e conservas de Espinho. Bairro de Santa Crús. — Coimbra.

que parecia ter dormido, um rapás nôvo embrulhado numa bluzã de pãno cinzento que lhe chegava ate aos calcainhâres, e com o rôsto assombreado por um chapéu de abas largas.

Bertram interrogou-o, e a criança que mal se via á lús das estrelas, respondeu bocejando o esfregando os ôlhos que tambem ia para Fontainebleau, e que de bom gráo serviria de guia aos viajantes.

Quando á força de repetir estas poucas palávras, que a sua vôs rouca e o seu acento extravagante tornávão pouco intelhiveis, chegou a fazer comprehendêr-se, atirou-se de um salto para a garupa de Gibby, e tirando das mãos do barão espantado as rêdeas do nôbre animal, que caracolava e rinchava cheio de terrôr, estreitou Ombert entre as rêdeas.

Passando então as suas pernas por sobre as do barão, obrigou-o a esporear o cavallo que se atirou resfolgando para um estreito atalho, cujo accêso estava escondido pelas silvas e que Gibby transpôs dum salto.

Flint correu ladrando atrás do barão e Bertram pôs o cavallo a galôpe, sem comprehender nada da scena de que era atôr, mas rezolvendo a não abandonar por mêdo, em qualquer circumstancia, um patrão que teria traído por interesse sem sombra de escrupulo.

(Continua.)

(43) Folhetim da "RESISTENCIA,"

**O EXCOMUNGADO**

XIV

O campo dos boémios

O archeiro recuou alguns passos e perguntou respeitôzmente ao barão o motivo duma intervenção tão repentina como imprevisita; os outros cavaleiros, que tinham acorrido ao barulho da discussão, avião-se collocado ao lado do companheiro.

As suas perguntas precipitadas Ombert respondeu que queria que as damas fossem pôstas immediatamente em liberdade, e que tomava a responsabilidade daquêle acto para com monsenhôr de Orleans, que julgava incapaz de têr autorizado tais violencias.

— Tome cautêla com o que fás, senhôr, disse com moderação o mais velho do bando, o senhôr não trata agora com simples archeiros e é um gentilômem de monsenhôr que, neste momento, o intima a abandonar uma empreza pouco reflêtida e na qual nunca poderá levar vantâgens a cinco ômens bem armados.



**União Vinicola do Dão**

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portugueses, á venda na

**Mercearia LUZITANA**  
(Depósito unico em Coimbra)

**Companhia de Seguros Reformadora**

A única que em Portugal efetua seguros postaes, para todas as cabeças de distritos e de comarcas.

Correspondentes: *Gaito & Canas.*

**Queijos da serra da Estrela**

QUALIDADE GARANTIDA

NA  
**Mercearia LUZITANA**

**Fumeiro do Alemtejo**

Recebeu mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é uma revendedora em Coimbra, a *Mercearia Luzitana.*

Repara... Lá...

Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipações, bronquites, rouquidões, asma, tosses, coqueluche, influenza e outros encomodos dos órgãos respiratorios.

Se atenuão sempre, e cûrão as mais das vezes com o uso dos *Sacharolides d'alcatrão, compostos (Rebuçados Milagrosos)* onde os efeitos maravilhozoz do alcatrão, jenuinamente medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidencião em toda a sua salutar eficacia.

E tanto assim, que os bons resultados obtidos com uso dos *Sacharolides d'alcatrão, compostos (Rebuçados Milagrosos)* são confirmados, não só por milhares de pessoas que os teem uzado, mas tambem por abalizados facultativos.

Farmacia Oriental — S. Lazaro — Porto.

Caixa, avulso, no Porto, 200 réis pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis

**Oficial de relojoeiro**

Preciza-se dum, na relojoaria Araujo. Rua do Visconde da Lus — Coimbra.

**Antonio Ribeiro das Neves Machado**

ALFAIATE

Fernecedor da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Rua da Sofia, 58 a 62 (caza d'azulejo)  
**COIMBRA**

Variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Confeções para ómem e crianças, pelos ultimos figurinos.

Vestes para ecclesiasticos. Camizas, gravatas, suspensorios e diversos artigos para ómem.

**PREÇOS REZUMIDOS**

**“REZISTENCIA,,**

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno..... 2\$700  
Semestre..... 1\$350  
Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 2\$400  
Semestre..... 1\$200  
Trimestre..... 600

Brazil e Africa, anno..... 3\$600  
Ilhas adjacentes, „..... 3\$000

**ANUNCIOS**

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto de 50%.

Communicados, cada linha..... 40  
Réclames, cada linha..... 80

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jorna fór onrado.

Avulso 40 réis

**PASTELARIA E CONFITARIA TELLES**

150 — Rua Ferreira Borges — 156

COIMBRA

Nésta caza, regularmente montada no jénero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza.

Dôces de ovos com os mais finos recheios.

Dôces de fructa de diversas qualidades, secos e cristalizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especializando os de folhado.

Galantines diversas. Tête d'Achar. Patê de Lievre e Foie.

Sauisses. Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. Pão de ló, pelo sistema de Margarida.

Especialidade em vinhos generozos e liciores finos das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos produtos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32

**FABRICA DE TELHÕES, MANILHAS E TIJOLOS**

Pedro da Silva Pinho Coimbra

Premiado na Exposição de Ceramica Portugueza, no Porto, em 1882, com diploma de merito; medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

29, Rua João Cabreira, 31 — COIMBRA

A mais antiga e acreditada fabrica de Coimbra, unica que tem pessoa mais habilitada para construcção e solidez de telhões, manilhas, siphões para retretes vasos para jardins e platibandas, balaustros, tijelos para ladrilhos de tornos, tijelos grossos para construcções e chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc., etc.

Todos estes artigos são de boa construcção e por

Preços economicos

**Alfaiateria Guimarães & Lobo FONOGRAFOS**

54 — RUA FERREIRA BORGES — 56  
(Em frente ao Arco d'Almedina)

Abriu este novo estabelecimento onde se executa com a máxima perfeição e modicidade de preços toda a qualidade de fatos para ómem e criança, para os quais tem um variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Ha tambem uma grande variedade em flanelas e panos pretos para capas e batinas, para todos os preços.

Artigos para ómem como camisaria, gravatas, luyas, etc.

Pede-se ao publico a fineza de visitar este estabelecimento.

**Consultorio dentario**

COIMBRA  
Rua Ferreira Borges

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

**CÁZA MEMÓRIA**

Santos Beirão & Enriques

Sucursal em Coimbra

99 — Rua Visconde da Lus — 103

Esta caza continúa a fornecer ao público as suas acreditadas máquinaz de costura *Memória*. Têm todos os modélos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bobine central, o que á mais perfeito.

Niuguem compre sem vizitar esta antiga e acreditada caza, para se certificar da qualidade e preços destas máquinaz que nenhuma outra se pôde igualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a *Memória* com tantas outras que por aí se vendem. Vendem-se a prestacção e a pronto pagamento. Aceitação-se máquinaz uzadas em troca pelo seu justo valór.

**Pianos**

Esta caza acaba de receber importantes remessas de pianos alemães e francêzes que vende a pronto pagamento por serem importados directamente dos fabricantes; vendem-se ao público em melhores condições do Pôrto ou Lisboa. Aceitação-se pianos em troca e comprão-se pianos uzados.

A' sempre quantidades de pianos para slugar.

Mancel José Têles, Rua Ferreira Borges, n.º 150 a 156, tem em deposito os magnificos *Fonografos Edison* de diferentes preços e tamanhos.

Variada e grande coleção de cilindros, com lindas óperas, cançonetas, cançonetas, monologos, etc., nacionaes e estrangeiros que vende pelos preços das principaes cazas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com muzicas novas e muito escolhidas.

**Potes para azeite**

Vendem-se 10 potes em bom uzo e muito bem conservados que, armazenão 900 decalitros de azeite, vendem-se juntos ou separados. Preços excessivamente baratos.

Praça do Commercio, n.º 34 e 35. — Coimbra.

**SEGUROS DE VIDA La Mutual Reserve Life**

INSURANCE COMPANY  
**RESERVA MUTUA**  
DE NEW-YORK  
Correspondente em Coimbra  
João Borges  
Rua Ferreira Bôrges, 27 a 29

**Consultório médico-cirurgjico**

Análizes clinicas  
(Expétorações, urinas, etc., etc.)

**Vicente Rocha e Nogueira Lobo**  
Rua Ferreira Borges, n.º 97

CONSULTAS:  
Das 10 1/2 ás 12 da manhã e das 3 ás 4 da tarde.

**MARIO MACHADO**

Cirurgião dentista pela Universidade  
Tratamento de todas as doenças de bôca e dentes.  
Dentaduras desde as mais simples ás mais luxuozas.  
Consultório — Largo da Sé Velha.  
Preços modicos

**Agua da Curia (Mogofores — Anadia)**

Sulfatada-Calcica

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de CONTREXÉVILLE, nos Vosges (França)

Estabelecimento balnear a 2 kilometros da estação de Mogofores  
Carrons á chegada de todos os comboios

Hotel perto dos banhos

**INDICAÇÕES**

Para uso interno: — *Arthritismo, Rheumatismo chronico, Gotta, Lithiasa urica, Lithiase biliar, Engorgitamentos hepaticos, Catarrhos vesicaes, Catarrho uterino.*

Para uso externo: — *Em diferentes especies de dermatoses.*

Como purificadora do sangue não ha nenhuma no paiz que se lhe avantege

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.º sr. Charles Lepierre.

A agua da Curia não se altera, nem pelo tempo, nem pelo transporte

A' venda em garrafas de litro — Preço 200 reis

Deposito em Coimbra — PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 6

**GUÍA PRÁTICO**

DE

ESCRITURAÇÃO E CONTABILIDADE

COMERCIAL, BANCÁRIA, AGRÍCOLA E FÁBRIL

Pelo professor e perito comercial Joaquim Enriques da Silveira Pásson

Diplomado pela Escola do Comércio de Lisboa

No dia 1 do corrente mês de Setembro começa a publicação semanal, em fasciculos, desta importante e útil obra, destinada a abilitar, sem auxilio doutros estudos e sem méstre, a organizar, seguir ou balançar a escrituração de qualquer caza comercial, bancária, agricola ou industrial, a exercêr ábilmente qualquer logár de carteira e a concorrêr com a precisa abilitação aos concursos de bancos e repartições publicas.

O *Guia práctico* ensina a rezolvêr cerca de mil problémas vários sobre escrituração e contabilidade e é dividido em dois volumes.

**1.º volume — Cálculo**

Compreênde o ensino práctico das operações sobre: Números inteiros, decimais, quebrados, complexos, elevação a potencias, extracção de raizes, divisibilidade, sistema métrico, régras de três simples e compostas, régra de conjunta, régras de companhia, de liga, de avarias, percentajens, juros, descontos, prazo médio, juros reciprocos ou juros de contas correntes pelos métodos dirêto, indirêto e amburguês, câmbios, juros compostos, annuidades, fundos públicos, papeis de crédito e arbitrajens.

**2.º volume — Escrituração**

Compreênde cinco modélos completo com todos os livros principaes e auxiliares, sendo todos os problémas acompanhados das mais claras e precisas explicações: 1.º modélo, uma escrita pelo sistema de partidas sinjélas; 2.º, uma escrita duma caza comercial, contendo oito mêzes de operações diversas pelo sistema de partidas dobradas, com três balanços; 3.º, uma escrita duma caza de commissões e consignações; 4.º, uma escrita duma indústria explorada por uma sociedade anónima; 5.º, uma escrita agricola.

Preço de cada fasciculo em Lisboa e na provincia 100 réis.

As assinaturas pôdem ser feitas por bilhete postal dirijido á emprêza da publicação desta obra a Afonso d'Oliveira, rua do Arsenal, 108, ou ao ajênte em Coimbra — Moura Márques — LIVRARIA.

PROGRESSE ET PROGRESSE



**VINHOS DE PASTO GENUINOS**  
BRANCOS E TINTOS  
Para consumo e exportação

**COIMBRA**  
Instalação provisoria: rua da Sota, n.º 8

**Tabella de preços de venda a miúdo (20 de abril de 1904)**

Marcas	Garrafa de 3 litros	Garrafa de litro	Garrafa bordaleza
Tinto GRANADA	600	120	80
» CORAL	600	120	80
» AMETHYSTA	500	—	—
Branco AMBAR	660	—	100
» TOPAZIO	—	—	120

Nos preços indicados não vae incluída a importancia do garrafão (360 réis) nem a das garrafas (60 réis para a garrafa de litro, 50 réis para a bordaleza), que se recebem pelo custo.

**Prevenção.** — Os garrafões levam o carimbo da Adega em lacre, e nas rolhas das garrafas e garrafões vae o emblema da Adega impresso a fogo, ao lado e na parte superior.

Distribuição gratuita aos domicilios, dentro dos limites da cidade, em compras de 2 garrafões ou duzia de garrafas.



# REZISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Officina tipográfica

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA DE FERREIRA BORJES

12 — Rua da Moeda — 14

N.º 939

COIMBRA — Domingo, 25 de setembro de 1904

10.º ANO

## PROPAGANDA

O ano que vai correndo assim tornou-se como um dos de propaganda mais ávida da vida do partido republicano em Portugal.

Os diversos factos que se sucederão formão uma série de triunfos demonstrando que as ideias republicanas se enraizaram de vés em Portugal por o trabalho lento dos propagandistas, e que os ómens que as têm advogado com mais ardor são hoje conhecidos e estimados do povo português.

Mas se é notável este facto que assegura o triunfo futuro das ideias republicanas em Portugal, não o é menos a consideração, o respeito, a atenção carinhosa com que foram recebidos e ouvidos os vultos principais do partido republicano, os aplausos e a alegria com que foram aclamados em sessões publicas os nomes ou a presença dos antigos lutadores, dos que se avião afastado da vida ávida desalentados, e que voltávão á primeira vós, enfileirando galhardamente ao lado dos primeiros combatentes.

A marcha do partido republicano neste ano de 1904 mostrou tendências de disciplina, que até hoje se não tinham notado em Portugal, onde o nosso partido fóra por vezes classificado de pouco unido e desorientado.

A disciplina no partido republicano português talvez não seja ainda um fenómeno consumado faltão factos em que éla tenha sido pósta em prova.

Mas o que hoje se acha bem demonstrado é a união de todos os republicanos, a vontade de obedecer, no desejo e na confiança de vencer.

Basta ver a attitude da imprensa republicana, esquecendo rivalidades e questões antigas e pondo-se abertamente ao lado de todos os republicanos, sem olhar a parcialidades, a todos incitando, louvando, e encorajando com as suas palavras sem atender ás questões pessoais, que nos partidos políticos portugueses é norma respeitar e perfiar.

Nos comícios, a attitude do povo moldou-se pela da imprensa.

A cada orador, a cada vulto republicano que apparecia ou nas assembleias do partido, ou em comícios publicos, o povo dava sempre uma selva de palmas, cortada de vivas entusiasticos.

E éram sempre as mesmas palmas, e éram sempre os mesmos vivas.

Ninguém poderia vêr no publico das assembleias republicanas marca de preferencias ou simpatias.

Estes factos indicão o caminho a seguir a todos: é necessário que na luta, em que andamos empenhados, demos provas seguidas de amor, de dedicação absoluta pela mesma causa, e que nos mostremos cada vez mais unidos, cada vez mais disciplinados,

No conflicto das ideias, ponha-se de parte o conflito de personalidades.

Trabalhemos unidos, e a nossa força aumentará dia a dia.

Se o partido republicano não tem ainda representação no parlamento, tem-na ampla e farta nas assembleias populares, onde a sua ação é decisiva e eficaz.

Se a sua ação é cuidadosamente afastada da vida de intriga e corrupção da politica monarchica em Portugal, fás-se em compensação sentir na vida nacional, no movimento jeral da nação portugueza no caminho do progresso e do bem.

E' por esta ação sobre a vida nacional no que éla tem de mais generoso e de mais forte, que o partido republicano se nobilita e se impõe á consideração da imprensa de todos os partidos.

E' por a direção que só éle, apesar de todos os abuzos do poder, tem conseguido dar a todos os movimentos populares, que o partido republicano se impõe mostrando-se como uma necessidade nacional.

Assim se tem feito respeitar dos próprios monarchicos que tem visto todas as campanhas moralizadoras do partido acompanhadas de mais ruidoso sucesso, e que forçadamente nos tem acompanhado, com manifesta desvantagem para o regime monarchico.

Oje os jornais republicanos são procurados por todos os sedentos de justiça; nos jornais republicanos não á um jornal de escandalo, e, se a imprensa monarchica ri com mal disfarçado despeito da superioridade dos nossos ideais que julga incompatíveis com o atrazo intelectual, com a cultura científica do povo português, nunca se lê nos seus jornais a acuzação de peculato.

E, se alguma vés, nos que ras-tejão a oferecer-se a quem os alugue tem apparecido acuzação dessa natureza, o jornalista vizado, longe de imitar o procedimento dos monarchicos que prudentemente se furtão a discussões perigosas, tem apparecido reclamando toda a luz para a sua vida pública, respondendo triunfantemente a todas as acuzações.

Oje o partido republicano é uma força, e a éla recorrem abertamente os que têm necessidade de triunfar.

Ainda no concurso que o partido republicano tem prestado ao protesto de coletividades, o partido republicano tem afirmado publicamente as suas convicções, o seu ideal exclusivo, desprezando os processos dos monarchicos militantes sempre prontos a aparentar opiniões alheias, sempre com a ameaça de abandonarem o seu partido e até a cauza da monarchia.

Tem sido esta attitude intransigente, tem sido a união evidente e firme de tantas vontades que lhe derão os triunfos passados e lhe garantem o futuro.

E' essa intransigencia, essa união

essa disciplina que deve ser a norma do partido.

Só assim poderemos continuar na mesma marcha triunfante.

A nossa diviza deve ser a que, no último número comemorativo do aniversário da sua publicação, erguia com orgulho nos seus braços fortes de lutador *O Mundo: em cada correligionário vêr apenas um republicano*, unirmo-nos e ajudarmo-nos como companheiros de batalha, como soldados do mesmo exercito.

## Dr. Bernardino Machado

Regressou da Figueira Fós o illustre democrata tão querido e estimado pela bondade aféiva do seu temperamento, como pela elevação do seu caráter e superioridade da sua intelligencia.

Na Figueira, como em toda a parte do nosso país em que Bernardino Machado se apresenta, éra o nosso illustre correligionário o núcleo de formação de todos os movimentos altruistas.

A sua cauza era o doce refúgio de todos os dezerdados da fortuna, de todos os que bebem só o fel da vida amarga.

Por isso era sempre acompanhado com olhares de doce enternecimento e devotado respeito, quando apparecia como chefe duma familia exemplar, sorrindo para a mulher, falando carinhosamente ás filhas que, muito novas ainda, trazem no rosto infantil, num contraste delicadamente impressionante, a gravidade erdada, como fadazinhas novas que andassem já como a preocupação de afastar a desgraça e valer aos mal afortunados.

## Novos livros

A livraria França Amado vai pôr brevemente á venda dois livros, que continuarão a coleção classica publicada por esta conceituada cauza editora e dirigida pelo sr. dr. Mendes dos Remedios.

As novas obras fóram magnificamente escolhidas.

São duas comédias de Antonio Jozé da Silva: a *Vida do Grande D. Quixote de la Mancha* e do *gordo Sancho Pança*, e as *Guerras do Alecrim e Manjerona*.

Estas duas obras são prefaciadas e anotadas pelo sr. dr. Mendes dos Remedios com o cuidado e sabêr que distinguem o illustre professor, sendo muito para lêr, pela independencia com que está escrito, o prólogo da comédia — *Vida de D. Quixote*.

O sr. dr. Mendes dos Remedios dá nestas novas obras a medida dos seus conhecimentos, afirmando mais uma vés o seu caráter, e a nobre jenerozidade do seu espirito.

A seu tempo transcreveremos o notavel prólogo.

Por ôje limitamo-nos a indicar estas duas obras aos nossos leitores como de boa e sã leitura, cheia da antiga graça portugueza, injénua e livre, sem cuidar em mal.

Do prólogo que o sr. dr. Mendes escreveu para a *Vida de D. Quixote*, biografando Antonio Jozé e caracterizando a sua obra transcreveremos parte logo que as obras sejão postas á venda.

Na Figueira que este ano parecia a praia favorita dos republicanos, achão-se passando a estação balnear os nossos correligionários e amigos Manuel d'Arriaga, Teixeira de Queiroz, Antonio Cerqueira Coimbra, Manuel Rodrigues da Silva e Antonio Jozé d'Almeida, que depois de uma viagem de estudo ao estrangeiro veio a Portugal abraçar á sua familia e os amigos, antes de regressar a S. Tomé.

## NA VOLTA

### CARTA II

Meu caro:

Quero ôje falar-te da paizagem do Minho, sensual e doce, colorida e povoada, frésca e pródiga.

E' uma paizagem que se come, diziam uma vés, numa ironia fina, um espirito claro. E, de facto, certos rincões idilicos são tecidos dos bastões folhudos dos milharais, dos cachos cambiantes das uvas que, por esta ocasião, se colorião fortemente na reação custóza e lenta que o sol provoca, fazendo-as passar do verde áspero e rijo ao róxo agudo, que as ferrais não excedem, depois ao azul negro ou então diluindo-lhes a pelucula dura e amaciando-lhes a cor que baixa do verde agréste das canas descascadas frésicas, ao lindo tom delicado das uvas brancas, que nos cachos moscateis se doirão e transparecem como pequênos glóbos que tivessem dentro a semente duma estrela.

Em outros lados sobre o fundo das latadas grimpantes folhadas e cachózas, com as suas paras incrustadas dos ornatos arjentos do sulfato, é o pomar e a órta que formão toda a paizagem numa variedade apetecivel.

Erão, quando eu lá estive, os pecegueiros que triunfávão no campo e na mēza; os melocotões que como balões chinêzes e minusculos vergávão os galhos ávaros de fólhas e sobrepujávão todos, na áste pela cor, no prato pelo sabôr.

Eu muita vés os comi e quazi os bejei nos braços atarracados das arvores de tom escuro que os suspêndio amáveis, á altura da boca, num serviço dionizíaco que os requintes dos mil petrechos das grandes mēzas não igualão.

E já agora toma tambem tu nota da receita que um empedernido amador me aconselhou, ao vêr-me descascar á face um pècego alourado.

*Está a estragá-lo todo; limpe-o muito bem mas não o descasque.*

E como o argumento me não convencesse á primeira, acrescentou:

*Toda a jente dis que o pècego é indigesto, ora sabe porque é? E porque lhe tirão a casca que é o contravenêto.*

Fiquei vencido, e enfarruscado um guardanapo com o pêlo dêsse pômo edénico — eu creio que Eva preferiu o pècego — devorei o inteiro. Se éles nascem com casca, é para que a jente os coma assim, diria êsse curioso personagem de Courteline que queria que o ómjem se abafasse no verão e pozesse á frésca no inverno para seguir a lei da natureza que nos manda ter frio em dezembro e suar em agosto.

Esta é, já vés, a paizagem da plénicie, a que te espregia pela portinhola do wagon, que te saúda ao abrires a janela do teu quarto, que te acolhe nos passeios tranquilos por êsses virjilianos campos em que os *bonozos monstros enigmaticos*, de Junqueiro, *ruminão biblias* nos trabalhos do amanho, em que a passarda canta, a agua corre e não raro, zumba a abêlha doirada da canção, respeitavel senhõra de ferrão cruciante.

Mas vista em conjunto, num grande trato lavrado e agora rico de vegetação, duma elevação qualquer em que abranjas muito ou num dêsse altos *belvederes* em que alcances tudo, é que te fêre. Chêgas lá em agosto ou setembro e tens a ideia dum ostentôzo cenário arranjado para ti. De toda essa extensão magnifica em que a paizagem é constante de beleza, sobe este grito: *trabalho*, como um mujido imenso da terra fecundada, berrando o nome do amanho bem-amado aos quatro ventos do ar que a ajitão, aos rios que a refréscão.

Não tens ante éla essa avassalante sensação de grandéza e majestade que

sentens noutras partes; não é o bello natural, inculto, espontâneo, estranho ao ómjem, não é a mão da natureza que, só por si, te dezenha e te cria no terrêno as maravilhas.

Não é admiração o que tu sentens, é paixão. A paizagem vem a ti carinhosa e irmã, foi feita pelo ómjem e deve-lhe tudo, por isso o dezeja. Aqui não se sente essa formidavel impressão de deslumbramento que vibra em certos pontos a que a jente chega, vê, sucumbe, admira e no fim do dia, tirando lhes o chapéu, vem tranquilo para o otel ou para sua cauza. Aqui não; a paizagem conquista-te, absorve-te e tu só quero compará-la a uma mulher. Como á êssas belézas prodijozas e acadêmicas que a jente louva, respeita, cortêja e perde de vista sem saudade, á as mulheres atraêntes, as verdadeiramente lindas que seduzem, fascinao e detêm. Pois bem, a paizagem minhõta é lindamente assim. Ficas dominado, apaixonas-te, não queres abandoná-la, o espirito começa a esfumar fantasias, os sentidos orientão-se para éla e tu dezejas ficar ali, morar ali e exatamente como no caso da mulher que prênde, tu a queres levar para tua cauza, assim, aqui, dezas logo trazer a tua cauza para a sua beira. E' o caso de Garrétt na Joanninha, é o bucólico e languido dezejo dos namorados:

*Como á de ser bello ver pôr o sol...  
E ouvir cantar os rouxinóis!...  
E vêr raiar uma alvorada de maiol...*

E queres conhecê-la toda, gozá-la toda, possuí-la toda; vê-la expirar no inverno e renascêr no verão, amarelecêr no outono e apresentar-te, na primavera, as primeiras proméssas do formôzo parto, tocar-se de rózas e enopar-se com a chuva, provar-lhe os frutos e arremeçar-lhe a semente, no jêsto recurvo que Millet fixou.

E' mais que uma sensação artistica porque a redõbra uma forte impressão, impressão sensual em que apêtêcem beijos e se pensa, com gula, nas noivas maldózas dos cazais vizinhos.

Toda a paizagem minhõta é isto: amor, grande amor á terra e aos frutos, ao vinho, ao milho, á arvore, e *trabalho*, rude, eficaz, madrugador, secular. Não é só seiva o que circula nos canaliculos dos tecidos que brilhão, é tambem suor, o suor bem suado do trabalhador disvelado e tenas, capás de dar um braço para que uma vide não séque, de se sepultar vivo para que um pé de milho vênça.

Mais que uma beleza natural é uma beleza artistica pelo trabalho que a produz. São quilômetros e quilômetros de verdura e cultivo que te vão dizendo e mostrando o cuidado do fazedor, como ao longo duma linha ferrea, vais sempre vêndo as pizzas do operario que bateu a terra, depós a estaca, assentou o *raíl*, rompeu o tunel, abriu a trincheira, atirou a ponte.

O Minho é, portanto, uma completa e admiravel obra umana. *Fazer uma terra*, como éles dizem, é, para mim quazi tanto como produzir uma obra d'arte. A' sitios onde a paizagem te adquire todo o caráter do artificio e da convenção, tão aparênte é o esforço do obreiro; a arvores dispótas com um sentido de dezenho notavel; os campos, as guardas, os canteiros, parêcem, ás vezes, que obedecerão ás mais complicadas leis da prespétiva. E tudo isso o fês tal, esse jeometro sem oculos e sem compasso, que ao passares na estrada se descobre até ao chão. Até a situação das cazas, sobretudo dos cazais de lavrador, é, em alguns, prodijioza; custa a explicá-la com o instinto: houve decerto com a necessidade do abrigo, o dezejo de beleza, o méstre ao abrir uma janéla quis tambem abrir um orizõnte,



E tudo aquilo assim é belo e humano. As obras que hoje vemos são iguais ás que outros vião, jerações e jerações passarão e cultivarão do mesmo modo. É conhecido o apêgo exajerado do minhôto á rotina, o cépticismo pelo tratamento das vinhas fornece conversas interessantissimas, o arado de ferro custou a introduzir-se na terra.

Essas leguas de beleza são séculos de trabalho; os véhos e os môços comungão no mesmo fervôr á terra que os sustenta, chôrão por ela quando secca, riem para ela quando fértil. Vivem por ela e para ela e é porisso que eu odeio os cemitérios do Minho, murados e estereis campos de morte roubados á população densissima.

O minhôto devia ser eximido da obrigação que arrejimenta os môrtos no mesmo congresso frio, merecião ser sepultados na terra que os viu e fês vivêr, mais que sepultados, misturados com ela num amalgama fecundo em que aquelas carcassas sólidas darião ainda, na môrte, viço á planta, seiva aos caules, força ás arvôres, glória ao vinho. Pagamente e ignoradamente elles entrarião assim no seio da terra mãe que toda a vida lavrão e depois de môrtos os enjeita para um coval triste a que nem sequer as pontas das raizes vão sauda-los.

Meu caro — é isto, quanto á paizagem, o minhôto: um arista e eu ao estreitar a mão dura dum aldeão mezureiro, tinha sempre vontade de lhe chamar colega e só temi que a modéstia o encavacasse...

Adeus. Vai o abraço pontual do teu

Manoel de Sousa Pinto.

Lisboa, 1904. Set. 21.

Caixeiros do Porto

E' ôje que terá logar a excursão dos empregados do comércio do Porto á Figueira.

Chegão ás 9 horas da manhã e serão recebidos na gare pela direcção e membros da Associação Instrutiva dos Empregados no Comércio e Industria Figueirense, e representantes doutras associações locais e as filarmónicas 10 de Agosto e Figueirense, dirigindo-se em seguida á sede daquela sociedade, onde averá sessão solene.

Ao meio dia vizitarão a Associação Commercial, redações de jornais e casinos.

À 1 hora da tarde, averá no Casino Peninsular pela tuna dos Empregados do Comércio do Porto, e sob á direcção do sr. Domingos Pereira da Costa, professor da tuna, um concerto cujo programma é o seguinte:

- 1.º — Ino da Associação de Classe dos Empregados no Comércio do Porto, C. Carvalho;
2.º — Dans Une Gondale, V. Monti;
3.º — Adélia — Abanêra, J. Lima.
Violino e piano pelos srs. Arnaldo de Souza Amorim e \*\*\*;
4.º — Scène de Balé, C. de Beriot;
5.º — Loengrin (Fantasia), de Wagner; Bandolim e piano pelos srs. Domingos Pereira da Costa e \*\*\*;
6.º — Boléro, Mazurka, E. Patierno; Pela tuna
7.º — Romance sem palavras, L. da Conceição.
8.º — Viva a Tuna!!! Passe Calle J. Lima.

Às 2 horas, passeio á Mata da Mizericórdia, onde será servido um copo de agua.

Às 7 horas, sessão de propaganda sobre o descanso dominical na Associação Instrutiva dos Empregados no Comércio e Industria.

Às 9 e meia da noite marcha aux flambeaux até á estação.

Obras

Têm continuado as obras de regularização dos terrênos cedidos para construção dos estabelecimentos da Associação Académica.

A obra foi dirigida com um cuidado muito para louvar pelo sr. director das obras publicas, não destruindo em nada a obra feita, visto não aver determinação official que tenha dado aos terrênos applicação diferente da construção do teatro académico a que fôrão destinados.

Como se fás, a obra não vai prejudicar em nada a construção futura da caza para a Associação Académica e a remoção e regularização de terrênos facilitará a reedificação do teatro académico, se algum dia se tentár.

Caridade católica

Do Novidades:

O sr. Joaquim Vieira, morador no pateo do Priôr, 9, 3.º, teve a desdita de perdêr ôntem a sua espôza, a sr. Ana Maria Barbôza, a quem Deus tenha em sua santa glória.

Competentemente amortalhado e encerrado no respétivo caixão, seguiu o cadáver, com acompanhamento de pessoas íntimas, para a igreja da freguezia de S. Miguel, de que é priôr o reverendo Manuel Jozé Luciano Gustavo Couto.

Chegados á igreja, o sr. Joaquim Vieira, que não vive na abundancia, pediu ao seu pároco que fizesse as encomendações gratuitamente, porque o dinheiro não lhe abundava.

— Mas teve dinheiro para o caixão! exclama monsenhôr Couto.

— Como queria então v. reverendissima que o cadáver fôsse para a cova? Para esse bocádo de madeira ainda se arranjou, mas para o resto não sei o que ei-de fazer á minha vida.

— Bem, retruca o reverendo Gustavo. Não lhe dou o bilhete de enterramento nem faço as encomendações sem se esportular com 20000 réis. E' o preço. Nem mais nem menos!

Momento de relijiozsilencio. Todos se entreolhão. De repente estão protéstos, vôzes exaltadas pedem o auxilio da poeicia, o mulhero do vého bairro invade a igreja e o reverendo Gustavo Couto vê o cazo mal parádo. Mas, inexorável, sua reverendissima não cêde.

Chamado um policia, o ajente da autoridade determina que o caixão siga para o seu destino, sem encomendações e sem bilhete de enterramento.

Monsenhôr Couto continúa impasivel. Só cederá á vista dos 20000 réis.

Mas nesta altura apparece como anjo salvador a sr. Margarida de Almeida Gomes, residente no largo do Colharis de Dentro, 10, 4.º, e que, ao passar por diante da caza do Senhôr, onde deve reinar a pás e a tranquillidade, se rezolve a entrar na igreja, atraida pela balburdia que lá ia dentro.

Sabedora do que se passava, a sr. Margarida d'Almeida, creatura de sentimentos relijioz, e que não pode vêr o poder civil em conflito com a Igreja rezolveu a questião pouco edificante, oferecendo, do seu magro bolsinho, a quantia de 10000 réis, menos 600 réis da soma exigida.

Monsenhôr Couto ouviu o ofrecimento, vacilou um pouco, mas por fim com um sorriso nos lábios, disse alto e em tom amigável:

— Bem, ja que não pôde ser mais, venhão de lá êsses dezoito tostões!

A jenerôza senhôra achegou se do reverendo e colocou-lhe na palma da mão direita os 18 nikelis.

Serenados os animos e o dinheiro na sacôla, lá seguiu por fim para o Alto de S. João o lúnebre e modêsto cortejo.

Santa jênte!...

Excursão a salamanca

Em Salamanca preparão-se para recebêr o rei de Espanha com festêjos que nos anúncios dos cartazes são, como de costume, grandiozios.

A Companhia da Beira Alta de acôrdo com a Companhia de Salamanca á Fronteira Portugueza, estabeleceu bilhêtes da ida e volta, de todas as estações da sua linha a Salamanca, a preços muito reduzidos, como se vê da nota que publicámos:

Figueira a Pampilhóza (incluzive), 20500 réis em 2.ª classe, e 10950 em 3.ª classe; Luzo a Carregal, 20250 e 10750 réis; Oliveirinha a Mangualde, 20150 e 10650 réis; Gouveia a Pinhel, 20050 e 10550 réis; Guarda, 19800 e 10350 réis; Villa Fernando a Freineda, 10750 e 10250 réis.

Os bilhêtes são válidos para a ida nos dias 29 e 30 do corrente, e para regresso nos dias 1 a 5 d'outubro incluzive.

Estêve de passajem nesta cidade o illustre jornalista de Lisboa, Gualdino Gômes.

Depois de vizitár os monumentos, que conhece bem de viajens anteriores saiu para o Bussaco e Figueira da Fós.

Nasceu no dia 22 um filho do distinto arquiteto sr. Silva Pinto.

Ao nosso amigo e a sua espôza os nossos parabens.

Empregados do comércio

Os empregados do comércio de Coimbra partirão ôje, em grande numero para a Figueira da Fós, acompanhando os seus colêgas dessa cidade na recção aos do Porto.

Fôrão alem da direcção do Atheneu e do Grupo Esperança dos XX, muitos mais, querendo mostrar assim a união da classe, e dar força á pretensão em que andão, e que tão justa é, do descanso dominical.

O Atheneu lêva para ofrecêr aos seus colêgos do Porto uma delicada corbeille de flôres artificiais, feita pela bem conhecida florista coimbricense sr.ª D. Maria Jozé Moraes, tendo na aza um laço de largas fitas de seda vermelha e verde com a legenda:

A direcção do Atheneu Commercial de Coimbra. — Aos Empregados do Commercio do Porto. — 25-IX-904.

Oferecem tambem uma pasta de pelucia vermelha com cantas de prata, tendo um escudete do mesmo metal com dedicatória.

O Grupo Esperança dos XX oferece uma linda e elegante corôa de flôres artificiais e palmas, fornecida pela bem conhecida e acreditada caza Dias Pinto do Porto, tendo nas pontas um laço de seda vermelho, com a seguinte dedicatória: 25-IX-904 — A União das Empregados do Commercio do Porto, Salve! — O Grupo Esperança dos XX.

Esteve nesta cidade de regresso de Luzo o sr. Francisco de Menêzes, director dos serviços administrativos nas ultimas manôbras d'outôno no Bussaco, e que, alem de um official d'intimo, é um poeta conhecido pela sua verve caustica, e um espirito d'élite.

O illustre official, cuja direcção dos serviços administrativos nas ultimas manôbras foi elojada pelos ômens mais competentes do nôsso exercito, vai de passajem para Lisboa ultimar o serviço de que fôrão encarregado.

De passajem para a Figueira da Fós estêve nesta cidade o sr. João Moraes Caravêla, um dos nôssos mais prestimozos correlijionarios de Lisboa.

Parte no fim do mês corrente para Portalegre a tomar o comando de infantaria 22, para que foi nomeado, o sr. coronel Arsenio Moreira.

Rêde telefónica

Continúa a montajem dos telefones, tendo sido por ôra insignificante o pedido de avencas.

Isso se explica pela época de ferias que atravessamos, em que está auzente de Coimbra a maior parte dos que se devem avencar.

Os preços são na verdade insignificantes, se os compararmos com a vantajem real dos telefones.

Cada assignante terá apenas de pagar 9000 réis por ano, alem de 5000 réis para installação dos aparelhos. E por êste preço terá communicação para todos os pontos dentro do perimetro da cidade ou até á distancia de um quilômetro das estações centrais.

Dis-se que brevemente será montada uma segunda linha por forma a fazêr-se a ligação telefónica entre Lisboa, Porto, e Coimbra.

A Associação dos Carpinteiros da Figueira da Fós, creou uma aula de geometria para os seus associados, que deve começar a funcionar no próximo mês de Outubro.

A direcção convidou o sr. conselheiro Bernardino Machado para ir inaugurar êste curso.

Festividade

E' ôje, como noticiámos, a festividade á Senhora da Conceição no Ranjel.

O sitio é pitoresco e a capelinha, com a sua tribuna e o seu altar de madeira esculpida, é uma das curiosidades da Renascença perdidas nos campos de Coimbra.

A festa é pacata e corre alêgremente e sem rixas, ao som da gaita de foles e do tambôr.

Alem d'isso o vinho nôvo, o tal que á de sêr barato, está ainda nas vazilhas, e os vendeiros são, como tôdos sabem, conservadores... nos preços.

O TIRO CIVIL

Sendo e guerra uma atávica selvageria ser nos-á licito instruirmo-nos na arte de a fazêr?

A propôzito do concurso de tiro celebrado nesta cidade de Coimbra em julho ultimo, entrei em polémica oral com um cidadão que combatia o tiro nacional como instituição e como ponto de converjencia de atividades e capitais que melhor se poderião utilizar.

O que afirmava este é o que alêgão, vários que não tendo energia suficiente para se levantar ao alvorecer e palmilhar alguns kilometros até ás carreiras de tiro e, mimozos e alambicados meninos, receôzos de conspurcar os gomados lustrôzos com o produto da combustão da polvora, condenão, para desculpar a propria lassidão, os exercitos e as carreiras de tiro, bem como tudo o mais que os válidos fazem para lhes poupar a sua quota parte de vergonha e defendê-los de morrêrem de mêdo. Mas com êstes, que infelizmente são numerozios, não venho eu terçar armas. Que vão vejtando, pois que não são inteiramente nulos na economia social— Servem para consumir algodão para as costas e peito que não têm, pilulas Pink, ferro Bravais, etc.

Nem todos os adversários porém, daquêles exercicios estão no mesmo plano. O meu arguente era um dêles. Pareceu-me sêr de boa fé, pôsto que de insufficiente lójica, e é á essa categoria que eu vou responder tentando acrizolar bem o assunto, observando-o sob variados aspêtos, pôsto que a longos traços, para que assim os convictos e não deslumbrem com as afirmações— pseudo-utopicas — dos pacificos, e os não convictos tênhão ensêjo de apresentar as razões que em tal os retêm, e, daí pelo choque de idéas contrarias ou pelo menos diferentes, estas, quebradas as arêstas de sua individualidade, venhão a converjir num composto omojênio.

O meu arguente (que eu de bôamente supôno delegado de todos os que partilhão de suas idéas) partindo da irracionlidade da guerra, pretendia que não mais ouvesse exercito nem carreiras de tiro, porque absorvião capitais que poderião fluir em melhores instituições, e éram um continuo exercicio de uma arte selvagem, que desprezando muitas vêzes a força do direito, tem por consequência a destruição.

Eu antecipadamente admitia, concordei e ainda concordo no principio, admitia as conclusões e nelas concordei. Discôrdo, porém, na oportunidade da realizção dêstas.

Porquê e como — é o que vou dizer.

Poderia mêsmo, em certa medida, não concordar no principio e nem por isso me afastava das provincias da sciencia.

Na verdade, a vida evoluindo do protoplasma até ao omem tem tido sempre por meio de luta, quer seja entre diferentes em que um dezaparece por sêr assimilado pelo outro, quer seja entre similhãntes em que um dezaparece ou é subalternizado pela competencia com outro mais bem formado.

Tem sido esta a lei do progresso. A luta é varia nas suas manifestações.

A luta entre as especies superiores e as inferiores. Nas superiores é verdade que o individuo, por mais complexo, é por isso mais sujeito á dezagregação, mas em compensação, acaba por vencer individualmente pela superior consciencia da existência, e especificamente pela faculdade de se propagar incofinadamente por um desdobramento continuo e admiravel da sua especie inferior.

A luta entre cada um dos elementos que constitue um organismo vivo e a força de coezão, ou seja a vida superior, principio informante dêsse organismo. Nesta luta ou a vida superior absorve, domina e une as vidas inferiores, tirando-lhes a propria autonomia, ou é incapaz para vencêr essa resistencia e o todo dezagregar-se á.

A lucta dentro da mêsmo especie. Nos animais, á excção do omem, o sêr debil e postergado na procriação, além de o sêr na propria conservação individual. Claro está que me não refiro aos animais domesticos cuja indole o omem tem modificado.

E são assim, seja dito de passajem, mais providenciais do que nós, que desperdiçamos demaziadas energias em

prolongar a vida e facilitá-la aos debeis, retirando assim, em favor do que melhor seria que percesse, aquilo que deveria fazêr-se converjir em favor dos válidos.

Na humanidade a luta é variadissima em procêssos. A luta industrial, a luta commercial, a luta capitalista, asoberbando todos e sêndo, em certa medida, a sua razão. O que tem mais faculdades suplanta o que dêlas não é tão bem provido, e, uma vês suplantado êste, a sua ruina é imediata e certa.

As vitimas dêstas lutas não perêcem, é verdade atufadas em sangue; mas morrem á fome. E os que assim não morrem, vão de degenerescência em degenerescência avolumar assustadoramente as fileiras dos miseraveis, perigôzos algumas vêzes, perâdos sempre a comunidade.

A guerra que mais é do que êssas lutas? Simplesmente é dêlas diferente nos procêssos.

Na industria e no comércio vence o mais inteliçente, sagaz e rico; na guerra vence o mais inteliçente, sagaz e rico e forte.

As primeiras põem fóra de combate o estúpido e o pôbre; a segunda mata o fraco. Tôdas completão a selêção.

Se das primeiras tem saído progresso, da segunda tambem. Os torpêdos fôrão muito carinhôzamente inventados por jêntes da guerra e para a guerra, e todavia, já vão prestando relevantes serviços á humanidade na luta com a propria natureza.

As guerras da Revoluçao Francêza com as nações tivêrão os seus efeitos benéficos. Os seus jenerais na véspera simples soldádos, filhos do pôvo, ditando leis aos impérios, abalando os trônos e dispondo a seu bel prazêr dos imperantes, arrebatárão á êstes a majia do direito divino a governár as jêntes, e ensinárão a estas quanto aquêles éram intruzos e fracos quando não governassem por vontade da nação.

As caravêlas portuguezas demandando o Oriente impelidas pelo espirito piedôzo e guerreiro da nação ibérica, que não pelo estimulo commercial que só mais tarde se desenvolveu, e dirigidas pelo sabio de Sâgres, trouxêrão-nos o Oriente, fôrão ao bêrço da civilização da nossa raça, a patria dos Arias, encontrar a explicação do proprio modo de sentir e agir, banhar-se na fulgurante luz da Aurora, produzindo assim o salutar refluxo da civilização mãe.

Se não fossem essas caravêlas e êssas guerras, talvez não tão cedo, quem sabe se jámais, o joven Anquetil Duperron, teria como que trazido o Oriente tôdo na sua tradução do Zend Avesta e no extrato dos Vedas de cujo factô a importancia foi enorme pelos horizontes nôvos e feracissimos que abriu á istória da humanidade pela compreensão mais próxima do verdadeiro da istória de suas relijiois, cristalização do pensamento e sentimento colêtivos. A guerra tem tido pois os seus bens.

Muitas vezes até tem sido ela o unico estimulo para que as nações não se estiolem e para que se mantênhão no caminho do progresso. A França depois de têr abalado a Europa com os limites a que levou a doutrina da Enciclopédia, de a têr deslumbreado com a gloria do seu jênio militar, e quasi esmagado com o pêzo de suas aguias, caiu de fraqueza em fraqueza até que a imprudencia estulta de Napoleão III lhe patentou e ao mundo atonito quanto estava fraca e impreparada. Foi a guerra de 1870 que a fês despertar a ponto de, no curto espaço de 34 anos, estar já quasi competindo com as primeiras nações. E não foi só militarmente que ela se suscitou. O rejuvenescimento foi principalmente sciencífico, industrial, agricola e em jeral económico.

Mas apesar de tudo isso condêno a guerra em principio e estou bem certo que, quando ela poder sêr esquécida, as outras fórmulas de luta não muito perdurarão. O saudôzo Saturno e a proscrita Astrêa assumirão o governo do mundo.

Mas poder-se-á alcançar êste desideratum dum dia para o outro? Não. As revoluções quer elas tênhão por sede a matéria cósmica, quer seja o espirito individual ou colêtivo não se fâzem momentaneamente.

Quêro dizêr: não se fâzem no mêsmo periodo de têmpo que se concêbem; muitas vezes, senão sempre, não tanto por perdurarem mais, do que



por a sua concepção ter tido início anterior á sua actualização.

A ideia fecundante, assim como a lâmpada, cuja luz vai penetrando através das trevas e banhando todos os objectos muito antes que chegue o fôco que a projecta, assim também ella vai com admiravel intuição sondando e illuminando o futuro que só mais tarde ella encontrará proprio para fecundar a bérberria.

De tão longe ella o illuminou ás vezes que ao chegar a plenitude do seu tempo não mais parece que tivesse sido ella o farol bemfazejo que arrastára ao dominio das sombras e da procela em que jazião os objectos de suas concepções.

Quantas vezes não atribuímos a eração espontanea de nosso espirito concepções que não mais são do que produto de ideias semeadas nelle por possos semelhantes pelo nucleo fizionômico que cada um de nós contém como erança nervôza que nos veio pela corrente dos antepassados? Pois não terá cada nêvo como que esculpida a história do seu passado através das jerações donde vem emigrando? E não será uma necessidade mecanica da ideia que não se produz a um movimento sem que antes estejam todas as alavancas e materiais de que elle depende?

Porque não á de ser ésta a razão porque o selvagem mais difficilmente de que o civilizado alcança as elevadas rejeições do pensamento? E não só, mas ainda não prevalecera a mesma razão porque o insulamento é mais pernicioso ao edificio intelectual do recém-civilizado do que ao d'aquêle que provém de pais civilizados? Nem é inteiramente oportuna a pergunta, pois que toda a jente disso está capacitada. Se assim não fosse não mais seria possível a educação visto como ésta é baseada na convicção, perante factos, do poder que possuem os centros nervôzos de receber as acções voluntárias e transformá-las em operações mais ou menos inconscientes, ou operações reflexas.

Assim, se dois estados mentais são provocados simultanea ou successivamente um certo numero de vezes e com sufficiente intensidade, é sufficiente que um se produza para provocar o outro independentemente da nossa vontade. D'aqui facilmente se conclue que o sistema nervôzo depois dum certa educação não é idêntico ao que era antes dessa educação. Ora, se se transmitem de pais a filhos tão simples, e já derivados, cousas como são os traços fizionômicos, muito não será que o sistema nervôzo passe ao filho, pelo menos, com as mais profundas impressões.

O résto do raciocinio e sua ligação com o assunto é evidente. Adiante.

Isto veio a lume como explicação dum das multiplices razões porque se não evoluciona dum para outro momento o mundo intelectual ou moral.

Tôdavia o que fica dito parece receber um desmentido no facto de apparecerem, embora esporadicamente, ômens que no momento estarião aptos para

serem sujeitos de qualquer das formas de sociabilidade que agora são consideradas de realização utópica. Este facto, porém, em na la destrôe uma das afirmações feitas — a necessidade da evolução continua — e a consideração do que a respeito de tais individuos se dá, leva-me mais facilmente pela consideração dum caso pratico e concreto á confirmação da téze que principalmente me propus.

Na verdade, a estes individuos, é lhes impossível um rejimen que esteja em conflito com o restante da colêctividade, porque seguindo a sua candida doutrina totalmente, serão constantemente lezados e profundamente e tanto mais quanto mais pura e elevada for a doutrina que propugnarem e seguirem.

Entre elles e os seus vizinhos averá não uma relação igual em ambos os sentidos, mas uma dupla relação diferente e de desigual valôr: em cada um dos sentidos.

Enquanto dêles partia o justo e o bem segundo a réta razão, receberião, e isto na melhor das hipótezes, um certo justo e um certo bem segundo uma ordem que nada tem de réta, só baseada em mesquinhas convenções como aquêlas em que assenta quazi todo o nosso edificio moral e juridico.

Pois o que é que succede a tôdo aquêle que dotado de consciencia escrupulozamente réta quer seguir-lhe os ditames? Está continuamente entre Scylla e Carybides, entre a consciencia que lhe pede uma coisa, e a opinião pública, e mais que opinião, exigencia social que lhe impêra outra bem diferente. Segue a primeira é um carater embôra ríjido e austero, digno da pena de Plotárcho, mas perêce pela opozição de tôdo o lódo circundante. Esmagado, ferido, trespassado? Não.

O lódo nada disso fás. Esquecido na apparencia, mas conspirado na realidade, primeiro, e depois sufocado.

Que fazer então? Ou incarnar na lama se se tem um espirito leve e um carater esbatido, ou transjir alguma coisa, cedendo mas não concedendo e permanecendo onêsto, precavê-se com as armas dos adversários não para os atacar, senão para lhes parar os golpes mais violentos quando contra elle investirem.

E o que incumbe aos individuos, perence ás colêctividades como produto que são daquêles.

Pôsto tudo isto como baze, passarei agora a applicá-lo ás colêctividades que se chamão nações.

A guerra é pois um meio de solução para a naturêza e uma arma para os ômens se servirem na luta.

A naturêza certamente não abdica o seu munus de aperfeioar os seus produtos e os ômens, enquanto se não estabelecer um equilibrio mais estavel não cessarão também de se empurrar mutuamente. E' o de tôdos os dias — tira-te d'ai quero para lá ir.

Este equilibrio dar-se á alguma vês? Parece que sim. E' tal prezunção a razão de possibilidade de tôdo o movimento comunista, socialista e anarquista dos videntes atuais, apóstolos e ás vezes mártires, da incarnação dos es-

parcos membros da familia umana sôb a rial que não deturpada norma de liberdade, igualdade e fraternidade.

A humanidade está, porém, mui longe ainda de assentar arraiais na terra prometida. Dentro das mais illustradas nações não está estabelecido ainda o equilibrio sufficiente para que ai se ensai se quer, o mais rudimentar dos programas comunistas ou socialistas.

Em 1789 os mais ouzados dos capitais da Revolução em França capacitávan-se de que era chegado o momento de estabelecer um rejime em que a liberdade, igualdade e fraternidade fossem lei e tôdavia não mais fizêro do que passar o dominio da nobreza tradicional para a nobreza da burguezia. O proprietario contou se por nada.

E não obstante a revolução era jenerôza.

E' que ella não estava madura era tôdos os espiritos. Alguns não a tinham mêmso atinjido. O proletário d'ella nada sabia; simplesmente foi o joguete ou instrumento de que se serviu a burguezia para batêr a nobreza titular.

E até quando aquêles que se tinham assenhoriado no campo conquistado pela Revolução, desconfiáro que o proletário ia percebendo o seu valôr na economia social e por isso exigindo também um logar á méza que a libérrima Naturêza a tôdos offerêce, truncáro a Revolução, sufocáro-na com sanguinaria mola de repressão e nos anais da humanidade abriu-se outra pájina em que está caracterizado o século último especialmente na sua segunda metade, e em cujo capitulo a História á-de escrever — luta entre a burguezia e o proletariado.

Não é meu intento criticar esta luta para a estigmatizar. Simplesmente aponto, e levemente, factos, como elementos dum quazi estatística que vou utilizando em ordem a evidenciar o meu conceito.

(Continua)

Floro Henriques.

### PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Está publicado o numero 40 da 2ª série do Boletim da Associação Commercial de Lojistas de Lisboa.

O sumário é o seguinte:Codigo de posturas—Aviso aos emigrantes—Posturas municipais—Regulamento para os estabelecimentos insalubres, incômodos e perigôzos—O commercio—Movimento de socios em abril—Balancete de Março.

O Vintem das Escolas.

Recebemos o último numero da segunda série desta revista de propaganda contra o ensino relijiozo.

E' um excellente jornal, fundado á perto de dois annos por um grupo de liberaes que reconhecerão a necessidade de uma propaganda átua contra a educação clerical e o ensino das congregações relijiozas.

Tem cumprido á risca o seu programa.

O prezente numero insêre artigos de Feio Terenas, Magalhães Lima, Adolfo Coêlho, Ramalho Ortigão, etc.

(44) Folhetim da “RESISTENCIA,”

## O EXCOMUNGADO

XIV

O campo dos boêmios

Ombert, inacessivel ao medo, examinou rapidamente a sua zoização, e persuadido que tratava com um sér sobrenatural, rezolveu a principio não lhe oppôr resistencia baldada e portanto sem dignidade; mas, ao fim de um instante, a respiração pura e socegada do seu estranho companheiro, que apoiava a cabeça nelle e parecia ter adormecido sobre o seu ombro, inspirava-lhe alguma confiança nos meios ômanos, e começou por pegar outra vês nas rédeas do cavallo, que o pequeno lhe abandonou sem resistencia.

Quis a principio uzar d'ellas para diminuir o galôpe, mas compreendeu depressa que, á falta das espôras de que se tornara outra vês senhor, um ajente, que lhe escapava, esporeava o pobre animal.

Saia nêsse momento da espessura, que atravessára com tanta rapidêz, e a lua que se levantava branqueava

uma vasta clareira que se erguia ao nôrte em anitéatro, e que era fechada por tôdos os lados por espêssas cortinas de pinheiros.

Ombert voltou a cabeça e ficou surpreendido com a regularidade e nobreza de perfil do seu guia, que, levantando-se em pé sobre o cavallo e apoiando-se com uma mão familiar ao ombro do barão, lhe designou no centro da planicie, uma mássa cortada por sombras e espaços claros de que subião muitas colunas de fumo.

Ombert compreendeu que lhe indicava a aldeia de Fontainebleau e que o companheiro o fizêra tomar por um atalho. Tudo se explicava assim, e côrou por ter visto em circunstâncias tão vulgares uma intervenção sobrenatural; depois, o séxo do guia tornára-se para elle um problêma, e não podia furtar-se a uma comôção indefinivel, sentindo sobre o coração uma mão cuja flexibilidade nervôza tinha ao mesmo tempo alguma coisa de mulhêr e do rapáz; parecia-lhe que ardia aquêla mão, e o ardôr, que avia communicado ao sangue másculo dos Roche Corbon, espalhava se subtilmente pelo seu corpo.

Tirou o capacete para enchugar o suor da testa, mas um tecido branco tinha-o docemente acariciado atentes de poder tirar das rédeas a mão entorpecida. Quis falar; mas retêve-o um embaraço vago. Imôvel, oprimido, sofria os cuidados carinhôzos daquele

sér desconhecido a quem os seus sentidos davão um nôme que as apparencias repellião, quando de repente esta começou numa lingua estrangeira, mas cheia de doçura, com o acento dum ômem nubil, uma canção que fêz côrar Ombert pelas sensações involuntárias que acabava de experimentar.

Estupéfácto e confuzo acuzava a naturêza cega que entrêga os sentidos dos ômens a tão singulares enganos, e não podia perdoar-lhe o têr, contra sua vontade e em sônhno passageiro, dado uma rival á sua Catarina.

O cantor terminou a primeira estancia por um som de peito cuja gravidade fêz ressoar a armadura do barão, que quis arrancar do peito a mão que ai se introduzira; mas de repente a inexplicavel creatura, que se ria d'elle, começou um segundo couplet em que a vós, elevando-se uma oitava, percorreu com agilidade os sons mais agudos da vós feminaia.

Surpreendido, comovido, encantado mais pelo acento apaixonado daquêl canto misteriozo do que pelas difficuldades musicais que nelle se vencião, Ombert apertava contra o coração a mão que quizêra repellar, quando um terceiro couplet o tornou a mergulhar na incertêza e numa confuzão de sentimento verdadeiramente fatigante para um ômem simples e, por assim dizer, inteiro, como elle era.

Desta vês a vós maravilhoza pas-

MANOEL DE SOUSA PINTO

### A UNICA VERDADE

Drama em 2 atos

Preço 300 réis

Editor—Moura Marques

DUBUT DE LAFOREST

### Os Ultimos Escandalos de Paris

Grande romance illustrado de numerozissimas e esplendidas gravuras. Mais interessante que os *Mistérios de Paris* e *Rocamboles*. Romance de acontecimentos sensacionais e veridicos occorridos na actualidade.

Brinde a todos os assinantes:—Uma elegante capa de brochura para cada volume, impressa a duas côres e com dezênhos apropriados ao assunto tratado no mesmo volume. Um premio da loteria da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa nas condições do prospecto em distribuição.

EDUARDO DE NORONHA

### A ambição dum rei

Obra illustrada com numerozas gravuras coloridas por Manuel de Macêdo e Roque Gameiro, impressa em magnifico papel.

Cadernêta semanal de 16 pájinas, 40 réis. Tômo mensal, 200 réis.

Um exemplar grátis a quem remeter adiantadamente á esta emprêza a importancia de dês cadernêtas ou tômos.

Brinde a todos os assinantes

Acceptão-se pedidos de qualquer numero de cadernêtas e tômos.

A EDITORA, largo Conde Barão, 50

Lisbôa

Precizão-se ajentes em tôdas as terras do continente colônias e Brazil.

MARCELINO MESQUITA

### LEONOR TELES

(ROMANCE HISTÓRICO)

Grande edição de luxo profuzamente illustrada com gravuras de pájina a 12 côres, por Manuel de Macêdo e Roque Gameiro, e impressa em magnifico papel.

Cadernêta semanal de 24 pájinas e 1 crômo ou 32 pájinas de têxo—60 réis.— Tômo mensal, 320 réis.

Brinde a todos os srs. assignantes — Um exemplar grátis a quem enviar a importancia de 10 cadernêtas, tômos ou volumes.

Em publicação na

A EDITORA, largo Conde Barão, 60

Lisbôa

Acceptão-se correspondentes em todas as terras do reino.

## ANUNCIOS

### QUEM ACHOU?

Uma cadêla Setér, raça pequêna, castanha, pêlo encarpinhado, que se perdeu á 5 dias.

Dão alvôças a quem a entregar a seu dôno Paulino Evaristo Ferreira Comôis nêsta cidade.

### JARDINEIRO

MANUEL CALDEIRA, de 37 annos de idade, de Sernache dos Alhos, oferece-se a quem necessitar dos seus serviços, como jardineiro, nêsta cidade ou immedições.

Tem longa pratica daquêle serviço, pois estêue durante 16 annos, efêtivos, nos jardins dos srs. condes do Ameal, onde ainda ôje se conserva a trabalhar a dias.

Quem pretendêr pôde procura-lo em Sernache dos Alhos.

### Nova loja de sola e cabedais

Os proprietários desta loja pedem a todos os artistas de Coimbra, nêste jênero, que vizitem o seu estabelecimento, sito na rua dos Sapateiros, 7 a 11, onde encontrarão completo sortido, em sola, tanto como em cabedais.

## A CONSTRUTORA

ESTRADA DA BEIRA

COÍMBRA

MADERAS nacionais e estrangeiras: riga, flandres, môgno, vinhático, pau prêto, nogueira, castânho, plátano choupo, eucalpto e pinho em tôdas as dimensões. Têlha mazz-rilha e portuguezã, tijoulos, louza pare coberturas e em tôdas as suas applicações. Cimêntos de divêrsas márcas, cálc idrâulica e jêssô. Louças sanitárias. Azulejos. Manilhas de grês e barro. Ferrâjens para construções civis, pregaria, ferro, chumbo, zinco, estânho e ferro zincado etc. Lâca Japoneza, tinta de esmalte para ferro e madeira. Ôleos, tintas, vernizes, pinceis, asfalto, etc.

Fabrico de ladrilhos pelos

processos mais modernos

Encarrêga-se de construções completas ou pequenas reparações

Executam-se tôdos os trabalhos em carpintaria, marcenaria e serralharia, para o que tem sempre pessoal devidamente abilitado.

Alugão-se aparelhos para elevár materiais até ao pézo de 3:000 kilos.

Vigamento de ferro. Concêrtos em pulverizadores. Tubos, discos, cônes, esfêras e todos os artigos em borracha proprios para pulverizadores de divêrsos autôres. Mangueiras em lona e borracha de todas as dimensões.

Depôzito de côfres á prova de fogo e fogôis de ferro.

sáva com rapidês dos sons mais agudos aos mais graves, sem que nenhuma nota internectada atenuasse a rapidês destas tranzições bruscas; a estranhêza daquêlas vocalizações, cujo segrêdo se dêve ao Tírol, e que agora são vulgares, junta ao encanto que recebião dum talento musical que a paixão levantava, naquêle instante, até ao jênio, abanou os nêrvos do barão e um véo se lhe estendeu sobre os ôlhos; sufocado pelas pulsações apressadas do coração, abandonou as rédeas do cavallo que retomou immediatamente o galôpe, e deixou-se cair nos braços do seu guia.

Entretanto os sons extravagantes que tinham cauzado a sua perturbação succedião-se com uma rapidês crescente; mas a sua expressão tornava se de cada vês mais irônica e mais amarga, semelhante ás casquinadas de uma rizada infernal. Embalávão o barão num sônhno pezado, cujo sofrimento tinha um encanto amargo e punjente feito á medida da sua larga organização; bem depressa confundirão-se com um rumor crescente que Ombert não procurou explicar.

Se nêsse momento não tivesse os olhos tapados pelas mãos do guia, teria visto que os rochedos, que de longe tomára por uma aldeia, encobrião a entrada dum desfiladeiro profundo, para o qual descia rapidamente. Mas arrastado pela sua inclinação para o

maravilhôzo, abandonava-se á inexplicavel e caprichôza dirêção que o acaso lhe avia imposto.

De repente Gibby parou, o barão abriu os ôlhos e ficou deslumbrado pelo brilho súbito dum luz viva, em que se movião em turbilhão formas estranhas, em que julgou vêr as personajens sombrias do Sabá.

Quando passou o primeiro deslumbramento, Ombert viu-se com espanto rodeado de figuras macilentas e grotescas, umas sinistras, outras cômicas.

Todas o contemplávão avidamente e numa singular immobilidade, que contrastava com a agilidade prodijioza de muitas mãos que se ocupávão a dezafilevar as diferentes peças da sua armadura; tanto, sem dũvida, para se apoderar d'ellas, como para o pôrem fóra do estado de oppôr resistencia a uma expolição mais completa.

O barão tentou fazer cessar aquêla manôbra ábil, mas não encontrou a espada, que viu brilhar a alguns passos de distancia, nas mãos que a fazião jirar; tinham-lhe também roubado o punhal.

Reduzido ás armas naturais que não tinham podido tirar-lhe, quis arrumar um sôco, que a manôple podia tornar terrivel, na cabeça do ladrão mais atrevido, mas o movimento fêz jirar a sêla nas correias cortadas e elle caiu pezadamente sobre a relva que amoretteu o chôque.

(Continua.)



## União Vinicola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portugueses, á venda na

**Mercearia LUZITANA**

(Depósito unico em Coimbra)

## Companhia de Seguros Reformadora

A única que em Portugal efetua seguros postaos, para todas as cabeças de distritos e de comarcas.

Correspondentes: Gaito & Canas.

## Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

NA  
**Mercearia LUZITANA**

## Fumeiro do Alemtejo

Recebeu mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é uma revendedora em Coimbra, a *Mercearia Luzitana*.

Repara... Lá...

Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipações, bronquites, rouquidões, asma, tosses, coqueluche, influenza e outros encomodos dos órgãos respiratorios.

Se atenuão sempre, e curão as mais das vezes com o uso dos *Sacharolides d'alcatrão, compostos (Rebuçados Milagrosos)* onde os efeitos maravilhosos do alcatrão, jenuinamento medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidencião em toda a sua salutar eficacia.

E tanto assim, que os bons resultados obtidos com uso dos *Sacharolides d'alcatrão, compostos (Rebuçados Milagrosos)* são confirmados, não só por milhares de pessoas que os tem uzado, mas tambem por abalizados facultativos.

Farmacia Oriental - S. Lazaro - Porto.

Caixa, avulso, no Porto, 200 réis pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis

## Oficial de relojoeiro

Preciza-se dum, na relojoaria Araujo. Rua do Visconde da Lus - Coimbra.

## Antonio Ribeiro das Neves Machado

ALFAIATE

Fornecedor da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Rua da Sofia, 58 a 62 (caza d'azulejo)

COIMBRA

Variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Confecções para ómeme e crianças, pelos ultimos figurinos.

Vestes para eclesiasticos. Camizas, gravatas, suspensorios e diversos artigos para ómeme.

PREÇOS REZUMIDOS

## "RESISTENCIA,"

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reiao:

Anno..... 28700  
Semestre..... 13350  
Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 25400  
Semestre..... 12200  
Trimestre..... 600

Brazil e Africa, anno..... 35600  
Ilhas adjacentes, »..... 35000

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto de 50%.

Communicados, cada linha..... 40  
Réclames, cada linha..... 60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal for onrado.

Avulso 40 réis

## PASTELARIA E CONFETARIA TELLES

150 - Rua Ferreira Borges - 156

COIMBRA

Nesta caza, regularmente montada no jénero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta naturêza.

Dóces de ovos com os mais finos recheios.

Dóces de fructa de diversas qualidades, sécos e cristalizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especializando os de folhado.

Galantines diversas. Tête d'Achar. Patê de Lievre e Foie.

Sauceisses. Pudings de diversas qualidades, visto samente enfeitados. Pão de ló, pelo sistema de Margaride.

Especialidade em vinhos generozos e licores finos das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos produtos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 52

## FABRICA DE TELHÕES, MANILHAS E TIJOLOS

Pedro da Silva Pinho Coimbra

Premiado na Exposição de Ceramica Portuguesa, no Porto, em 1882, com diploma de merito; medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

29, Rua João Cabreira, 31 - COIMBRA

A mais antiga e acreditada fabrica de Coimbra, unica que tem pessoa mais habilitada para construcção e solidez de telhões, manilhas, siphões para retrotes vasos para jardins e platibandas, balaustras, tijolos para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc., etc.

Todos estes artigos são de boa construcção e por

Preços economicos

## Alfaiateria Guimarães & Lobo

54 - RUA FERREIRA BORGES - 56  
(Em frente ao Arco d'Almedina)

Abriu este novo estabelecimento onde se executa com a máxima perfeição e modicidade de preços toda a qualidade de fatos para ómeme e criança, para os quais tem um variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Ha tambem uma grande variedade em flanelas e panos novos para capas e batinas, para todos os preços.

Artigos para ómeme como camizaria, gravatas, luvras, etc.

Pede-se ao publico a fineza de visitar este estabelecimento.

## Consultorio dentario

COIMBRA  
Rua Ferreira Borges

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

## CÁZA MEMÓRIA

Santos Beirão & Enriques

Sucursal em Coimbra

99 - Rua Visconde da Lus - 103

Esta caza continúa a fornecer ao público as suas acreditadas máquinhas de costura *Memória*. Têm todos os modêlos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bobine central, o que á mais perfeito.

Ninguem compre sem visitar esta antiga e acreditada caza, para se certificar da qualidade e preços destas máquinhas, que nenhuma outra se pôde igualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a *Memória* com tantas outras que por si se vendem. Vendem-se a prestação e a pronto pagamento. Aceitam-se máquinhas uzadas em troca pelo seu justo valor.

Pianos

Esta caza acaba de receber importantes remessas de pianos alemães e francêzes que vende á pronto pagamento por serem importados diretamente dos fabricantes; vendem-se ao publico em melhores condições do Porto ou Lisboa. Aceitam-se pianos em troca e comprão-se pianos uzados.

A' sempre quantidades de pianos para alugár.

## FONOGRAFOS

Mancel José Tóles, Rua Ferreira Borges, n.º 150 a 156, tem em deposito os magnificos *Fonografos Edison* de diferentes preços e tamanhos.

Variada e grande coleção de cilindros, com lindas óperas, tangonetes, cançonetas, monologos, etc., nacionaes e estrangeiros que vende pelos preços das principaes cazas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com muzicas novas e muito escolhidas.

## Potes para azeite

Vendem-se 10 potes em bom uzo e muito bem conservados que, armazenão 900 decalitros de azeite, vendem-se juntos ou separados. Preços excessivamente baratos.

Praça do Commercio, n.º 34 e 35. - Coimbra.

## SEGUROS DE VIDA

La Mutual Reserve Life

INSURANCE COMPANY

RESERVA MUTUA

De NEW-YORK

Correspondente em Coimbra

João Borges

Rua Ferreira Bórjes, 27 a 29

## Consultório médico-cirurgico

Análizes clinicas

(Expétorações, urinas, etc., etc.)

Vicente Rocha e Nogueira Lobo

Rua Ferreira Borges, n.º 97

CONSULTAS:

Das 10 1/2 ás 12 da manhã e das 3 ás 4 da tarde.

## MARIO MACHADO

Cirurgião dentista pela Universidade

Tratamento de todas as doenças de bôca e dentes. Dentaduras desde as mais simples ás mais luxozas.

Consultório - Largo da Sé Velha.

Preços modicos

## Agua da Curia (Mogofores - Anadia)

Sulfatada-Calcica

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de CONTREXÉVILLE, nos Vosges (França)

Estabelecimento balnear a 2 kilometros da estação de Mogofores Carros á chegada de todos os comboios

Hotel perto dos banhos

INDICAÇÕES

Para uso interno: - *Arthritismo, Rheumatismo chonico, Gotta, Lithiasa urica, Lithiase biliar, Engorgitamentos hepaticos, Catarrhos vesicaes, Catarrho uterino.*

Para uso externo: - *Em diferentes especies de dermatoses.*

Como purificadora do sangue não ha nenhuma no paiz que se lhe avantage

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.º sr. Charles Lepierre.

A agua da Curia não se altera, nem pelo tempo, nem pelo transporte

A' venda em garrafas de litro - Preço 200 réis

Deposito em Coimbra - PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 6

## GUÍA PRÁTICO

DE

ESCRITURAÇÃO E CONTABILIDADE

COMERCIAL, BANCÁRIA, AGRÍCOLA E FÁBRIL

Pelo professor e perito comercial Joaquim Enriques da Silveira Pásson

Diplomado pela Escola do Comércio de Lisboa

No dia 1 do corrente mês de Setembro começou a publicação semanal, em fasciculos, desta importante e útil obra, destinada a abilitar, sem auxilio doutros estudos e sem méstre, a organizar, seguir ou balançar a escrituração de qualquer caza comercial, bancária, agricola ou industrial, a exercêr ábilmente qualquer logár de carteira e a concôrter com a precisa abilitação aos concúrsos de bancos e repartições públicas.

O *Guia prático* ensina a rezolvêr cerca de mil problêmas vários sobre escrituração e contabilidade e é dividida em dois volumes.

1.º volume - Cálculo

Compreêdo o ensino prático das operações sobre: Números inteiros, decimais, quebrados, complexos, elevação a potencias, extracção de raizes, divisibilidade, sistema métrico, régras de três simples e compôstas, régra de conjunta, régras de companhia, de liga, de avarias, percentâjens, juros, descontos, prazo médio, juros reciprocos ou juros de contas correntes pelos métodos dirêto, indirêto e am-burguês, câmbios, juros compôstos, annuidades, fundos públicos, papeis de crédito e arbitrájens.

2.º volume - Escrituração

Compreêdo cinco modêlos completos, com todos os livros principais e auxiliares, sendo todos os problêmas acompanhados das mais claras e precisas explicações: 1.º modêlo, uma escrita pelo sistema de partidas sinjêlas; 2.º, uma escrita duma caza comercial, contendo oito mêzes de operações diversas pelo sistema de partidas dobradas, com três balanços; 3.º, uma escrita duma caza de comissões e consignações; 4.º, uma escrita duma industria explorada por uma sociedade anónima; 5.º, uma escrita agricola.

Preço de cada fasciculo em Lisboa e na provincia 100 réis.

As assinaturas podem ser feitas por bilhete postal dirigido á empresa da publicação desta obra a Afonso d'Oliveira, rua do Arsenal, 108, ou ao ajênte em Coimbra - Moura Márques - LIVRARIA.



## VINHOS DE PASTO

GENUINOS

BRANCOS E TINTOS

Para consumo e exportação

Vendas por junto e a miúdo

Installação provisoria: rua da Sota, n.º 8

Tabella de preços de venda a miúdo (20 de abril de 1904)

Marcas	Garrafo de 6 litros	Garrafo de 1 litro	Garrafo de 1/2 litro
Tinto GRANADA	600	120	80
» CORAL	600	120	80
» AMETHYSTA	500	—	—
Branco AMBAR	660	—	100
» TOPAZIO	—	—	120

Nos preços indicados não vae incluida a importancia do garrafo (36 réis) nem a das garrafas (60 réis para a garrafa de litro, 50 réis para a botadaleza), que se recebem pelo custo.

Prevenção. - Os garrafos levam o carimbo da Adega em lacri e nas roilhas das garrafas e garrafas vae o emblema da Adega impresso e fogo, ao lado e na parte superior.

Distribuição gratuita aos domicilios, dentro dos limites da cidade, em compras de 2 garrafoes ou duzia de garrafas.



# REZISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redação e administração — RUA DE FERREIRA BORJES

Officina tipográfica

12 — Rua da Moeda — 14

N.º 940

COIMBRA — Quinta-feira, 29 de setembro de 1904

10.º ANO

## A imprensa e o exército

O *Diário de Notícias* vinha, num dos seus últimos números, censurando os que não vão no exército português um progresso sensível e só achavam para condenar no orçamento do ministério da guerra.

Assim o temos feito nós, e assim o tem feito toda a imprensa republicana. Achamos que tem sido prejudicialíssimo para a boa administração do país o orçamento da guerra, orçamento sempre falsificado, porque se tem abusado do patriotismo do país para lhe arrancar sacrifícios que sob o pretexto da defesa do país, tem servido apenas para alimentar loucuras e desperdícios.

O partido republicano não censura os governos por fazerem manobras, por determinarem exercícios, por esta belecêrem carreiras de tiro, por fazerem emfim tudo o que possa concorrer para a boa educação do soldado, que no nosso país não tem instrução militar.

O partido republicano censura sim o governo, mas porque manobras, exercícios, carreiras de tiro e instrução militar são pretextos para as mais loucas despesas, e servem muitas vezes para encobrir, como se afirma, aplicação ilegal dos dinheiros públicos.

Se os governos tivessem aplicado onestamente o dinheiro que tem arrancado ao contribuinte, o nosso exército não seria uma instituição que nos envergonha pelo seu atraso, pela penúria das suas instalações, pela miséria do município, pela ignorância de oficiais e de soldados.

Não se trata na verdade de saber se manobras, viagens ao estrangeiro, assistência de adidos militares junto doutros governos, aprendendo o que só podem ensinar as nações mais adelantadas na arte de guerra, seja útil.

O que o partido republicano tem censurado é que manobras, viagens, estabelecimento de adidos, todas as nosas relações militares com o estrangeiro têm sido pretexto apenas para favores aos favoritos dos ministros da guerra, e que de tais sacrifícios se não tenha tirado resultado algum para a instrução e desenvolvimento do exército português.

A falta de instrução militar é a regra, e não só no nosso soldado, porque é boçal, porque é nôvo, porque é ignorante a falta de instrução é a regra também nos oficiais.

Muitas vezes o temos afirmado, e muitas vezes o resultado de exercícios e manobras, a vôs dos poucos competentes no nosso exército nos tem dado razão, mostrando a falta dos conhecimentos mais rudimentares desde o corneta até ao ministro da guerra.

E não fôrão as ultimas manobras do Bussaco de molde a tirar-nos desta convicção.

Não é com paradas militares, longamente ensaiadas, que se mostra a possibilidade de mobilização.

Não é gastando mêzes a mendigar soldados por todos os côrpos do país que se demonstra a forma rápida de levantar um exército.

Não é levando os soldados sem carga nas mochilas, com uma alimentação superabundante que se mostra a sua resistència.

A sua fraqueza ficou pelo contrário demonstrada: os soldados, sem a carga que as necessidades da guerra tornão necessária, caião pelos caminhos, arrastão-se mal e contra vontade.

Do meio dêles levantãvõ-se vôzes de descontentamento e cansaço que os oficiais não ouvão ou fazião não ouvir.

Chegou mesmo a avêr insubordinações e dis-se que, um dos dias, os soldados campãrão fóra do logar marcado, porque se recusãrão a andar, obrigando os superiores a fazer lhes a vontade com medo de vêr levantar uma insubordinação que fôsse tirar a alegria ao senhô ministro da guerra tão contente com o succésso teatral daquella força militar.

Não! não fôrão as manobras militares que demonstrãrão a excellência do exército português.

Mas quando outros factos não viessem com insistencia demonstrar a fraqueza da nossa defeza, a ignorancia de officiais e soldados, o resultado do concurso ás corridas de Espanha é disso uma prova frizante.

O nôso exército foi pela ignorancia dos que por pozição e educação mais devião sabêr, sujeito a uma prova que mostrou vergonhózamente a ignorancia dos nossos dirijentes.

O sr. ministro da guerra, que é official de cavalaria, mostrou que nada sabe das exigencias modernas da sua arma, que ignora completamente o que sabem as pessoas medianamente instruidas, mesmo as que não pertencem ao exército.

O diretor da escola pratica de cavalaria não mostrou maior sabêr.

Os officiais ignorãvõ as provas a que lão submeter-se não sabião as necessidades do concurso.

Mostrãvõ assim não têr não só a illustração da sua arma, mas até a illustração jeral.

Não á ôje quem ignore a natureza dêsses provas, divulgãdas pelas fotografias, pelo que tem de pittoresco, por jornais baratos.

A ignorancia é inadmissivel. Os officiais portuguezes sem instrução e mal montãdos lão para uma vergonha certa.

E escuzãvõ de ir. A Alemanha tem dado o exemplo, apesar do seu caráter eminentemente militar não concorrendo a estes torneios.

Mas não nega as vantãgens que tem esta instrução especial para os officiais, ao contrario do que afirmão alguns jornais portuguezes.

Tãos virão ainda á pouco fotografias do príncipe erdeiro da Alemanha fazendo a cavallo tãdos os prodijios de equitação dos italianos e francêzes.

Pôde negar-se a vantãjem de um ensino jeral a soldados e officiais. Os cossãcos, prodijozos nestes feitos de cavalaria, tãem sido batidos pelos japonêzes.

Mas não pôde negar-se a vantãjem para os officiais, vantãjem relativa é certo e que no nosso país não compensaria os sacrificios pecuniários que importa.

Os officiais portuguezes fôrão vencidos; o facto deu-se, explica-se e não dêve servir para nos lançar no caminho dos desperdícios com a ideia ridicula duma desfôrra.

A' coizas mais uteis a fazer a bem do exército portuguez, a favôr da defeza nacional.

Deixemos torneios de vaidade e olhemõs a serio para a organizaçõ do exército portuguez.

A vergonha do chèque fica com os governantes, o resultado do concurso revêla apenas a ignorancia do sr. Pimentel Pinto, a sua incapacidade governativa, a sua falta de instrução jeral, a ignorancia do movimento scientifico da sua arma.

O sr. Pimentel Pinto mostrou a sua ignorancia como ministro da guerra, como jeneral e como soldado de cavalaria.

Por isso continuãremõs a afirmar que a ignorancia é a mesma, em jeral, desde o ministro até ao corneta.

Sirva-nos a lição e não nos deixemos arrastar nas lutas de capricho, cáras ás vaidades da cazerna.

Estêve de passagem nesta cidade, com sua familia, o sr. Jozé Luis Monteiro, arquitêto da camara municipal de Lisboa.

## Jardins

Começãrão os trabalhos de jardinagem no passeio do Cais, que avião sido interrompidos, votando-se o jardim quizi ao abandono.

O guarda que ali conserva a seçõ de serviços fluviais e maritimos retira-se ao escurecêr e, mesmo de dia não pôde, sozinho, policiar convenientemente o jardim.

As crianças corrião á vontade pela rêlva, e cevãvõ a ferocidade infantil assoutando as pobres palmeiras que para ali deixãrão abandonadas.

Agóra lês se uma vedação provizória com arame para protejêr os trabalhos de jardinagem que se vão fazer, e brevemente se vai colocar em todos os canteiros do jardim uma grade de ferro batido, simples e elegante, que os izolarã completamente.

Tem continuãdo o atêrro da Avenida Navarro, que á-de sêr um dos mais formozos passeios de Coimbra.

E' porém pequena a vérba de réis 1:5000000 que foi concedida pelo orçamento para esta obra que seria de todo o interesse levar com atividade e seria de conveniencia fazer antes do inverno, por forma ao muro do Cais se achar reforçado para as primeiras cheias.

Devêr-se-ia aproveitar o bom tempo que atravessamos e a estãjem do rio que favorece a obra.

## A CUPIDA

A «Cupida» era a alcunha da Adalina Maria Ribeiro.

Donde lhe viêra nunca ninguem o soube.

Nunca ouve nome mais mal pôsto. Não á acento que lhe valha.

Para Cupida faltava-lhe a ambição, e não lhe sobrava formazura para fêmea do travesso Deus do amor.

Apezar disso, todos a chamãvõ a Cupida, porque razões não sei.

Fôra um batismo do pôvo que ás vêzes tem as preocupações mitológicas da eloquencia erudita e galante do sr. Bispo Conde.

Se o nôme errava, a fama soáva também falso.

Era tida por mulher onrada, e prestamistas e particulãres lhe entregãvõ confiadamente ouro e prata para revendêr.

E a Cupida lá ia pelas ruas, lá caminhava para as feiras a vendêr. Afinal descobre-se o roubo, perdão, o alcance.

Falêmos a linguãjem comercial que o cazo pede.

Começõ a apparecêr as denúncias de faqueiros de prata, relójios, correntes e colãres doiro, aneis de brilhantes.

A Cupida, porém, não confessa que roubou, diz se apenas alcançada, em dinheiro já se vê.

Parêce a renovação do cazo Ferrãri.

A Cupida tem a escrituração em dia.

Vendeu o que lhe entregãrão; porque lho dêrão para vendêr.

Nada mais natural!

Não pagou ainda; porque tinha outras dividas a pagar.

A Cupida foi roubada, como qualquer mortal, como Mercúrio, ou como um bom negociante de prendas mênos mitológicas.

Roubãrão-na na feira de Arganil, roubãrão-na no Porto.

Têve de contrair dividas, pagou-as com o primeiro dinheiro, com o que obtêve da venda dos objetos que lhe avião confiãdo.

Os proprietários dos objetos vendidos dizem-se roubãdos.

Não á tal: êsses senhôres estão apenas por pagar, mas a Cupida não nega as suas dividas e, á falta de escri-

turação, dis bem alto e claro os créditos dos seus credôres.

A Cupida é onrada.

A de pagar... quando tiver dinheiro.

O melhor éra até não lhe andãrem á dar cabo do crédito.

Como quêrem os queixozos que lhe páque a senhora Cupida, se andão por toda a parte á chamar-lhe ladra?

Quem lhe á de emprestar dinheiro ou confiar jóias?

A senhora Cupida tem carradas de razão.

Maria Ribeiro fazia bem aos sobrinhos, de quem cuidava, e queixa-se apenas de máu negócio.

A queixa é jeral no comércio.

E' possível mesmo que a senhora Cupida não tenha vendido os objetos, e êles estãem simplesmente em mãos extrãnas para amostra.

Ainda á pouco, a policia do Porto foi acuzada de recorrer aos meios ilicitos, ordinãriamente chamãdos roubos, para adquirir bengãlas com os luxozos castõis de prata que de lonje afirmão a abastãça e a onradês, e afinal veiu-se a sabêr...

E' verdade, o que se veiu a sabêr?

Se a ábil policia de Coimbra fôsse, ali abaixo, ao Porto, sabêr...

## PROPAGANDA

E' costume dizêr-se que o partido republicano tem completa a sua obra de propaganda.

Passa esta assersão como demonstrada, e aparece a cada passo como aforismo, mesmo na imprensa monarchica.

Para tãdos a propaganda das ideias republicanas está feita em Portugal, e chegarã o tempo dos republicanos deixarem a obra de educaçõ civica, em que tem andado empenhãdos, e passãrem á açã, tomãrem o poder que lhes seria confiadamente entregue pelos partidos de todas as fãçõis politicas logo que uma sólida organizaçõ do partido republicano fôsse a garantia do futuro.

E' na verdade um factõ que os partidos monarchicos em Portugal se confessão impotêntes para rezolvêr cada crize que se succede.

As crizes politicas são apenas adiãdas pelos partidos do govêrno com expedientes ruinozos.

A opozição monarchica limita-se apenas a simulãcros de combate, a paradas ostentozas, prometendo tudo remediar quando chegue ao poder, aproveitando-se do auxilio que os expedientes dos contrarios lhe engariãrão quando o poder lhe tóca.

Para êsses o aforismo da propaganda republicana é apenas uma ameaça de que ábilmente se servem para dominar os contrarios, ou para se impôr ao favôr real, indicando a possibilidade de um apoio ás ideias democraticas, de uma união com os partidos avançados que, se cauzava a quêda do ministério, implicava também o perigo para as instituições vijêntes.

Para outros porém, prezos pela tradiçõ e por uma ideia falsa de dever que os liga ás opiniões politicas da familia a que pertencem, ou ás que, por acaso ou força de circunstancias tem seguido toda a sua vida, para esses que, tendo um fundo de onestidade, obedecem apenas a preconceitos sociais que os atão ás instituições monarchicas, a expressão tantas vezes ouvida da jeneralizaçõ das ideias republicanas em Portugal indica que no intimo da sua consciencia onêsta essas ideias triunfãrão.

Para uns, como para outros a insistencia na força da propaganda do partido republicano, e o seu apêlo para êle indicão bem claramente a falta de confiança, que, mesmo os monarchicos militantes, tem na força do seu partido para rezolver os problemas de administração publica pendentes; porque essa fraze repete-se insistentemente a cada periodo de crize nacional.

Esta fraze de invençõ monarchica indica também o ultimo expediente de luta que vê perdida.

Em Portugal acabou o ódio ás ideias republicanas, o que falta, dizem á falta de razões os monarchicos militantes, é organizaçõ do partido republicano.

As ideias boas são, mas falta a confiança nos ômens.

Essa falta de confiança é porém desmentida a cada passo.

Os monarchicos são os primeiros a reconhecer a força da intelligencia e do caráter dos republicanos portuguezes.

A cada passo pedem o seu auxilio.

A cada passo os aplaudem.

E' porém certo que só os aplaudem, quando na opozição, e que os perséguem ferózmente, quando govêrno.

Mas nem por isso deixão de fazer uma afirmaçõ publica de respeito que se repete a cada correligionario que nos dezaparêce.

Cada um dos nossos môrtos illustres, é, na opinião da imprensa monarchica, uma perda irreparavel para o partido republicano que tinha nêles solidas garantias de um futuro de triunfo.

E assim confessão as qualidades governativas que negão em vida aos vultos mais eminentes do partido republicano.

A propaganda republicana está feita, está, e bem, mas é nos dirijentes dos partidos politicos, nos ômens militantes de todos os partidos.

Nêses é completa, e, se as ideias republicanas não triunfãrão, já é porque a maioria desses ômens chegarã pela luta ao dezalênto, ou estão completamente corrompidos e inutilizados, prêzos pelo interesse a um rejimen que não amão nem respeitão.

Seja qualquer que fôr a marcha do partido, a propaganda deve sêr de todos os dias e de todas as ôras.

A propaganda em Portugal é necessaria, como em toda a parte, como escola de educaçõ civica.

E em Portugal mais do que em parte alguma.

28 641 / 47 / 874



# No redondel

Figueira da Fós, 26—IX—904.

Felhamos á 5.<sup>a</sup> corrida que se realizou para nós, inesperadamente.

Vimos no dia 18, no comboio das 3 horas da tarde, acompanhados por uma arrelenta chuva, tendo-nos contentado só, com um pouco de muzica no Peninsular, onde ouvimos o sexteto, não estando Francês nos seus dias felizes e um «tenorino» de quem nem o nome soubemos; e depois de obsequiados com um bom jantar, *amicus certus*, regado com um magnifico vinho coevo da guerra franco-alemã, voltámos ao Peninsular e de repente, as nossas cadeiras estavam barricadas pela descendencia de dois dos nomes mais notaveis e fidalgos do antigo toureiro nacional e por representantes de *ganaderias* celebres e saborosos meliós.

Entretanto que D. Pablito dava a sua passeiata, o meu olhar caçado e miope, foi poisar sobre uma cabeça que me fés lembrar as saudozas noites dos *Recreios* Witoiné quando Castali rejia com inolvidavel elegancia, o «Processo do Cancans», zarzuela onde a saleroza Moriones... Não me pique usted, cabeça que era então duma creança.

...Como nós envelhecemos e as creanças crescem!

Só na noite de 2.<sup>a</sup> feira soubemos que a tourada se realizára nessa tarde: que nada tinhamos perdido, mau gado, artistas infelizes, uma verdadeira lamuria de jentes para quem o 36 tinha sido infiel, como se os touros e os toureiros tivessem culpa da má sorte da roda da fortuna.

Ontem cá voltámos, mas sós.

D. Pablito com a mudança de tempo, dezamparou-me e lá anda singrando pelos mares da Granja, Espinho, Cascais, Nazaré e até talvez do Ejito, onde certamente, indagará do illustre caréca Pereira e Cunha, se ainda no Ejito á gafanhotos, porque visto os seus instintos assassinos matando, como governador civil das duas capitais deste reino, a Idra na «invicta» e a Cuspineira na cidade de marmore e de granito, só podia ser mandado, para a patria dos Pharaós, para dar cabo dos gafanhotos.

Como os seareiros lhe devem estar agradecidos.

Mas passarémos sem a opinião de D. Pablito, opinião sempre muito ponderosa, e que Deus lhe dê por lá saúde e graça e não o caze, porque então, perdêmo-lo duma vés para sempre.

O cartás da 6.<sup>a</sup> corrida anunciava touros da companhia das Lezirias que nos parecêro já *dezamortizados*, andou por ali o Teixeira de Souza, e nem outra coiza podião ser para amadores; uma intelligencia aficcionada: doutor, Fízico Mór, e entre cavaleiros e pebis alguns doutores e fidalgos.

Ora para rezenhar do toureiro de doutores, ninguem como o Guarda-Mor e do toureiro de fidalgos, ninguem como a Severa.

Deixem os «distintos sportmen e estimados cavaleiros amadores» como dis o cartás, que eu desta ultima classificacão, tire João Marcelino, que, pela frequencia com que se apresenta nas arenas do país, já vai entrando na categoria de artista.

Foi assim que principiou o saudozo Tinoco, e até o vimos tourear com a designacão de amador, uma época inteira, no Campo de Sant'Ana, alternando com D. Luis do Régo.

Salvo a enorme distancia de faculdades para o toureiro, que separava do simpatico e destemido Marcelino aquêle nunca esquecido artista, o inicio é o mesmo e por isso cá o esperamos mais dia menos dia, na *alternativa*zinha.

Foi na época que acima aludimos que teve logar a magnifica tourada só com bois de cavallo, em beneficio de Tinoco: se não estamos em erro, fóro 14 cornupetos para sete cavaleiros e, se a memoria nos não atraiçoa, fóro eles: Carlos Relvas, que picou com aquêla elegancia e frieza que lhe éro peculiares; Alfredo Matreços um pouco triste e infelis, mas sabendo como poucos, que nessa tarde, num *rossilho*, mostrou bem que equite era; Velés Caldeira sempre alégre, estando tanto á vontade na sela, como na cadeira de amanuense; Galveias requintadamente fidalgo; Alfredo Anjos, ôje conde de Fontalva, novato, montando um admiravel castanho, quasi fés todo o seu trabalho dentro das capas dos Robertos e do Zé Peixe; D. Luis do Régo que quem ôje o vê, mal fás ideia do

que ôle era montando o seu negro Leothard e o beneficiado, artista imponente, elegante, dum pericia rara, o mais completo que conhecemos depois de Manoel Mourisca.

Os cavaleiros trôjavão á época: fraque e chapéu alto; nunca vimos mais aprimoradas cortezias; coadjuvávão a lide os irmãos Robertos, Zé Peixe, Calabaça, Sancho e Rafael Peixinho, que nunca chegou a Peixe.

Ainda, no Campo de Sant'Ana, por essas épocas, vimos a mais extraordinária colhida de que temos memoria. Nesses tempos os artistas de cavallo (já tinha morrido o Batalha!) eram Manoel Mourisca, os dois Cazimiro e aparecia nos horizontes de Almada e da Moita (e por isso o Zé Dias sempre o considerou seu correllionario) o nosso Zé Bento d'Araujo, chamo-lhe nosso porque eu fui sempre do soi — uma placa de doze bastava; o Mourisca era da sombra; já era preciso puxar de meia corôa.

Numa bela tarde de toiros, em certa altura appareceu no redondel Cazimiro Monteiro: a porta do tourel abre-se e sai um boi real, castanho zebrado de muito pé e de muito sentido; a sorte de gaiola foi-se, as capas tentão cortar-lhe as pernas, mas o boi só queria cavallo; arranca e colle-o impossibilitando o para o résto da lide, com um valente pinhão e Cazimiro recolhe a mudar de cavallo.

Dezamparámos o nosso compádre de Loures, (nos temos compádras em toda a parte, e por estes sitios, desde a Guarda Inglesa até Alfarcelos) que apoplético, jaqueta a tiracolo atada pelas mangas, matacões irsutos, palmeia delirantemente o bicho e o ganadero; e fomos assistir ao montar de Cazimiro Monteiro que estava de cabeça perdida e nada ouvia do que se lhe dizia.

Montado, a porta abre-se, o cavallo entra na arena e nós apenas tivemos tempo de trepar pela porta de saída do cavaleiro, e lá nos encarrapitámos no cimo: o boi assim que viu o cavallo deixou tudo, correu direito a ôle, cortou-lhe o terreno e, quando se esperava que cavallo e cavaleiro ficassem estabelecidos contra as táboas, o boi enganchou o cavallo, levantou-o com o cavaleiro na sela e atirou os para dentro da trincheira como se fôsem uma só peça!!!

Que força anda ai, perdida por esses ares!!

Mas voltémos á tourada d'ontem:

Principi por declarar que dei por muito bem empregados os 600 réis do logar e os 20 réis de sela, (maldito Espregueira; parece incrível que ainda aja progressistas). Sobre tudo a primeira parte agradou-nos bastante.

As ôras couberão a Pinto Barreiros: o seu trabalho, no primeiro touro que lhe coube, 2.<sup>o</sup> da corrida, um caraca, foi mais que regular, tendo algumas tiras e meias voltas boas, sobretudo uma destas num ferro apontado do alto e bem cravado, terminando com um curto que se pôde, sem favor, chamar bom;

no seu 2.<sup>o</sup> a gaiola oferecida a Robim saiu-lhe bem; teve um de recurso magnifico numa carga inesperada, ainda uma meia volta regular e dois curtos muito bons, especialmente o da sorte oferecida ao Marquês de Castelo Melhor.

O que á em especial a notar neste amador é a serenidade, vêr bem o boi para apontar e distrair-se pouco com a assistencia; gostámos.

Depois de Pinto Barreiros é de justiça collocarmos Augusto Assis; muito bem montado, algo adipozo, teve umas tiras regulares, uma saída falsa, numa meia volta, bem, e um curto passabile, no seu primeiro; no 2.<sup>o</sup>, o sexto, nada pode fazer porque o boi não deu, recolhendo só com meio par de S. Martinho numa espartada infelis.

Fernando d'Almeida andou com pouca sorte, apesar de tourear em três cavalos; no seu primeiro, o 3.<sup>o</sup> da tarde em jeral, apontou mal, mas ainda assim, deixou uma tira e uma meia volta que não fóro para desprezar.

O boi era muito tardo e tapava-se. O pobre *sopa de leite*, ficou com a barriga feita num lazaro; êste amador manda muito o cavallo com as espôras e o irmão Manoel devia ficar sabendo, se o não sabia já, que «o que se monta não se emprêsta» nem mesmo á familia.

Dos artistas de pé, Paulo David trabalhou muito regularmente e D. Rúi de Siqueira teve no 8.<sup>o</sup> uma gaiola arqui-majistral, que o lustrou de todos os peca-dinhos de antes e de depois.

Da jente de carapuça, segundo as

minhas lembranças, tivemos seis pégas e tôdas ou quasi tôdas, com o boi a voltar-se e sem terrêmo; pouco brilho, ainda assim a do 4.<sup>o</sup> foi a mais rijita.

O beneficiado toureou como costuma, sem modificar o seu temperamento, que, em começando a aquecer em pouco tempo chéga ao rubro.

Principiou por duas tiras boas, sendo uma mesmo muito boa, depois de ter perdido a gaiola que lhe foi tirada propositalmente por Tinoco, o que só se fás aos principiantes, para os livrar do desconhecido da primeira investida e do correlativo pinhão; mas em seguida principiou a perder a cabeça e pouco ou nada mais, fés.

É preciso deixar o costume de correr na frente do boi com o ferro estendido á espéra que a fera nêle se espêta: isso não é nada.

O grande público gosta, palmeia o. Vá com ôle, mas ôlhe que não vá bem.

No 10.<sup>o</sup> teve um ferro regular e tendo-se dezembolado o boi acabou-se a festa.

Deixámos para o fim Jozé e Emilio Infante da Camara, que fóro o *clou* da corrida.

Os tózos rapazotes que figurão tão disuntamente no *high-life* dum jornal, sendo páres dum *cotillon* como nas notas de *sport*, por terem numa toirada, recolhido a cavallo, os bois, fizêro uma figura brilhante mostrando rijêza e valentia.

Quem passou um mau bocádo foi o pai Emilio, que não sabia se devia deixar continuar desfraldado ao vento da corajem, o pavilhão da caza, se pôr no seguro as costêas dos rapazes que estãvao devêras trevidos; mas tudo correu pelo melhor: manteve-se a obra e os brios da caza e não ouve perigo de maior — duplos parabens.

A intelligencia, de calça arregaçada e chapéu de côco: modesta.

Dom Páblo.

No artigo *O Tiro Civil* do nosso ultimo numero saião varios erros tipograficos, alguns dos quais alterão essencialmente o sentido.

As erratas mais importantes são:

Na primeira col. do art., *in fin.* admiravel da sua especie inferior — por — admiravel da sua energia e pela assimilacão da especie inferior; na col. 2.<sup>a</sup> *in m.* reflexo da civilizacão mã — por — reflexo da civilizacão filha para a civilizacão mã; na col. 2.<sup>a</sup> da pag. 3 — A guerra é pois um meio de soluçao — por — A guerra é pois um meio de seleçao; no f. d'essa mesma columna — *incarnacão* — por — *irmanaçao*; na col. 3.<sup>a</sup> *in med.* O proprietario contou-se por nada — por — O proletario contou-se por nada.

Estes são os erros principais que escapáro á revizão.

Os outros facilmente os corrigirá o leitor.

É ôje a inauguraçao da escola que a camara municipal abriu para ensino primario do pescal da limpeza.

Escolheu-se para aula uma sala ampla junto da secretaria da abegoria.

A aula de instrucão primaria terá lugar do meio dia ás duas ôras da tarde.

Muito para louvar é a iniciativa do vereador sr. Francisco Nazaré que tem sido em todos os serviços do seu pelouro dum grande atividade e de um zelo verdadeiramente excecionais.

Recolheu da Figueira da Fós, o sr. governador civil dr. Jozé de Mattos Sobral Cid.

Estão na direçao jeral de instrucão publica para pagamento dos selos as portarias concedendo a matricula no 5.<sup>o</sup> ano teolójico, sem exame de grêgo, aos srs. Antonio Augusto d'Oliveira e Eduardo de Aguiar; dispensando da frequencia e ato da cadeira de direito eclesiástico portuguez; para a matricula no terceiro ano juridico ao sr. dr. Francisco Otorico Dantas Carneiro; para matricula em farmacia aos srs. Antonio Dias Pereira da Graça e Ilidio Vieira Cosme.

No proximo sabado abre-se o cofre da recebedoria deste concelho para o pagamento da quarta e ultima prestacão trimestral predial e industrial de 1903, que só pôde ser utilizado por aquêles que requerêro similhante forma de pagamento.

# O TIRO CIVIL

(Continuacão)

Percorrámos o prezente.

O inglês, o francês, o portuguez, o danês e o alemão vão militar, industrial e commercialemente intrometer-se pela Africa, Azia e Oceania e si aniquilão algumas vèzes, subalternizão sempre, os autóchthonos porque estes não unizão a natureza como convêm que ôla o seja para abastança da humanidade.

A Alemanha, a Inglaterra, os Estados Unidos da America do Norte e a França lutão em todo o mundo, e especialmente no Extremo Oriente, para colocar a sua produçao industrial superabundante. E é esta uma luta de vida ou de morte e que facilmente se substancia noutras especies de luta, apesar de tôdos os préstos de amizade das respéttivas naçoes.

Alguns politicos, num país que todos sabem, principialemente depois que êste deixou escapar as reliquias do seu outr'ora vasto império colonial tem preconizado compensacões nas vizinhanças. Não faltou mesmo quem se lembrasse da anexaçao de dois paizes vizinhos!

Ainda não decorreu muito tempo depois que dois povos na Africa Austral fóro combaidos em suas terras por um povo aliás livre e illustrado, délas expoliados, e, enquanto muitos perdião a vida eroicamente, espantando o mundo com a prodijiosa resistencia que opozêro a um invazor numerozo e forte, defendendo o patrimonio de seus maiores e o futuro de seus filhos, outros, aquêles em quem a morte não teve império, vfo sofredor de todos os infortunios que impendem aos vencidos; a memoria da patria afogada em sangue, dos parentes e amigos mortos, das filhas, irmãs e espôras desaparecidas ou esticadas nos campos de concentraçao, das granjas taladas pelo inimigo da sua raça, dos rebanhos perdidos: — de todo um passado como um cantic de felicidade e o peza-delo dum futuro como caljinôza profecia de aniquilamento. Reliquia dum povo valorozo tem jus ao respeito do proprio vencedor, que, apesar de tudo, é jenerozo, como tudo o que é forte.

A rivalidade no alvorecer do seculo XVI entre Francisco I e Carlos V é mais do que a emulacão entre dois ômens distintos; é o preludio de continuas oscilacões politicas que ia sofrêr a Europa para se fixar numa forma definitiva e estavel de força relativa das naçoes em que está dividida.

Ninguem pensará, decerto, que cessou o motivo de tais oscilacões. Ora não é só a quantidade territorial, ou o numero de ômens armados, que se devem contar como factôres para avaliar o equilibrio das naçoes. A factos de ordem puramente politica, de ordem intellectual ou moral cujo valôr se tem de contar em muito. Assim, em quanto a Suissa é um laboratório continuo e bem provido de instrucão e de educaçao, de liberdade, portanto; a Russia é um caos atrazado um século na civilizacão europêa. Está pouco mais ou menos, como a França antes de 1789.

Ao passo que o Autocrata da Russia lembra o dezarmamento e a instituicão dum tribunal arbitral e, parece que para ser coerente, se despreocupa no proprio armamento a ponto de estar impreparado quando rebenta a guerra com o Japão, a Alemanha industria e erudita multiplica os seus exercitos, acrece a sua esquadra, aperfeicão o material de guerra, e industria os ômens em manôbras aprimoradas.

Os Estados Unidos da America do Norte batem a Espanha militarmente, vão pondo em chéque todas as naçoes com a sua prodijiosa industria, enriquecem, progredem a passos jigan-tescos, evoluçao em torno dum regimen que parece fixo, mas que dentro de si tem a força de revoluçao, pacifica e proficiente acomodada aos tempos e aos ômens que tem a rejêr. As repúblicas do sul nada mais tem feito do que guerrear dentro e fóra, não para fazer vingar uma ideia, elevada e jenerôza, senão ou para colocar no supremo poder um ômem em vés d'outro, ou para mudar o partido politico que guia a naçao. Nada fazem, ou quasi nada, que obedeça a um programa sabio, que se traduza em beneficios reais e conduza ao progresso.

Se pretendêmos computar a distancia de aspiracões e capacidade de progresso que medeia entre o mais atrazado dos povos civilizados e o mais adiantado dos selvajens d'Africa ou Oceania, encontrâmo la quasi incalculavel.

Que se conclue de tudo isto? Uma das conclusões é que entre os povos que compõem a humanidade actual não á ainda aquêla identidade de capacidade intellectual e moral, para perceber o justo e para o queir fazer que é necessario avêr para que, ao menos, no caso de por um mal entendido sobrevir discordia, esta se sanar num tribunal como se vae fazendo já, pôsto que mal, entre os individuos que nos tribunais vão delegando o direito de discutir suas pendências, rareando assim o tradicional duelo.

Leámos os órgãos da opiniao publica e lá verémos em grande quantidade artigos e noticias em que se atêa muitas vèzes o latente sentimento atavico da guerra. Não raro, até, tal é o dezejo de muitos de que Bona se não apazigue, que correm sollicitos a buscar os mais innocentes factos da politica mundial, dão-lhes acomodadas edicões e acabão por os interpretar de tal forma que pôdem vir a tornar-se rastilho de graves complicacões.

Isto são factos, e quem tem o cumulo de governar naçoes tem sobre si tais responsabilidades que de forma alguma se pôde afastar da licao que ôles lhe fornecem para se guier absolutamente na gestacão dos negocios publicos por teorias que apenas traduzem o sentimento, embôra jenerozo, dum minoria infelissimamente diminuta.

Sei que á quem não podendo deixar de concordar no que acabo de relatar relativamente ao que é facto, discordo no remedio e pretenda que, conquanto tenhamos a temer qualquer violencia d'extranhos, melhor será que não perçamos tempo e dinheiro em tiros e aprendizagem de tática porque quando soar a ôra de defêza, de cada ômem brotará um defênsor, um eroe, talvez como nos contos de fadas em que de qualquer modo de estrebaria sai um formozo e gentil principe!

Não queirâmos iludir-mo-nos. Isso além de ser uma adoravel creancisse, aliás muito peculiar á nossa raça, conduziria quando muito a consequencias muito mais dezumanas do que no caso de avêr um forte núcleo d'ômens sufficientemente adestrados na tática e no manêjo das armas, quer constituído por um exercito permanente, quer, como seria dezejavél, formado por batallhões voluntarios de cidadãos inteiramente livres mas disciplinados, coiza que não é alheia ás nossas leis, como tantas outras coizas boas, como se deprende da ordem de exercito de 16 de dezembro de 1902.

Ainda é a razão que o descobre auxiliada pelo concurso de factos que o corroboram. O fraco é covarde e pouco escrupulozo na escolha de meios com que á de opôr se ao adversario; e não só, mas ultrapassa os termos da sufficiencia na defêza.

Ora a força numa multidão d'ômens armados é produto de sua resistencia individual, ordenada coeção, elasticidade de evoluçao, perfeicão de suas armas e golpe de vista pronto e felis de seu chéfe.

É evidente que dotes são estes que exigem competente educaçao e educaçao que carêca de bastante tempo.

É manifesta a superioridade dum multidão ordenada e disciplinada sobre uma multidão simplesmente multidão. Ora o que disse a respeito do individuo em luta com o individuo applica-se perfectamente ao caso da luta entre multidão e multidão — entre a ordem e a dzórden.

A guerrilha dezordenada é sempre mais cruel. Desbarata, arruina, incendia, rouba, e não fás maior damno ao inimigo de que aos proprios a quem defende.

Mato inermes, não respêta cousa alguma; não poupa inválidos nem feridos.

Unas vèzes cauza graves perdas ao inimigo, sem contudo lhe infligir uma derrota decisiva, outras é aniquilada totalmente pela absoluta carência de tática.

É preciso um facto? Não citando os peculiares ás guerras civis, porque êsse jenero é muito differente, não carecemos de sair da Peninsula para os encontrar palpitantes.

Reportemo-nos ao tempo da occupaçao franceza pelas ôstes napoleonicas.

Em quanto na Europa central se ferião batalhas em que não pela crueldade além da indispensavel, mas pela tática se decidia da sorte das naçoes



ANUNCIOS

DE 3 A 4 CONTOS

Compra-se propriedade rustica ou urbana até este preço, desde que seja bem localizada, e tenha bom rendimento garantido, ou se empréstão sobre hipoteca bem garantida. Carta á administração deste jornal com as iniciais A. B. C.

GUARDA SOL

Entrega-se um a quem provar pertencer-lhe. Foi encontrado no dia 25 do corrente, no tramway que sai de Coimbra ás 6 da manhã para a Figueira. Nesta redacção se dis.

PROBIDADE

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua de Ferreira Borges, 165, 1.º

Tomam-se seguros de predios mobilias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

JARDINEIRO

MANUEL CALDEIRA, de 37 annos de edade, de Sernache dos Alhos, oferece-se a quem necessitar dos seus serviços, como jardineiro, nesta cidade ou immedições.

Tem longa pratica daquelle serviço, pois esteve durante 16 annos, effectivos, nos jardins dos srs. condes do Ameal, onde ainda hoje se conserva a trabalhar a dias.

Quem pretendêr pode procura-lo em Sernache dos Alhos.

CAZAS PARA ALUGAR

Arrendão-se do S. Miguel em deante os altos de duas moradas de cazas: uma na rua de S. Pedro n.º 10, com frente para a rua da Trindade, e a outra na rua da Trindade n.º 69.

Quem as pretendêr dirija-se a seu dono Antonio dos Santos Fonseca, rua dos Gatos n.º 7 a 17.

Nova loja de sola e cabedais

Os proprietários desta loja pedem a todos os artistas de Coimbra, neste género, que vizitem o seu estabelecimento, sito na rua dos Sapateiros, 7 a 11, onde encontrarão completo sortido, em sola, tanto como em cabedais.

rira nem nossos principios nem nossos costumes; porque não convirião a um ómém, collocado como o senhôr está, e cujas primeiras impressões fóraõ puramente sociais. Mais duma vez talvez, quando a vida lhe revelar os seus segredos, e quando as suas cadeias começárem a pezar-vos, sentado ao lume ospitalero do solar de vossos pais, aveis de deixar cair a cabeça e pensar na vida descuidada e livre dos boémios. Duas vezes me vistes intervir no vosso destino com uma autoridade que deve têr-vos surpreendido, eide-vos appareçer mais de uma vez ainda em difficuldades que, reduzido a vossas próprias forças, não poderíeis vencêr, e que vereis que eu afasto sem esforço. Muitas vezes, sem dúvida, áctos, que estais no costume de achar condenáveis, e que as apparencias vos tornarão odiosos, vos deitáraõ no espirito má opinião a nosso respeito, e, amanhã talvez, não vereis no ómém que vos fala mais que um sclerado; pensai então na protecção dezinteressada e no reconhecimento inviolavel de Jehan le Rechin, lembrai-vos do olhar com que vos fita neste momento, e não vos pronuncieis numa cauza obscura; não escuteis senão o coração nôbre e jeneroso, uma vós se á-de levantar nêle a favôr do mendigo que salvastes, do pai que restituistes á sua familia errante.

Ao terminar estas palavras, Jean levou o barão para debaixo da tenda em que estava pósta a ceia sobre esteiras que servião de assentos e sobre que rolávaõ já, á mistura, ómens e mulhéres, meninos e velhos, o urso, os macacos, o anão, os cães sábios, emfim toda a multidão selvajem e grotesca que Rechin chamáva a sua familia.

(Continua.)

CARTA DO DOURO

MELHUNDOS, 22-9-904.

Manhã formozza. Céu limpo; uma leve chuva enternecendo o ar, e dando fórmaz vagas aos montes d'ali de frente.

Cantaróão as raparigas que andão na vindima, e ouvem-se os estalidos sécos das teouras, garrotilhando os cachos.

E! rapazes. Viva a alegria! Grita Sebasuão, o corcunda, que co roado de parras, anda aos pinchos, beijando por entre os vindimadôres.

E as raparigas riem e cantão, e meneando as ancas, vão passando sempre carregadinhas de cestos, a entornar de cheiros.

Rebentão nas uvas sob os pés, e das bandas do logar, com as portas, todas abertas, vem um cheiro estonteador de uva esmagada.

E! rapazes. Viva a alegria! Isto é que é uva. Isto é que é fartura.

Se podésse trazêr-vos-a a todos aqui, para verdes o que é vindima. IDEM, 23-9-904.

Afásta! O automóvel vai a 80 á óra. Os fios do telégrafo riscão a correr o céu. As arvores parêce que se afástão, em fila, para trás. Um cão ladra. Mulhéres apreeirão ás janélas todas, engrinaldadas de vinha. Uma venda. Um burro de moleiro. Pinhais. Outro cão a ladrar.

Força. Larga. Larga sempre. Dezenróão-se mássas de montanhas. A vinha parêce que fóje assustada pelos freixos arribas. Afrouxa agora. Vamos numa subida.

Larga outra vez. Pó! Pó! Pó! Estamos quasi em Vizela. Que lindo que isto é. Tanta verdura, tanta agua!

Parámos. Vamos vêr o Parque. Bêlo. Vãmos ao Estabelecimento. Bom. E agora, . . . agora está visto. Até domingo. C. F.

EDUARDO DE NORONHA

A ambição dum rei

Obra illustrada com numerosas gravuras coloridas por Manuel de Macêdo e Roque Gameiro, impressa em magnifico papel.

Cadernêta semanal de 16 pájinas, 40 réis. Tómo mensal, 200 réis.

Um exemplar grátis a quem remeter adiantadamente a ésta emprêza a importância de dés cadernêtas ou tómos.

como convinha a um ómém da sua jerarquia, e só o seu olhar exprimiu ao seu libertadôr um reconhecimento que não alterou em nada o tom de superioridade que julgou dever tomar com êle, como teria feito antes de acontecer esta aventura.

Réchin não perdeu a linha que devia manter naquêle encontro. Mostrou-se menos familiar do que no castêlo do barão, e começou por lhe fazer entregar as armas, em quanto mandava pensar o cavallo.

Bertram, que teria seguido o seu nôvo dôno até ao inferno, chegou entretanto, precedido por Flint que saltava de alegria, e Réchin deu ordem para cuidarem num e noutro, sem esquecer a montada do bandido. Depois, tendo o barão consentido em percorrer os domínios do mendigo, este explicou-lhe pelo caminho como, avizado por um espião do bando, de que o barão acabava de sêr trazido para o acampamento, se tinha apressado, como seu senhôr absoluto, a vir para o sitio em que os ómens começávaõ a cumprir a sua onrada obrigação.

A Boémia, deve-vos, senhôr, um grande reconhecimento, e vós tendes arranjado no seu seio amigos que vos não faltarão, quando vos fórem precisos; o nosso poder, por sêr escondido e subterraneo, nem por isso é menos átivo. Os reis nem sempre deixáraõ de reconhecêr a sua existencia legal, e os personajens de mais alta jerarquia tem-na assalariado por vezes.

Um simples barão, disse Ombert sorrindo, não poderia por isso deide-nhar déla sem leviandade; por isso, meu ospedeiro, põño-me sob ésta alta protecção, e talvez não tardê muito a têr necessidade déla; porque acabo de ofendêr mortalmente um príncipe,

ORARIO DOS COMBOIOS

Desde 1 de Junho de 1904

SERVIÇO NO RAMAL DE COIMBRA

PARTIDAS

MANHÃ

- 6,0 — Tramvai: Figueira.
3,15 — Porto, Minho e Douro, Beira Alta até Mangualde; ás segundas, quartas, sextas e sábados até Guarda.
6,11 — Porto, Minho e Douro (até Tua) Beira Alta, Beira Baixa (por Pampilhosa) Ramal de Vizeu.
8,25 — Lisboa, Beira Baixa (por Abrantes) Leste e Caceres e Sul e Sueste. Os passageiros da 1.ª e 2.ª para Santarem, Setel e Lisboa R. passam no entroncamento ao rapido.
9,30 — Tramvai: Figueira.

TARDE

- 12,41 — Sud Express: Lisboa e Paris, ás segundas, quartas e sábados.
1,25 — Tramvai: Figueira.
2,35 — Porto e Ramal da Figueira (por Pampilhosa).
3,35 — Lisboa (pela linha do Oeste) e Figueira.
6,20 — Porto e Beira Alta (até Mangualde) ás terças quintas e sábados, tem ligação por Vizeu. Esta comboio leva os passageiros para o rapido para Lisboa.
6,50 — Lisboa, Figueira, Oeste e Leste, Ramal de Caceres e Beira Baixa.
7,25 — Sud Express: Paris e Lisboa, aos domingos, terças e quintas feiras.
9,7 — Rapido: Porto.
11,30 — Correio: Lisboa, Sul e Sueste.

CHEGADAS

Correspondencia em Coimbra B

MANHÃ

- 12,5 — Porto, Minho e Douro, Beira Alta desde Mangualde; ás segundas, quartas, sextas e sábados desde a Guarda, segundas, terças e sábados Vizeu.
3,50 — Lisboa, Beira Baixa Leste, Caceres, Sul, Sueste, Oeste e Figueira (1.ª e 2.ª classe.)
5,40 — Lisboa, Beira Baixa, Leste, Caceres, Sul, Sueste, Oeste e Figueira (todas as classes.)
7,36 — Tramvai directo da Figueira (só no dia 23 de cada mês.)
8,49 — Porto, Beira Alta e Figueira (por Pampilhosa), ás quartas Vizeu.
9,20 — Tramvai: Figueira.

cujo apoio eu devia talvez procurar.

— Conheço um, replicou Réchin, que saberá pôr um freio á cólera do príncipe; aqui está, senhôr, quem cuidará em vós enquanto tiverdes necessidade do seu auxilio, acrescentou com um riso amargo.

Apezar d'estas palavras têrem escapado a Réchin como um pensamento sobre a sua própria vida, fizêraõ tal impressão sobre Ombert que mais de uma vez se lembrou délas no decorrer d'estes acontecimentos.

Entretanto ia examinando com curiosidade o azilo que a tribu nômada, de que era ospede, uma noite, tinha sabido estabelecer naquêle desfiladeiro solitário.

O cêntro era occupado por uma tenda circular e abêrta; ésta tenda éra formada por bocados de estôfos diversos na cor e no tecido; no meio estava acêza uma grande fogueira, que parecia não têr outro fim do que aquecêr aquêla sala abêrta a tôdos os ventos do céu, e que abrigava os cavalos e o gado que estávaõ confundidos sem órdem aparente.

As cozinhas estávaõ fóra da tenda, e encostadas, pela maior parte, aos rochedos; nêlas se viaõ os espêtos a jirar, ostentando a esperanza da ceia, que parecia devêr estar próxima, e que éraõ contemplados com olháres ávidos pelas crianças pequenas e pelos cães adultos. Esse logar, éra tambem o de reunião dos cães palhaços que, em apêrtos, servião de ganha-pão ao bando, um urso fazia jirar um espêto com um ar bonacheirão, e um macaco, ainda toucado, com um bonê empennachado, queimáva os dèdos a tirar da bráza o assado que uma criança lhe disputava com vantajem. Quanto

TARDE

- 12,6 — Tramvai directo da Figueira.
1,5 — Sud Express: ás segundas, quartas e sábados.
3,10 — Tramvai de Alfaiates e mixto da Lisboa por Oeste e Figueira.
4,15 — Tramvai do Porto.
6,40 — Lisboa, Beira Baixa, Leste, Caceres e Figueira.
7,15 — Pampilhosa, Beira Alta, Figueira e Vizeu (todas as classes.)
7,50 — Sud Express: Paris, aos domingos, terças e sextas.
9,30 — Lisboa e Figueira (rapido).
11,40 — Tramvai, directo da Figueira.

DUBUT DE LAFOREST

Os Ultimos Escandalos de Paris

Grande romance illustrado de numerosas e esplendidas gravuras. Mais interessante que os Mistérios de Paris e Rocambole. Romance de acontecimentos sensacionais e veridicos occorridos na actualidade.

Brinde a todos os assinantes: — Uma elegante capa de brochura para cada volume, impressa a duas cores e com dezênhos apropriados ao assunto tratado no mesmo volume. Um premio da loteria da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa nas condições do prospecto em distribuição.

MARCELINO MESQUITA

LEONOR TELES (ROMANCE HISTÓRICO)

Grande edição de luxo profuzamente illustrada com gravuras de página a 12 cores, por Manuel de Macedo e Roque Gameiro, e impressa em magnifico papel.

Cadernêta semanal de 24 pájinas e 1 crómo ou 32 pájinas de texto — 60 réis. — Tómo mensal, 320 réis.

Brinde a tôdos os srs. assignantes — Um exemplar grátis a quem enviar a importancia de 10 cadernêtas, tómos ou volumes.

Em publicação na A EDITORA, largo Conde Barão, 60 Lisboa

TEIXEIRA DE PASCOAES

Para a lús

FIGUEIRINHAS JUNIOR Livraria editora — Lisboa

scitando de parte a parte a consumação dos factos sem odios remanescentes quasi; na Espanha e em Portugal succedêraõ-se ininterruptamente todas aquêlas ferôzes atrocidades que a história nos refere. Podêmos dizêr que os invazôres não destruíraõ o país porque êle o estava já pelo vandalismo de seus defensores. Na Peninsula as guerrilhas ou quadrilhas não tinham rebuçado algum em matar os feridos e inermes, muitas vezes depois de lhes avêr es-carrado na câra!

Enfim talvez tivéssem sido as atrocidades dos defensores que impellerão os invazôres a correspondêr com re-prezalias semelhantes.

Ser-nos-is, por ventura tão cruêntas e tão vexatórias aquêlas invazôis se estivéssemos preparados com dignidade, disciplina, conhecimentos estratejicos e armas?

Não, de decerto. O que depois fizemos com o auxilio de ingêzês tê-lo-iamos feito com a gente de caza se não fóssemos então como ôje inchados de bravatas de valôr, mas no fundo laxos comodistas e consumados desprevenidos.

Poupámos sangue? Poupámos dinheiro? O sangue pelos filhos de Portugal derramado foi jenerosamente cupido, o que pagámos na sustentação de amigos e inimigos somando com o que vandalicamente destruímos deu uma despêza que facilmente cobriu muitas vezes a despêza que se teria feito com uma opposição nacional ao invazôr.

Poupámos mesquinhamente em construir com solidês para desperdiçarmos prodigamente em escorar derrocadas!... Fatalidade da nação portugueza.

E de que nos serviu tanto sangue derramado, tanta riquêza destruida, tanto braço para sempre roubado á lavoura? ... De nada!

Nem sequer a glória da vitória nos coube. E era justo. Quem venceu foi um general ingêz, as armas éraõ ingêz-las e o ouro tambem! Só o sangue, e nem tôdo e o suprémo sacrificio fóraõ nossos! Nas compensações tambem não fómos ouvidos. Quem é que poderia ouvir a voz de quem tinha deixado invadir até ao coração, o proprio país por um exercito de estropiados sem pólvora e sem sapatos?!

Poderia ao menos ter-nos sido proficua a lição — mas nem isso.

Eis mais uma razão porque entrei na liça.

(Continua.) Floro Henriques.

MANOEL DE SOUSA PINTO

A UNICA VERDADE

Drama em 2 actos

(45) Folhetim da "RESISTENCIA,"

O EXCOMUNGADO

XIV

O campo dos boémios

Ombert foi num momento reduzido á immobilidade completa pela turba multa dos assistantes, que se apoderáraõ de cada um dos seus membros, e julgava-se sem duvida na sua ultima óra, quando o som de uma voz bem conhecida disse com uma autoridade soberana, dissipando num instante a multidão que o cercava:

— Ospede, levanta-te. Bem vindo sejas!

A estas palavras, pronunciadas em lingua francêza e que se seguirão a uma apostrophe enérgica que não poderia comprehendêr, Ombert pôs-se rapidamente em frente de Jehan le Réchin.

Espantou-se menos em encontrar este ómém em tal logar e em tal companhia, do que com a mudança que se operára na figura e no trajar do mendigo.

A umidade eroica da sua attitude dêra lugar a uma dignidade real: o seu côrpo tinha-se endireitado por milagre, e não parecia ter mais de quarenta annos; um vestuário pompôzo e extravagante fazia sobressair o seu bom ar, os olhos brilhávaõ na sombra que um turbante de sêda projetava sobre o seu rôsto moreno, e em toda a sua fizonomia transparecia uma majestade selvajem. O barão dissimulou a surpresa



### União Vinicola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portugueses, á venda na

### Mercearia LUZITANA

(Depósito unico em Coimbra)

### Companhia de Seguros Reformadora

A única que em Portugal efetua seguros postaes, para todas as cabeças de distritos e de comarcas.

Correspondentes: Gaito & Canas.

### Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

### Mercearia LUZITANA

### Fumeiro do Alemtejo

Recebeu mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é uma revendedora em Coimbra, a Mercearia Luzitana.

Repara... Lê...

Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipações, bronquites, rouquiões, asma, tosse, coqueluche, influenza e outros encomodos dos órgãos respiratorios.

Se atenção sempre, e cuido as mais das vezes com o uso dos *Sacharolides d'alcatrão, compostos (Rebuçados Milagrosos)* onde os efeitos maravilhosos do alcatrão, jenunamento medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidenciou em toda a sua salutar eficacia.

E tanto assim, que os bons resultados obtidos com uso dos *Sacharolides d'alcatrão, compostos (Rebuçados Milagrosos)* são confirmados, não só por milhares de pessoas que os tem usado, mas tambem por abalizados facultativos.

Farmacia Oriental — S. Lazaro — Porto.

Caixa, ayulco, no Porto, 200 réis pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis

### Oficial de relojoeiro

Preciza-se dum, na relojearia Araujo. Rua do Visconde da Lus — Coimbra.

### Antonio Ribeiro das Neves Machado

ALFAIATE

Fornecedor da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Rua da Sofia, 58 a 62 (caza d'azulejo)

### COIMBRA

Variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Confecções para ómen e crianças, pelos ultimos figurinos.

Vestes para ecclesiasticos.

Camizas, gravatas, suspensorios e diversos artigos para ómen.

### PREÇOS REZUMIDOS

### “REZISTENCIA,”

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno..... 2\$700  
Semestre..... 1\$350  
Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 2\$400  
Semestre..... 1\$200  
Trimestre..... 600

Brazil e Africa, anno..... 3\$600  
Ilhas adjacentes, „..... 3\$000

### ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto de 50%.

Communicados, cada linha..... 40  
Réclames, cada linha..... 60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal for onrado.

Avulso 40 réis

## PASTELARIA E CONFETARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

### COIMBRA

Nesta caza, regularmente montada no jénero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza.

Dóces de ovos com os mais finos recheios.

Dóces de fructa de diversas qualidades, secos e cristalizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especializando os de folhado.

Galantines diversas. Tête d'Achar. Patê de Lievre e Foie.

Saucesses. Pudings de diversas qualidades, visto eamente enfeitados. Pão de lo, pelo sistema de Margarié.

Especialidade em vinhos generozos e licores finos das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

### CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos produtos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32

## FABRICA DE TELHÕES, MANILHAS E TIJOLOS

Pedro da Silva Pinho Coimbra

Premiado na Exposição de Ceramica Portuguesa, no Porto, em 1882, com diploma de merito; medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

29, Rua João Cabreira, 31 — COIMBRA

A mais antiga e acreditada fabrica de Coimbra, unica que tem pessoa mais habilitada para construcção e solidez de telhões, manilhas, ephões para retrates vasos para jardins e platibandas, balaustros, tijolos para ladrilhos de tornos, tijolos grossos para construcções e chaminés, tachos para cozinha a imitação dos de Lisboa, etc., etc.

Todos estes artigos são de boa construcção e por

Preços economicos

## Alfaiateria Guimarães & Lobo FONOGRAFOS

54 — RUA FERREIRA BORGES — 56 (Em frente ao Arco d'Almedina)

Abriu este novo estabelecimento onde se executa com a máxima perfeição e modicidade de preços toda a qualidade de fatos para ómen e criança, para os quais tem um variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Ha tambem uma grande variedade em fanelas e paos pretos para capas e botinas, para todos os preços.

Artigos para ómen como camisaria, gravatas, luvas, etc.

Pede-se ao publico a fineza de visitar este estabelecimento.

### Consultorio dentario

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

### CÁZA MEMÓRIA

Santos Beirão & Enriques

Sucursal em Coimbra

99 — Rua Visconde da Lus — 103

Esta caza continúa a fornecer ao público as suas acreditadas máquinhas de costura *Memória*. Tem todos os modêlos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bobine central, o que á mais perfeito.

Ninguém compre sem vizitar esta antiga e acreditada caza, para se certificar da qualidade e preços destas máquinhas que nenhuma outra se pôde igualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a *Memória* com tantas outras que por si se vendem. Vendem-se a prestação e a pronto pagamento. Aceitam-se máquinhas usadas em troca pelo seu justo valôr.

### Pianos

Esta caza acaba de receber importantes remessas de pianos alemães e francêzes que vende a pronto pagamento por serem importados diretamente dos fabricantes; vendem-se ao publico em melhores condições do Porto ou Lisboa. Aceitam-se pianos em troca e comprão-se pianos usados.

A' sempre quantidades de pianos para alugar.

Manoel José Têles, Rua Ferreira Borges, n.º 150 a 156, tem em deposito os magnificos *Fonografos Edison* de diferentes preços e tamanhos.

Variada e grande coleção de cilindros, com lindas óperas, cançonetas, cançonetas, monologos, etc., nacionaes e estrangeiros que vende pelos preços das principaes cazas de Lisboa e Porto.

Sempre cilindros com musicas novas e muito escolhidas.

### Potes para azeite

Vendem-se 10 potes em bom uso e muito bem conservados que, armazenão 900 decalitros de azeite, vendem-se juntos ou separados. Preços excessivamente baratos.

Praça do Commercio, n.º 34 e 35. — Coimbra.

### SEGUROS DE VIDA

La Mutual Reserve Life

INSURANCE COMPANY

RESERVA MUTUA

De NEW-YORK

Correspondente em Coimbra

João Borges

Rua Ferreira Bôrges, 27 a 29

### Consultório médico-cirurgjico

Análizes clinicas

(Expêtorações, urinas, etc., etc.)

Vicente Rocha e Nogueira Lobo

Rua Ferreira Borges, n.º 97

### CONSULTAS:

Das 10 1/2 ás 12 da manhã e das 3 ás 4 da tarde.

### MARIO MACHADO

Cirurgião dentista pela Universidade

Tratamento de todas as doenças de bóca e dentes. Dentaduras desde as mais simples ás mais luxozas.

Consultório — Largo da Sé Velha.

Preços modicos

## Agua da Curia (Mogoforos — Anadia)

Sulfatada-Calcica

A unica analysada no paiz, semelhante á afamada agua de CONTREXÉVILLE, nos Vosges (França)

Estabelecimento balnear a 2 kilometros da estação de Mogoforos Carros á chegada de todos os comboios

Hotel perto dos banhos

### INDICAÇÕES

Para uso interno: — *Arthritismo, Rheumatismo chronico, Gotta, Lithiasa urica, Lithiasa biliar, Engorgitamentos hepaticos, Catarrhos vesicaes, Catarrho uterino.*

Para uso externo: — *Em diferentes especies de dermatoses.*

Como purificadora do sangue não ha nenhuma no paiz que se lhe avantage

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.º sr. Charles Lepierre.

A agua da Curia não se altera, nem pelo tempo, nem pelo transporte

A' venda em garrafas de litro — Preço 200 réis

Deposito em Coimbra — PHARMACIA DONATO

4, Rua Ferreira Borges, 0

## GUÍA PRÁTICO

DE

ESCRITURAÇÃO E CONTABILIDADE

COMERCIAL, BANCARIA, AGRÍCOLA E FABRIL

Pelo professor e perito comercial Joaquim Enríques da Silveira Pássos

Diplomado pela Escola do Comércio de Lisboa

No dia 1 do corrente mês de Setembro começou a publicação semanal, em fascículos, desta importante e útil obra, destinada a abilitar, sem auxilio doutros estudos e sem mestre, a organizar, seguir ou balauçar a escrituração de qualquer caza comercial, bancaria, agricola ou industrial, a exercêr habilmente qualquer logar de carteira e a concorrer com a precisa abilitação aos concursos de bancas e repartições públicas.

O *Guia pratico* ensina a rezolvêr cerca de mil problêmas vários sobre escrituração e contabilidade e é dividido em dois volumes.

### 1.º volume — Cálculo

Compreende o ensino pratico das operações sobre: Números inteiros, decimais, quebrados, complexos, elevação a potencias, extracção de raizes, divisibilidade, sistema métrico, régras de três simples e compôstas, régra de conjuntos, régras de companhia, de liga, de avarias, percentâjens, juros, descontos, prazo médio, juros reciprocos ou juros de contas correntes pelos métodos dirêto, indirêto e amortiguês, câmbios, juros compôstos, annuidades, fundos públicos, papeis de crédito d arbitrájens.

### 2.º volume — Escrituração

Compreende cinco modêlos completos com todos os livros principais e auxiliares, sendo todos os problêmas acompanhados das mais claras e precisas explicações: 1.º modêlo, uma escrita pelo sistema de partidas simples; 2.º, uma escrita duma caza comercial, contendo oito mêzes de operações diversas pelo sistema de partidas dobradas, com três balanços; 3.º, uma escrita duma caza de comissões e consignações; 4.º, uma escrita duma industria explorada por uma sociedade anónima; 5.º, uma escrita agricola.

Preço de cada fasciculo em Lisboa e na provincia 100 réis.

As assinaturas podem ser feitas por bilhete postal dirigido á empzesa da publicação desta obra a Afonso d'Oliveira, rua do Arsenal, 108, ou ao ajente em Coimbra — Moura Márques — LIVRARIA.



## VINHOS DE PASTO

GENUINOS

BRANCOS E TINTOS

Para consumo e exportação

Vendas por junto e a miúdo

## COIMBRA

Installação provisoria: rua da Sota, n.º 8

Tabella de preços de venda a miúdo (20 de abril de 1904)

Marcas	Garrafas de 5 litros	Garrafas de litro	Garrafas de 1/2 litro
Tinto GRANADA . . . . .	600	120	80
» CORAL . . . . .	600	120	80
» AMETHYSTA . . . . .	500	—	—
Branco AMBAR . . . . .	600	—	100
» TOPAZIO . . . . .	—	—	120

Nos preços indicados não vae incluida a importancia do garrafão (360 réis) nem a das garrafas (60 réis para a garrafa de litro, 50 réis para a bordaleza), que se recebem pelo custo.

Prevenção. — Os garrafões levam o carimbo da Adega em lacrey e nos rollhas das garrafas e garrafões vae o emblema da Adega impresso a fogo, ao lado e na parte superior.

Distribuição gratuita aos domiciltos, dentro dos limites da cidade, em compradas de 2 garrafões ou duzia de garrafas.